REVISTA DA SEMANA

24 de Janeiro de 1953 Cr$ 4,00 em todo o Brasil

NO TEXTO:

MODELOS PARA CARNAVAL
História dos antecessores de IKE
O SANTO APÓSTOLO DAS ÍNDIAS



JÁ SAIU O LIVRO MARAVILHOSO DOS **MIL** ASSUNTOS...

O MAIS BELO
E MAIS ÚTIL

almanaque de 1953

CONTENDO:

20 CONTOS

NARRATIVAS HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS HISTÓRIAS INFANTIS

UMA COMÉDIA PARA REPRESENTAR

UM ROMANCE COMPLETO:

"QUO VADIS"

O MARAVILHOSO ROMANCE DE H. SIENKIEWICZ, RICAMENTE ILUSTRADO A CÔRES POR FORTUNIO MATANIA

"EU SEI TUDO"

ÀS BANDEIRAS DE TÔDAS AS NAÇÕES NAS CÔRES PRÓPRIAS

PÁGINAS EM POLICROMIA

NAS BANCAS DE JORNAIS, **EM TODO O BRASIL**

CALENDÁRIOS:
CATÓLICO ★ CIVIL ★ ISRAELITA ★ PERPÉTUO ★ PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS E TÔDAS AS INFORMAÇÕES ASTROLÓGICAS ÚTEIS PARA O ANO

PREÇO **25** CRUZEIROS

ATENDE-SE PELO REEMBÔLSO POSTAL OU VALE DO CORREIO

PEDIDOS À CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO



Tamanho não é documento. O Hipopótamo come capim como qualquer ovelha. Mansinho, pesando 500k, gosta de 39° à sombra.

PERIGO NO ZOO!

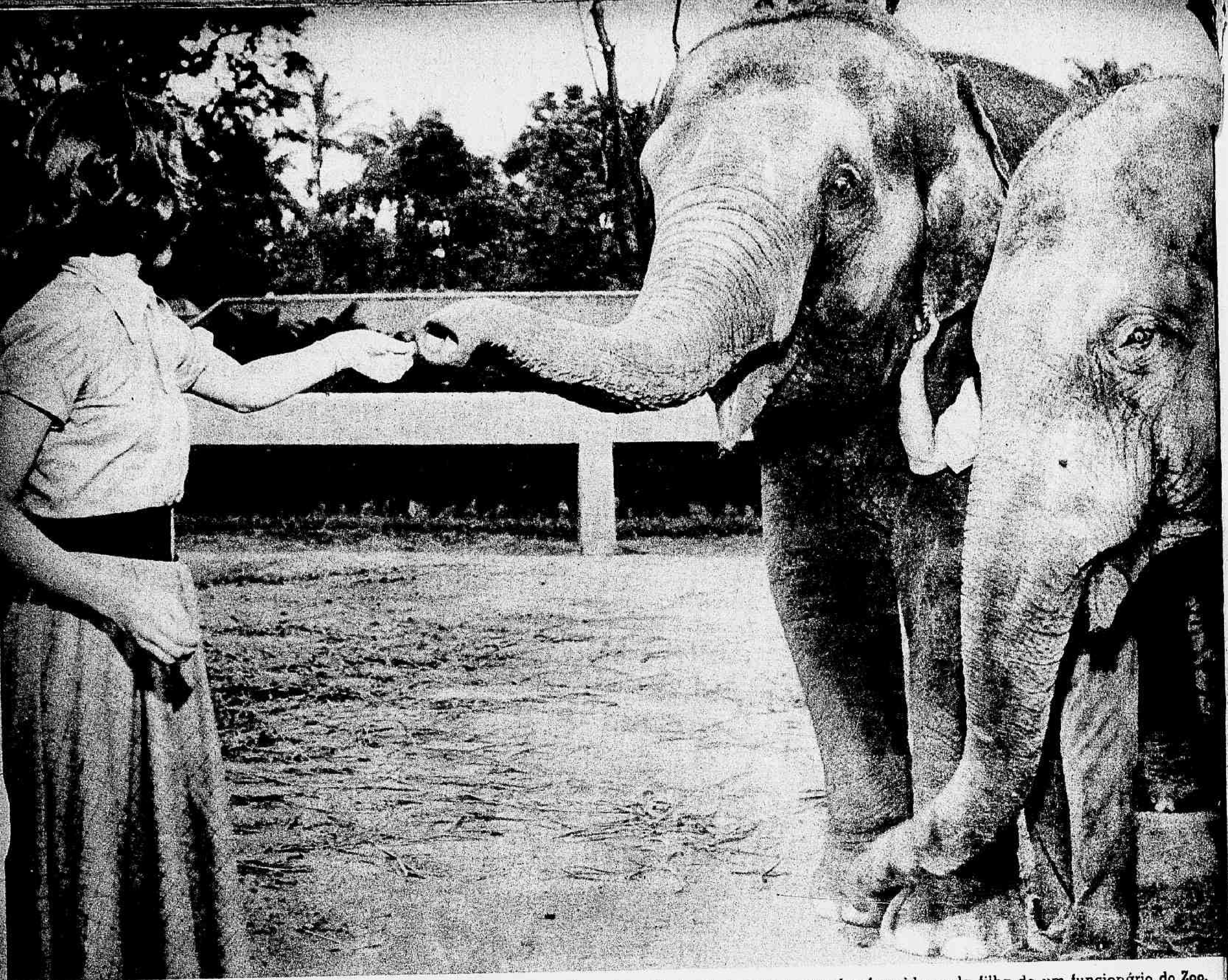
A MALDADE HUMANA AMEAÇA AS FERAS

LETREIROS QUE SERIAM ULTRAJANTES PARA O INGLÊS ★ FORTES E FRACOS ★ O DRAMA DO GUEPARDO ★ A MACUMBA DAS SEXTAS-FEIRAS

Reportagem de EDMAR MOREL
Fotos de EDIR VIEIRA

Na época em que o Barão de Drummond fundou o Jardim Zoológico e, conseqüentemente, o "Jôgo do Bicho", havia um corpo de voluntários encarregado de zelar pela segurança dos animais. Uma espécie de Corpo de Bombeiros que é encontrado a cada passo nas longínquas aldeias de Portugal, cujas famílias manifestam orgulho quando apontam um filho como Soldado do Fogo!

No tempo do Barão, pequenos comerciantes e homens públicos montavam guarda no Zoo e o próprio visitante contribuía para o bem-estar das feras. Aliás, em Londres, seu Zoo, que é particular, tem no povo o seu maior zelador. Desgraçadamente, no Brasil, dá-se o contrário. Vários bichos já foram sacrificados por indivíduos perversos e houve até um professor primário que foi prêso, em



Elefante não come apenas capim. Suas preferências alimentares são muitas. Gosta de bananas, quando oferecidas pela filha de um funcionário do Zoo.

flagrante, quando, em companhia de um grupo de alunos, dava pedaços de espelho e uma lâmpada como alimento a um avestruz.

Numa autópsia realizada, recentemente, foi encontrado no estômago de u mjacaré, um anzol com 15 centímetros.

Certa vez, uma senhora, decentemente trajada, tentou subornar o guarda João Santana, com dois mil cruzeiros, a fim de deixar o leão comer um pedaço de carne com estriquinina. O leitor, certamente, indagará intrigado:

— Por que isto?

— Apenas, macumba!

Tôdas as primeiras sextas-feiras do mês, a guarda é reforçada para evitar atentados daquela natureza e impedir que as chamadas palmas de São Jorge sejam cortadas e atiradas às jaulas.

OS FORTES

O Zoo tem 1 950 animais, inclusive trinta feras perigosas, como um tigre de Bengala, o chamado "Nero", sob a guarda, apenas, de 15 homens.

Em quatro anos de cativeiro nunca um tratador conseguiu, através das grades, acariciar a sua cabeça, enquanto outros animais, aparentemente ferozes, comem na mão do "Pacífico", um homem que lida com feras há 20 anos.



As girafas, que tanto alvorôço causaram quando aqui chegaram, ainda atraem fãs. Ei-las a receber alimentação das mãos do tratador Pacífico.

Quatro onças — e tôdas elas batizadas com nomes de mulheres, como "Cleopatra", "Diana", "Marina" e "Nina" — foram alimentadas com mamadeira e hoje constituem espécimes de rara beleza, mansas, a ponto de Adir Vieira tirar fotografias dentro da jaula.

Os elefantes, quando estão de bons bofes, recebem bananas das mãos das crianças.

A despeito da docilidade dos paquidermes, a elefanta "Edse" que passeava com garotos no seu dorso, sofreu duas tentativas de evenenamento. Um desalmado, porém, foi mais longe, ateando fogo no seu alojamento de palha. Mais infeliz foi um guepardo, que engoliu um bife com vidro moído. A sua morte foi instantânea e o outro guepardo, — o marido — foi dominado por profunda melancolia, o qual, para sobreviver, está recebendo cuidados especiais, inclusive passeios matinais pelas alamedas.

Os ursos pretos, por princípio, só recebem a alimentação fornecida pelo tratador. Apreciam banana prata e laranja. O consumo de banana do Zoo, por semana, é de 510 cachos, contra 500 dúzias de laranjas.

As feras mais terríveis gostam, justamente, de alimentos próprios de crianças: os tigres, leões e onças bebem leite e alguns, em casos excepcionais, mel de abelha, ovos, etc.

Os animais do "Zoo" não comem, apenas, alfafa, milho, capim, bananas. Devoram pombos e cobaias vivas, alimento predileto das gigantescas sucuris e jacarés, camarão e peixe fresco. O consumo de peixe, numa semana, é de 250 quilos, contra 1.200 amarrados de caranguejos. Seguem-se couve manteiga, agrião, chicória, cenoura, amendoim, cana, mate, aveia — até uvas moscatel, mamão e maçãs.

OS FRACOS

Da mesma maneira que a A. B. I. está para o Herbert Moses e a "Casa do Estudante" para a sra. Ana Amélia Carneiro de Mendonça, o Zoológico está para Melo Barreto, integrado de corpo e alma na vida dos animais. A sua grande preocupação nos últimos meses foi salvar o lôbo marinho que encalhou num curral de Guaratiba. Construíram acomodações especiais. Todavia, o calor de 38º à sombra liquidou com o bicho que proporcionou uma renda de mais de Cr$ 350.000,00

Já falamos dos fortes. Chegou a vez dos fracos, comandados pelas girafas encomendadas pelo general Mendes de Morais, quando Prefeito e que tanto barulho deu na Câmara Municipal. Pelo tamanho dos quadrúpedes e sua mansidão, prova-se que tamanho não é documento... Os rinocerontes, como as zebras, os camelos e o próprio hipopótamo, foram enfrentados pela objetiva da REVISTA DA SEMANA a um metro de distância e pousaram como verdadeiras "girls" de Hollywood.

A única que não gostou do "flash" foi uma enorme sucuri da Amazônia, com 5 metros de comprimento e que enlaçou o domador.

Dos fracos, o mais barulhento pela gritaria que faz a todo instante, pedindo comida, é a ariranha, mamífero da família dos Mustelideos. Em linguagem mais clara e para evitar trabalho no dicionário, a ariranha é uma espécie de lontra, um excelente comedor de carne. O seu "habitat" é a água.

Os macacos tão procurados pela criançada são, também, vítimas prediletas dos perversos. A bondosa "Catarina" que tira fotografias em qualquer pose, já sofreu dois atentados. Dois macacos no último semestre de 1952, morreram envenenados.

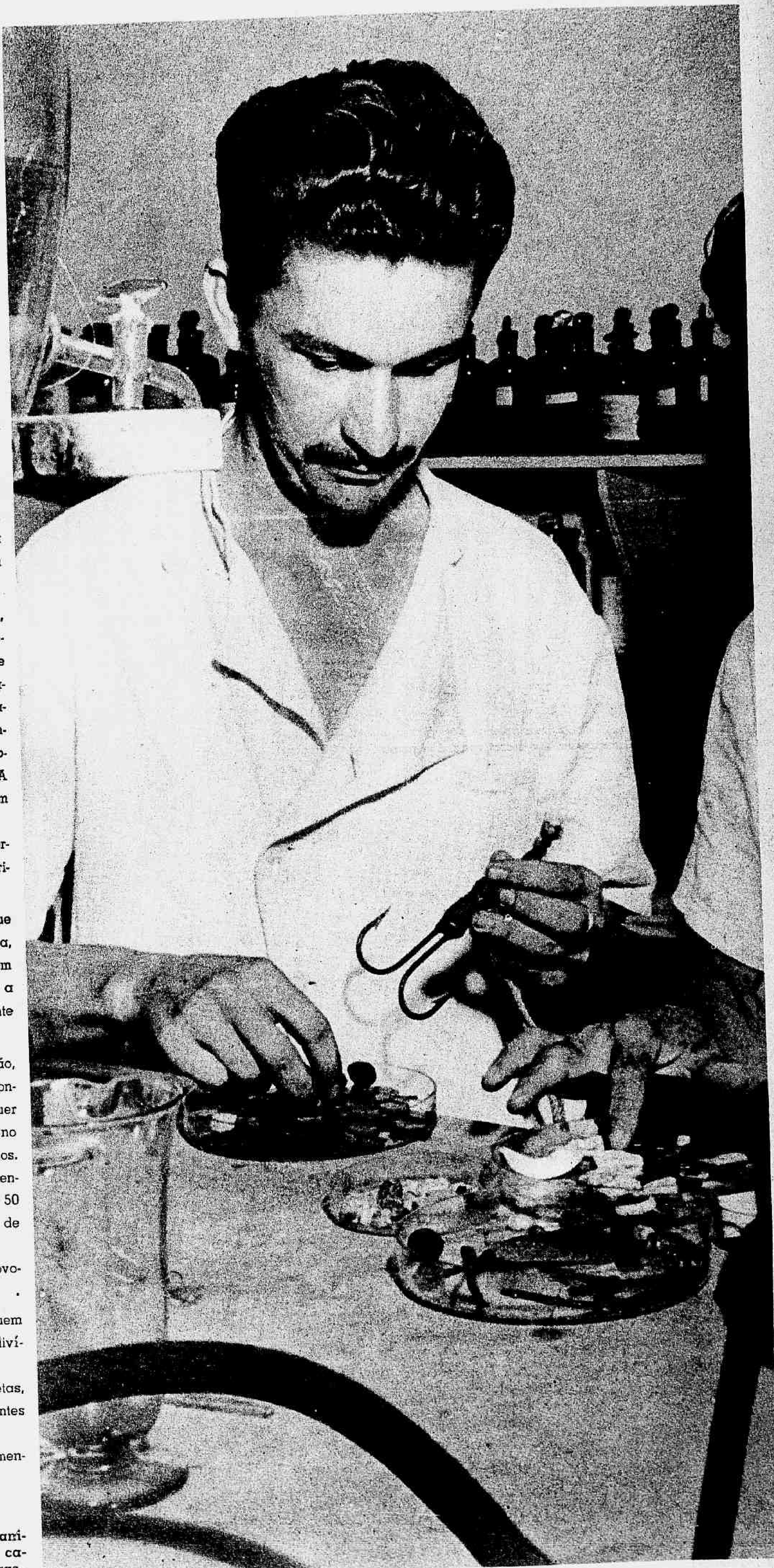
No estômago de um avestruz, os veterinários encontraram 16 cruzeiros em níqueis de 20 e 50 centavos. Uma ema foi morta com um pedaço de arame que varou a garganta.

Alguns desalmados dão lenços às emas, provocando asfixia.

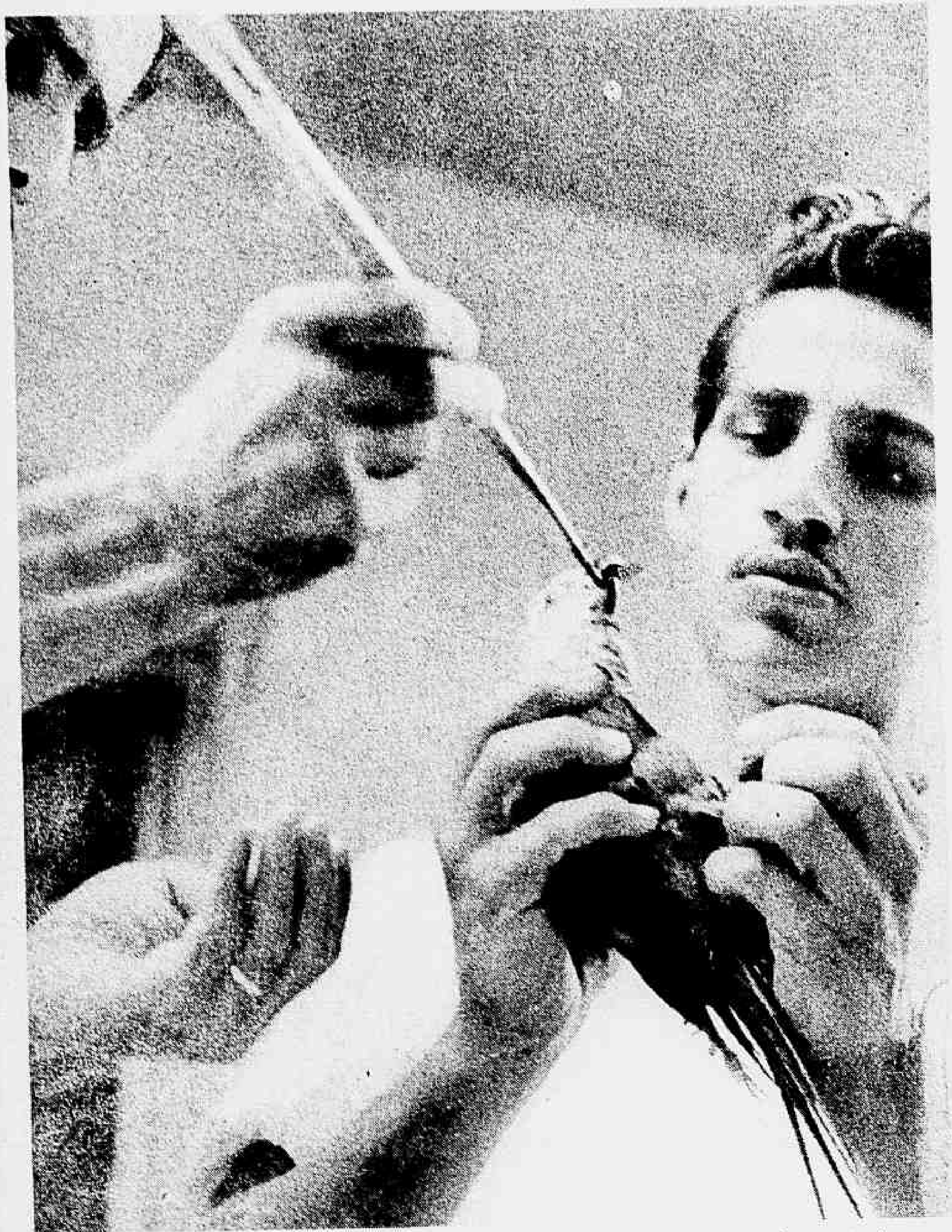
Diante de tanta selvageria, pergunta-se: — Quem deveria estar nas jaulas, os animais ou os indivíduos perversos, inclusive aquele professor?

É por isto que o Zoo está cheio de tabuletas, com dizeres que seriam considerados ultrajantes para o povo inglês.

—— "É expressamente proibido fornecer alimentos aos animais, sob pena de prisão!



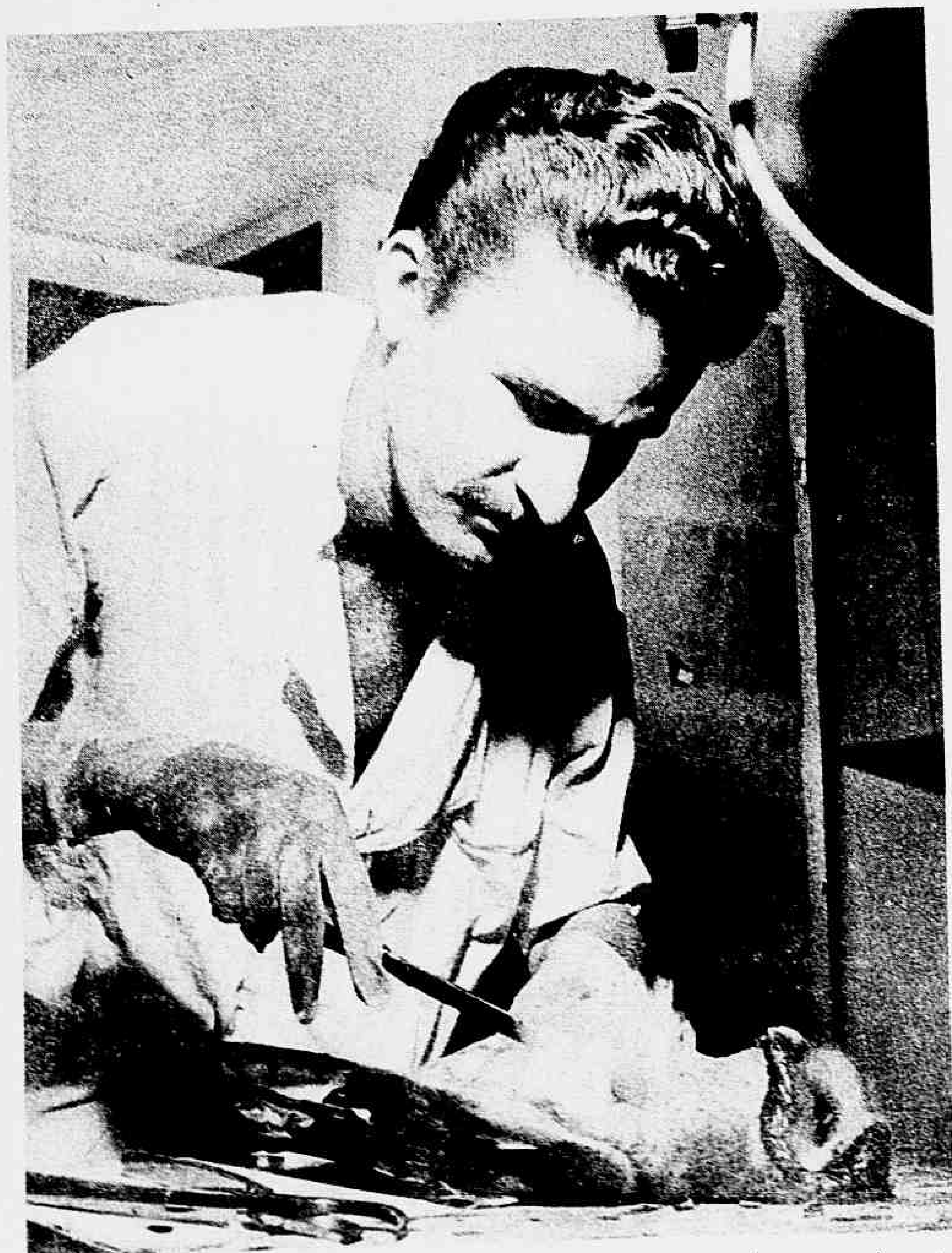
Tudo isto ocasionou a morte de dezenas de animais do Zoo: níqueis, vidros, pregos, e até cadeados, já foram retirados das suas vísceras.



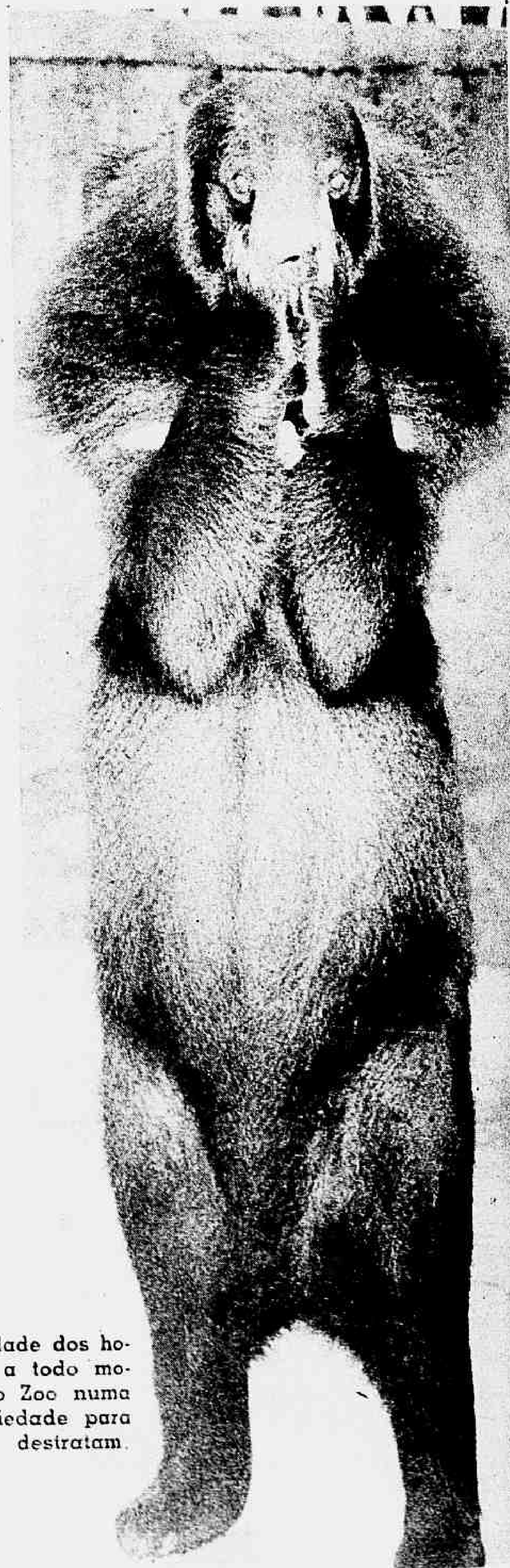
A melhor coisa para curar doença em bico de papagaio, saibam todos que os possuem: é alho. Um curativo e o bicho volta a tagarelar todo eufórico.



Um professor primário fêz isto com uma avestruz: ofereceu-lhe uma lâmpada como alimento. Resultado: matou-a. Perversidade ou ignorância?



Morta uma ave no Zoo, imediatamente é feita a necropsia e, geralmente, os veterinários encontram corpos estranhos no aparelho digestivo dela



Urso, a vítima da maldade dos homens, que o xingam a todo momento. Ei-lo em nosso Zoo numa atitude de evidente piedade para com aquêles que o destratam.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ N.º 4 ★ 24-1-53

SUMÁRIO

REPORTAGENS

Perigo no Zoo!	3/ 6
A fascinação de um par de meias	19/35
O Santo Apóstolo das Índias	23/26
A beleza oculta no barro	36/37
História dos antecessores de Ike	47/50

LITERATURA

País das sombras, país da luz	7
João Muriango	11
Desespêro	14
São Sebastião dêste Rio de Janeiro	20
Semana Literária	34
A bem-amada	52

SEÇÕES PERMANENTES

A Personagem da semana	8
A semana em revista	8/ 9
Lido... visto... ouvido	16/17
A Revista há 50 anos	18
Conta-me teus sonhos	18
Passatempo	41
Último flash	54

FEMININAS

A luz da psicanálise	38
A saúde do bebê	39
Conversa de mulher	40
Rotina de beleza	41
Carnaval — Fantasias suntuosas	43/44
Carnaval de luxo	45/46
Arabelle (folhetim)	40

CARICATURA

Êste mundo e o outro	31

CAPA

Susan Bal (U.-International)

★

Diretro: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Reportagens: NAPOLEAO AGUSTIN LOPES — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposição de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N. Y. Na África Oriental ortuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser enderaçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizada Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 52 páginas.

★

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

★

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS DARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$350,00
Seis meses	Cr$180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

País dos sonhos, país da luz...



PODERÁ um dia a ciência penetrar o mistério da morte? Nada nos autoriza a responder afirmativamente à pergunta, mas tentativas bem sérias têm sido feitas nesse sentido.

Desde muito os ateus perguntam pelas revelações de Lázaro: tendo sido ressuscitado pelo Mestre, Lázaro poderia ter dito alguma coisa sôbre o Além, revelando o que existe nesse país das sombras, do qual ninguém mais voltou e que êle, tendo visitado, devia conhecer... O que não disse Lázaro, depois do doce milagre, procura agora a ciência descobrir, investigando o país da Morte. Realmente, foi apresentado ao Congresso Americano de Medicina, recentemente realizado, uma comunicação por demais interessante para que se perca no noticiário dos jornais. Trata-se do que ali revelou o sábio Doutor S. J. Haycox, médico e psicólogo, quem, desde 1937, vem procurando sondar o mistério do Além, procurando o retardamento da morte ou a ressurreição dos moribundos.

Foi assim que êle revelou dois casos importantíssimos. O primeiro, de Miss Ann Belt, que se encontrava em estado de morte aparente. Procurando interrogá-la, Haycox conseguiu que ela lhe dissesse alguma coisa. Entre outras, afirmou Ann Belt que no lugar em que estivera havia luzes, côres, sons, no princípio... e que, depois, tudo se tornou negro, negro, negro...

Haycox prosseguiu suas experiências. Pesquisou reações bioquímicas e biofísicas. Verificou que se registravam ondas elétricas alfa e beta. E, principalmente, utilizou um aparelho reanimador que, ligado ao coração, faz com que um moribundo se reanime e possa falar. Uma das experiências mais importantes feitas por êle foi com Miss Maud Bycroft, já moribunda. Aplicado o aparelho, após oito horas e doze minutos, ela deu indícios de ter... revivido. O sábio preparava-se para interpelá-la, quando Miss Bycroft indagou:

— Por que voltei?

— De onde voltou? — indagou o professor...

E Miss Bycroft começou a falar:

— Havia lá luz, muita luz... E côres que se harmonizavam com uma música de sons diversos... Sôbre as ondas dessas harmonias é que eu era levada... Era delicioso... Flutuava no espaço, mergulhada numa transparência luminosa como a do cristal... Não havia mais sofrimento, nem inquietude... Por que não me deixaram lá?...

Miss Bycroft viveu ainda três dias, partindo depois para êsse país que sempre consideramos o país das sombras e que ela nos veio contar ser o país da luz, das côres, de ignoradas harmonias... tal qual aquêle que vira Miss Ann Belt.

Seria realmente assim? Seria êsse um pouco do mistério da morte? Poderíamos acreditar nessas informações, embora em um caso se tratasse de catalepsia e no outro de uma moribunda?

A própria ciência, sem mesmo tratar dos aspectos metafísicos da questão, mostra-se indecisa, a respeito. Afirma que os indivíduos sujeitos a síncopes e os toxicômanos também têm essas visões luminosas, essas assombrações de côres, êsses fantasmas auditivos, devido a perturbações da circulação e a falta de oxigênio no cérebro...

A morte, portanto, continua envôlta no seu manto de mistério, aquêle mistério que só Lázaro nos poderia revelar e que êle não quis referir... Até agora, o sábio Haycox nos deu apenas informações sôbre o que existe nas fronteiras do Além, cujas portas permanecem cerradas às experiências e das quais a ciência, na sua forja miraculosa, ainda não conseguiu fazer a chave...

E que continua a ser inexoràvelmente o impenetrável país das sombras.

EDMUNDO LYS

A PERSONAGEM da SEMANA



O Banco do Brasil é, por fôrça de sua própria organização, cuja complexidade abrange pràticamente todos os setores da vida econômica, comercial e financeira da nação, um ponto-chave do govêrno do país. Tècnicamente, por assim dizer, subordinado ao Ministério da Fazenda é, de fato, como que uma autarquia e o seu Presidente despacha diretamente com o Chefe da Nação. Isto talvez seja a causa principal dos constantes desentendimentos entre o Presidente do Banco e o titular da Fazenda, os quais já se vão tornando uma constante na vida pública nacional.

Vinha de longe o desacôrdo entre o sr. Ricardo Jaffet e o sr. Horácio Laffer, situação que se agravara ùltimamente em face do rumoroso caso do algodão, que o Banco comprou, operação que, inicialmente, fôra objeto de restrições por parte do sr. Laffer.

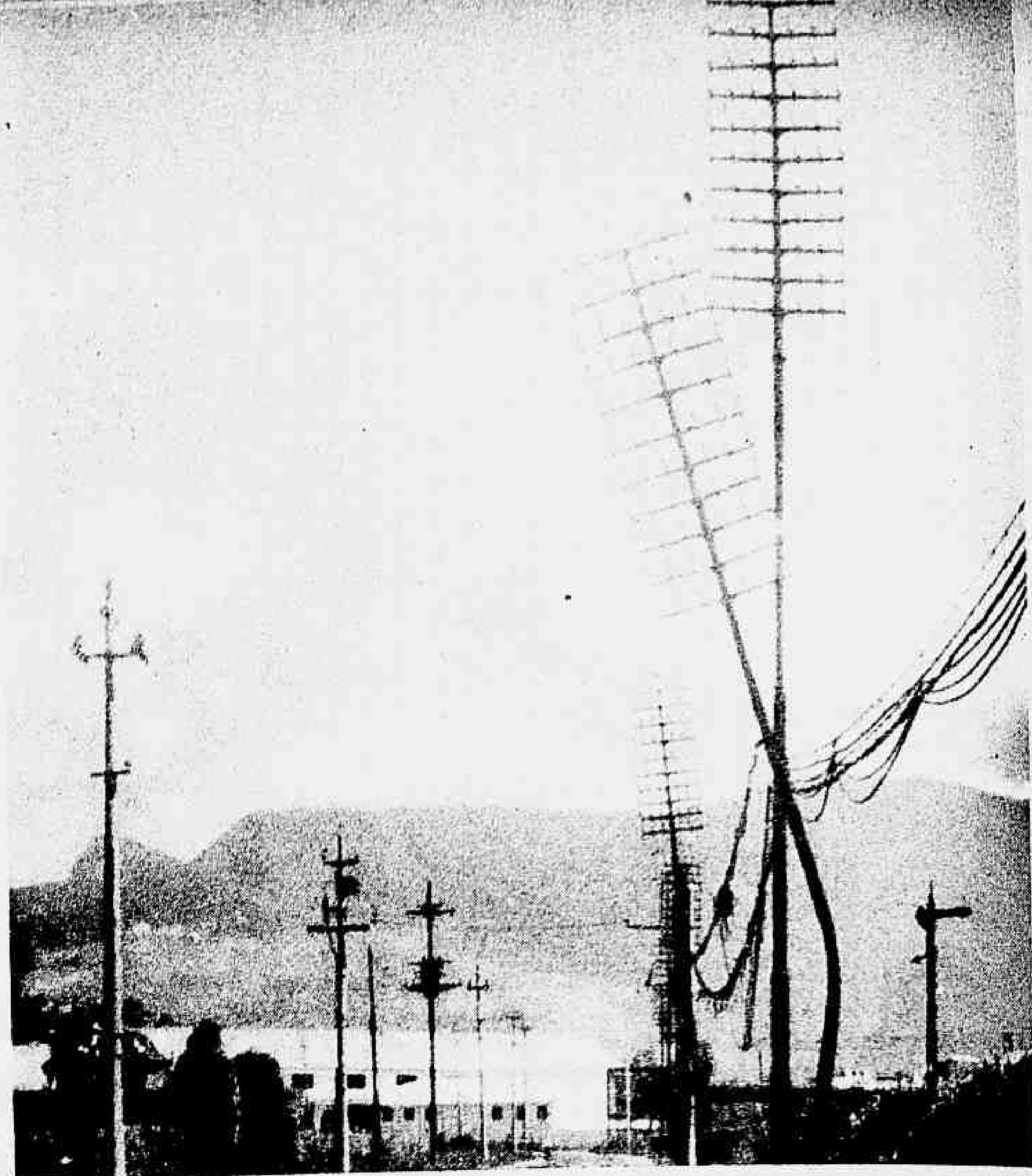
Assim a escolha do processo de venda da mercadoria recolocou o assunto no cartaz e a nação acompanhou o debate Laffer-Jaffet, ao que parece, preferindo a orientação do primeiro: exportação do produto e não venda no mercado interno.

Vitorioso afinal o Ministro da Fazenda, em virtude da Superintendência da Moeda e do Crédito, em três reuniões sucessivas, ter preferido a tese Laffer, endereçou o sr. Ricardo Jaffet uma carta ao sr. Getúlio Vargas pedindo exoneração, no que foi atendiod pelo Chefe do Govêrno.

O sr. Ricardo Jaffet, comerciante, banqueiro e industrial tem a sede de seus negócios em São Paulo, onde, de certo, voltará a exercer as suas atividades. E ficou interinamente na Presidência do Banco o General Anápio Gomes.

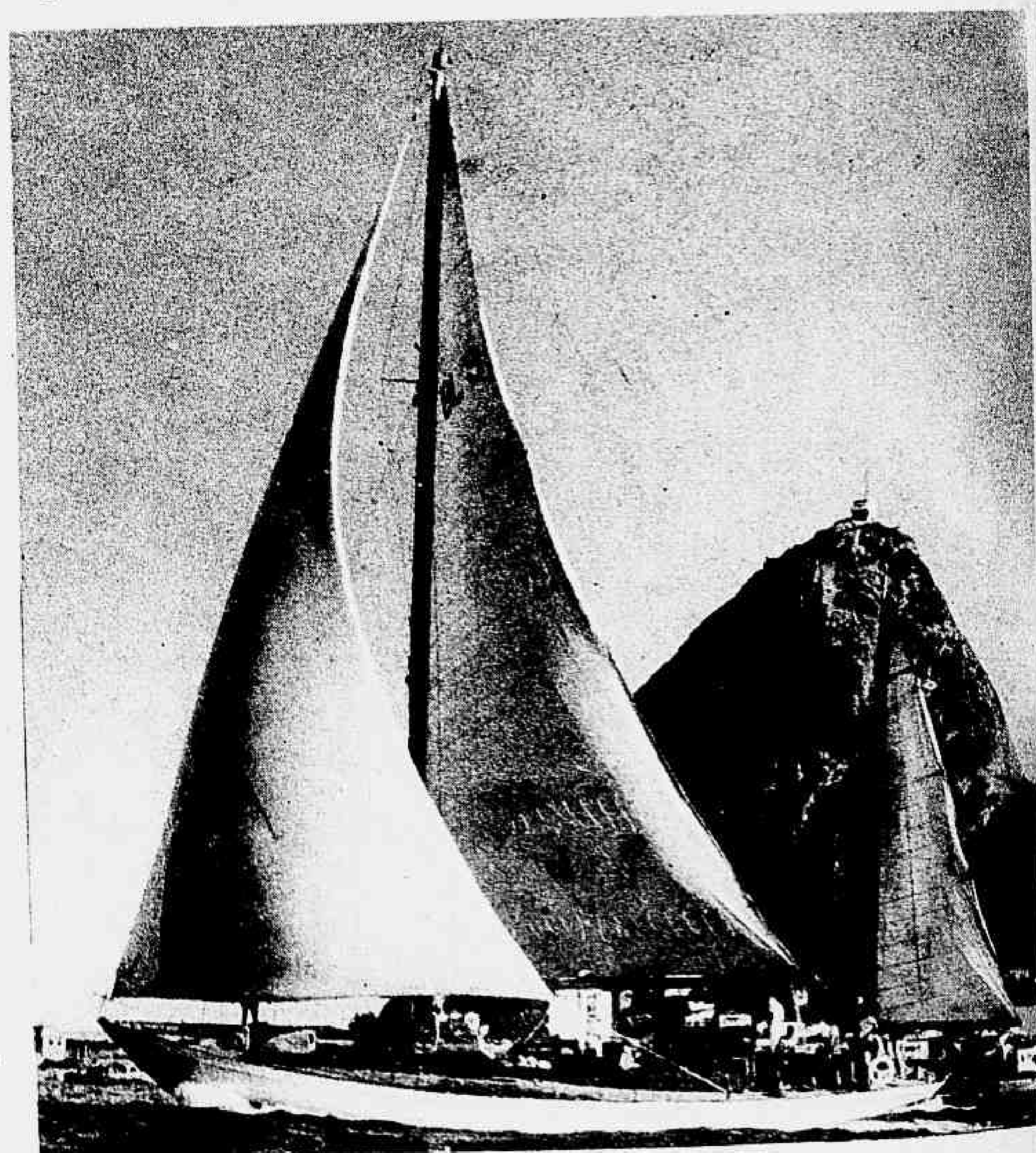


— Sim... sim... querida, você tem razão!



FÔRÇA DO VENTO

Eis um vendaval que só causou pânico na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro. Depois de vários dias de intenso calor e calmaria prenunciadora de tempestade, desabou sôbre esta capital, em dias da semana passada, um dos mais terríveis temporais de que há memória desde aquêle famoso da noite do ataque de Duguay-Trouin. Árvores, casas, andaimes, navios, barcos, tudo sofreu sob a violência da borrasca de chuva e vento. Para que o leitor imagine a fôrça da ventania, basta olhar para êste poste do serviço telegráfico da Av. Leopoldo Bulhões, próximo a Manguinhos. O vendaval rugindo como manadas de búfalos desenfreados, pegou um dêles de jeito, vergando-o como pau de bodoque. Santa Bárbara!



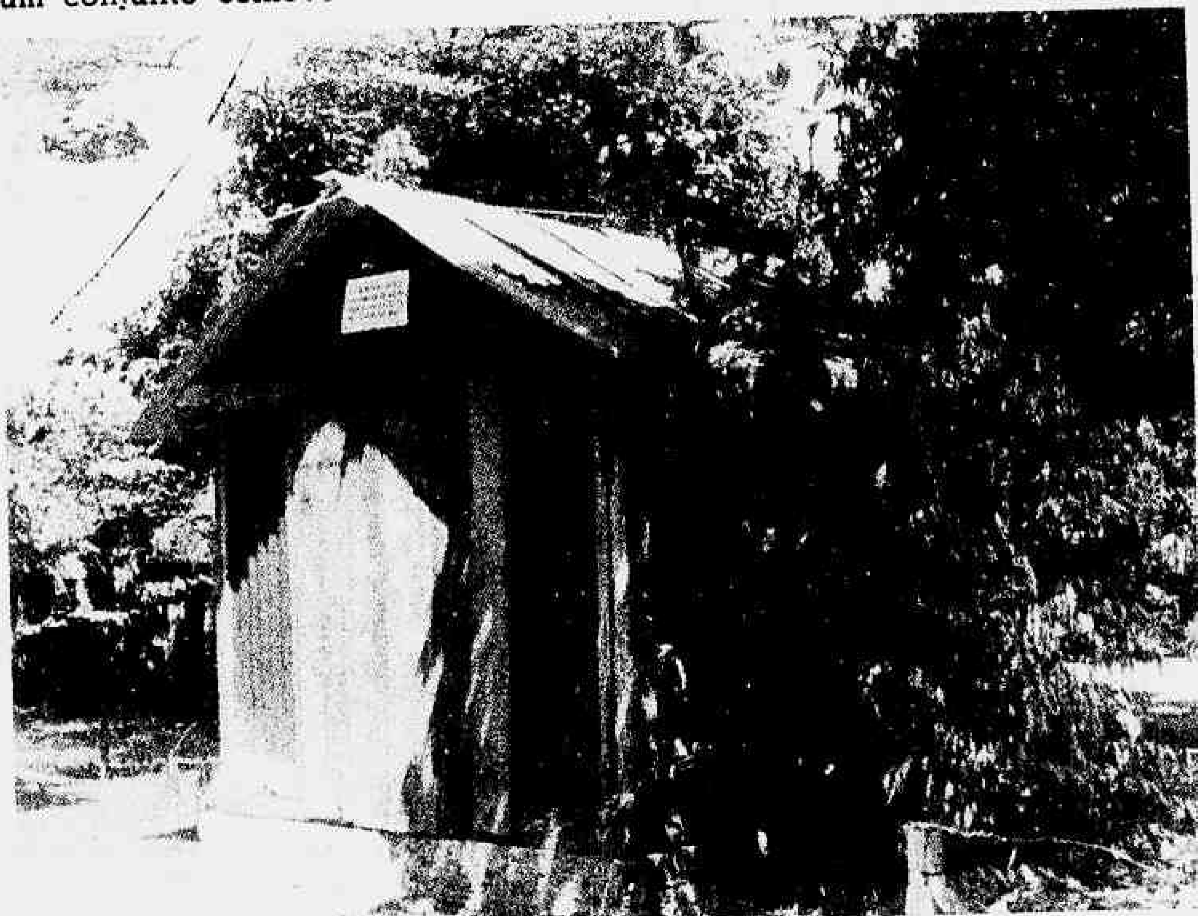
PALMAS AO "VENDAVAL"

Sábado, 10 de janeiro, às 17 horas, abrindo bigodes de espumas, saía o «Vendaval» em direção a Buenos Aires, para disputar, pela terceira vez, o título de o mais veloz iate do Atlântico Sul. Já venceu uma vez e perdeu outra, por falta de vento. Agora, porém, os seus tripulantes, sob o comando de Fernando Pimentel Duarte, estão confiantes na vitória que dará ao «Vendaval» a fita azul dêste hemisfério. O flagrante que ilustra esta nota é a do veloz barco do iatismo carioca, ao transpor a barra do Rio a fim de ganhar o alto mar até às águas do estuário do Prata. Mais uma vez batamos palmas ao «Vendaval», o único que não causa prejuízos, e sim júbilos aos brasileiros. Bons ventos o levem e o tragam.



E O ÍNDIO SALVOU-SE

Victor Jêmio Natte, boliviano de descendência aborígene, adoecera em La Paz, sua terra natal, de maneira alarmante. Os médicos locais diagnosticaram tumor da hipófise. Era urgente a operação. Mas, os cirurgiões bolivianos foram de parecer que devia ser levado o doente a Buenos Aires ou ao Rio, onde os recursos médicos eram mais adiantados. Escolhido o Rio foi providenciado um avião da FAB para trazê-lo a esta capital. Logo que chegou, internaram-no no Hospital dos Servidores do Estado, confirmando-se o diagnóstico. Victor, de 23 anos, estava à beira da sepultura, e seu pai, Modesto Jêmio, aflito e já sem esperanças, dada a pequena percentagem dos que sobrevivem a tão melindrosa operação e em tão adiantado estado de gravidade. Mas a cirurgia brasileira se impôs, e o dr. Lélio Gomes salvou o rapaz. O pai, ao saber do êxito, quase cai de emoção, abraçando-se com o médico, a soluçar de alegria e desafôgo. E aqui vemos pai e filho, num conjunto comovedor.



O CINQÜENTENÁRIO DOS «SERTÕES»

Numa tapera exatamente como a desta foto, Euclides da Cunha escreveu «Os Sertões», o maior monumento da Literatura Brasileira, até hoje ainda não superado. Estava êle no desempenho de serviços profissionais em S. José do Rio Pardo, Estado de S. Paulo, quando, isolado num casebre a que no Rio se dá o nome de barraco de favela, e no Recife, o de mocambo, escreveu a epopéia dos «Sertões». O Estado de S. Paulo, numa tocante homenagem ao imortal escritor fluminense, mandou erguer numa das praças centrais da capital bandeirante, rememorando o grande feito de 1902, a humilde tapera em que o gênio de Euclides traçara as páginas da imperecível obra de ciência e literatura.



E O ROBERTO SAIU

Os desentendimentos entre as autoridades, a começar pelo caso Ciro Rezende — Negrão de Lima, tiveram seu ponto alto no grave incidente, amplamente divulgado, entre o sr. Lourival Fontes, Chefe do Gabinete Civil da Presidência da República, e o sr. Roberto Alves, secretário particular do chefe da nação.

Todo o noticiário deu a seguinte versão ao fato: no dia em que se verificou a última reunião secreta do Ministério, o sr. Roberto Alves, no Catete, não só procurou penetrar na sala em que se devia realizar a conferência, como também, à medida em que os ministros chegavam, êle em voz alta fazia referências desabonadoras a diversos titulares. Interferindo, o sr. Lourival Fontes não obteve do sr. Roberto Alves o êxito desejado. Finda a reunião, o secretário da presidência deixou o caso em mãos do sr. Getúlio Vargas que, por intermédio de um ajudante-de-ordens, fêz sentir ao sr. Roberto Alves que êste devia apresentar desculpas ao sr. Lourival Fontes, ou então ser exonerado. De certo o secretário particular não o fêz porque no dia 13 dêste foi divulgada a sua demissão.

A foto acima foi colhida em janeiro de 1951 na Fazenda São Pedro, quando o presidente Vargas, em companhia do sr. Roberto Alves, ia tomar o avião para São Paulo.



IMPRENSA CARIOCA

A Emprêsa Jornalística Brasileira, que reúne sob sua administração o vespertino «O Globo», a «Rádio Globo» e outras publicações populares, de há muito vinha funcionando num edifício da rua Bethencourt da Silva, no centro da cidade, cujos espaços já se tornavam insuficientes para acomodar a administração e demais dependências da Emprêsa. O seu Presidente, Sr. Roberto Marinho, diante do problema da expansão da emprêsa, mandou construir uma nova sede, dotada de todo o confôrto, edifício moderno, capaz de resolver a situação. A nova sede fica na rua de Santana, onde acaba de ser realizada a «festa da cumeeira», comparecendo empregadores e empregados, todos irmanados pelos mesmos sentimentos de dedicação à casa. Foi um acontecimento de relêvo na vida de nossa imprensa.



Esta solenidade — inauguração das novas instalações do Restaurante Central do SAPS — presidida pelo Chefe do Govêrno, marcou o início da III Semana Nacional da Alimentação.



Experiências realizadas em ratos, objetivando o estudo do valor nutritivo dos alimentos.

UM HOMEM BEM ALIMENTADO VALE POR TRÊS

Reportagem e fotos de BENTO PEREIRA

ENTRE os grandes serviços prestados ao país pelo Sr. Getúlio Vargas o SAPS, sem dúvida alguma, ocupa um lugar de relêvo pela importância incontestável de sua benéfica finalidade. A obra daquela autarquia, não só se destaca pelo vulto de suas realizações materiais, mas, também, no que se refere à parte educativa, cultural e científica dessa questão de alimentação, o que lhe dá um sentido verdadeiramente transcendental em sua contribuição para o progresso da nação, pois, como diz o conceito científico, «um homem bem alimentado vale por três».

Não se limita o SAPS tão sòmente à tarefa de dar alimentação barata ao trabalhador. Mais que isso, pois aquela alimentação distribuída em seus restaurantes é cientificamente preparada, graças ao pessoal especializado, sob a supervisão de um experimentado corpo de nutricionistas e nutrólogos.

Como exemplo do esfôrço dos dirigentes daquele serviço de previdência social no sentido de tornar cada vez mais eficiente o seu funcionamento assistencial, podemos citar o Setor Dietoterápico, um serviço recentemente instalado, cuja finalidade é atender aos trabalhadores enfermos e aos que estejam atravessando momentos biológicos especiais, tais como gravidez, lactantes, adolescentes, fornecendo-lhes alimentação de acôrdo com seus casos especiais.

Contando atualmente com homens capacitados à sua frente, como o diretor Dr. Edison Pitombo Cavalcanti e o diretor executivo Dr. Luiz Gonzaga Muniz, homens trabalhadores, amigos do povo e de grande capacidade técnica, o SAPS por certo está caminhando para tornar-se em pouco tempo numa verdadeira potência econômica.

O programa de realizações para o corrente ano é realmente promissor. Em primeiro lugar serão construídos mais 15 restaurantes populares nesta capital e nos Estados. Cada Es-

(Cont na pág 40)



Leite, carne, verduras, pão, manteiga, arroz e feijão constituem, com as frutas, uma garantia de saúde para o trabalhador, garantia esta encontrada nos restaurantes do SAPS.



O doutor Edison Cavalcanti, diretor geral do S.A.P.S., dando explicações ao presidente da Associação Brasileira de Imprensa, sr. Herbert Moses, e ao deputado Hildebrando Bisaglia, a respeito dos trabalhos expostos no 3º Salão de Naturezas Mortas de motivos alimentares, iniciativa que constituiu um dos pontos altos da Terceira Semana Nacional da Alimentação.

João Muriango

JOÃO Muriango, mulato de côr esverdeada, magro, sêco, elevado como um poste, fazia já três anos que cumpria pena na cadeia de Jurubeba.

O delegado, o carcereiro e a soldadesca em geral gostavam muito dêle; tanto é, que não era considerado detento à fôrça de chave, pois devido ao seu bom comportamento, cuidava da faxina no prédio, atendia aos presos, ia até de vez em quando ao mercado, fazer compras para o juiz e outras autoridades. Vivia assim. Bom, humilde, estimado por todos.

Sobrava-lhe oportunidade para evadir-se, coisa que muitos rebeldes, detrás das grades, sonhavam sem descanso. Mas aquilo não o tentava. Fazer o que pelo mundo? Voltar à sua terra depois daquilo? Só se o levassem morto. Procurar a vida doutro jeito, mesmo foragido? Bobagem. A mulher, a única que lhe restara, êle a liquidara com uns tirozinhos. Gôsto pela vida, tinha-o bem pouco, pois tôda sua ilusão dissolvera-se com o ridículo de seu crime. Sentia remorsos e revolta, quando lembrava. Vontade de esbofetear-se. Impulsionado pelo ciúme, matara uma inocente.

Os jornais, noticiando-lhe o grotesco fato, provocaram na cidade bastante pena à vítima, mas muitos riram às gargalhadas.

E como não rir com o caso do assassinato daquele rival originalíssimo?

*

Os presos conheciam-lhe, até demais, a história. João Muriango era bom moço, dêsses que cuidam direitinho da vida, embora todos os sábados, infallvelmente, enriquecesse mais um pouco, o dono de algum boteco, em troca duma desgraça de côr branca, chamada, muito justamente, «a água que todo passarinho enjeita».

Começou bebendo apenas nos fins de semana, mas não precisou o calendário desfolhar-se bastante para que todos os dias estivesse aéreo, desejoso de fazer asneiras, com uma coragem louca, sôbre as pernas trôpegas.

Casou-se. Uma costureirinha magra e viúva, moradora perto do cortume, deitou-lhe olhares significantes. Não houve muita cerimônia. Pobre por pobre, juntaram-se os panos. E foi residir na casinhola da artífice, junto também com os sogros, uns velhos pigarreantes e rabugentos.

Mas a felicidade não quis chegar até lá. Decerto era longe, cansava. E João Muriango, sempre bêbedo, deu um dia de largar do serviço, vivendo apenas vadiando pela cidade em companhia de colegas do copo.

No fim do mês, a mulher soube, mediante a ausência do ordenado habitual. Fêz um tempo quente e mandou-o embora. Os sogros unificaram-se à filha, e tudo acabou numa separação escandalosa; mais deprimenta ainda para êle, pois a população solidarizou-se também com a espôsa, «mulher trabalhadeira e distinta», e êle viu-se de lado.

*

Correram as estações. João rondava, às vêzes, a casa da mulher, na fé de uma reconciliação. Mandava-lhe recados, mas, em resposta, nada lhe vinha favorável.

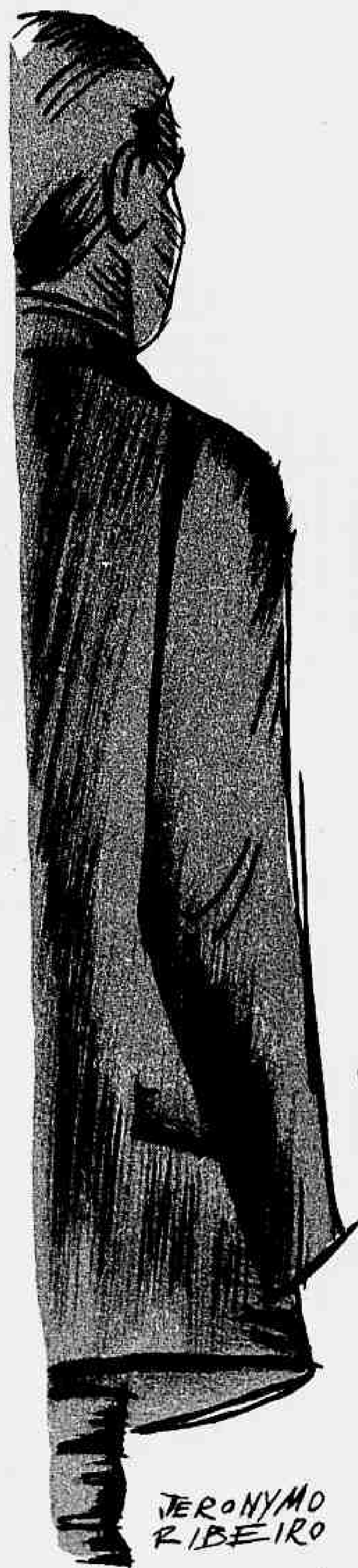
Madame Muriango, agora, só costurava para homens. Com a privação do salário do marido, tomou essa resolução. Dava mais lucro fabricar parelhos para barbados, do que fazer vestidos, que nada lhe rendiam.

Era mulher disposta, e despachada. Sem luxo nenhum tomava medidas, nos corpos dos homens, abrançando-os nessa lida, che-

(Cont. na pág. 38)

Conto de
IGLÉSIAS FERNANDES

Ilustração de
JERONYMO RIBEIRO







NANCY GATES (Columbia)



MONICA LEWIS (M.G.M.)



Nestas páginas vemos estrêlas famosas que poderiam sair vivas das fotografias para brincar no carnaval do Rio com as fantasias que vestem, sem nota destoante. Se chamassem a atenção, seria pela graça pessoal e pelo bom gôsto. Nestas sugestões, estudadas e realizadas por figurinistas e costureiros da capital do cinema, os brasileiros poderão encontrar sem dúvida o que lhes convenha.

Do cinema para o carnaval

MIRTHA LEGRAND (Pelmex)



DESESPÊRO

"Pega! Pega o ladrão! Moleque ruim! Tição do inferno! Pega, pega!"



ROBERTO, sentado na areia molhada da praia deserta, apertava a cabeça com ambas as mãos e se relembrava de dias tão distantes e sombrios para êle e sua família. Magro, esfarrapado, olhos encovados e desmesuradamente abertos, êle encarava o mar traiçoeiro que lhe roubara o pai, deixando-o órfão e a família na miséria. Revia sua mãe já alquebrada e doente sempre vergada sôbre a tina, lavando roupa para fora, para sustentá-lo e à irmã paralítica... Via-a, como se fôsse neste momento, muito magra, as tranças passadas em volta da cabeça, o tamanco roído e gasto pelo tempo, andando de um lado para o outro esticando a roupa ensaboada sôbre o coradouro improvisado no capim sêco do terreiro: lembrava-se, cheio de dor, do dia em que a vira vomitar sangue, sòzinha, sem ter, ao menos, quem lhe levasse uma tijela de caldo...

Com raiva inaudita, ainda — vinte anos são passados — vociferou uma praga e uma blasfêmia de arrepiar os cabelos... Teve vontade de chorar, mas, curtido pelo sofrimento, não lhe foi possível derramar uma só lágrima.

O mar vinha; batia na areia, rendilhava a praia com sua espuma alvacenta, molhava os pés de Roberto e voltava, novamente, num vaivém incessante de doida que não sabe bem o que quer...

Ao longe, no mar distante, uma vela branca enfunada se aproximava da praia.

A noite era de lua cheia. Seus reflexos argênteos sôbre o mar picado pelo vento, davam a impressão de um véu ondulante de noiva, salpicado de ricos diamantes. Roberto levantou-se, andou alguns passos indecisos e, lentamente, se meteu pelo mar a dentro...

*

Saíra há pouco da prisão.

Quase já sentia saudades da vida de detento... dos companheiros de infortúnio... Lá, ao menos, tinha com quem conversar. Fizera, mesmo, muitas amizades. Do mundo cá de fora nunca mais soubera nada; o que fôra feito da irmã, quem enterrara sua mãe... por onde andavam os amigos... Tudo lhe era desconhecido. Ao sair da prisão, seu maior e único desejo era contemplar o mar e neste momento, em meio aos tristes pensamentos, êle se interrogava: «Que irei fazer agora? Quem me reconhecerá e me receberá?» O barquinho navegava lento, mas em pouco chegou à praia. De seu bôjo um vulto de homem se destacou, aclarado pela luz opalina da Lua — era o João da Chica.

Reconhecendo Roberto, apesar de achá-lo esquálido e envelhecido, êle interroga-o espantadíssimo: «Roberto? Tu? Que fazes aqui? Já deixaste a cadeia?...» Roberto não respondeu de pronto. Um chôro alto e convulso (há tanto reprimido), ecoou pela amplidão.

E, como uma criança, Roberto soluçava e num desejo incontido de fazer uma confissão sincera a um amigo, êle começou a falar em turbilhão tudo o que, há tanto tempo, guardara dentro do coração...

E então, numa voz pastosa e gutural, entrecortada pelos contínuos soluços êle começou: —

(Cont. na pág. 38)

Conto de MARIA PAULA DE CARVALHO

Ilustração de RAMON

ATENÇÃO! É PRECISO LER!

AGUARDEM O MAIS SENSACIONAL, MAIS ÚTIL E MAIS EDUCATIVO CONCURSO DE QUE HÁ MEMÓRIA EM NOSSA IMPRENSA !

EM COMBINAÇÃO COM A "BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A." LANÇAREMOS O INTERESSANTÍSSIMO

Álbum-Revista da Semana

Com viagens turísticas pelo Brasil, por terra e por mar, desvendando aos olhos do nosso povo e dos estrangeiros aqui residentes, tudo o que de mais belo possui o nosso país !

O "Álbum-Revista da Semana" é indispensável a pequenos e grandes, estudantes e professôres, homens e mulheres, operários e artistas, historiadores e políticos, médicos e bacharéis, engenheiros e militares, sacerdotes e cientistas, jornalistas e comerciários, pois em suas páginas ficará gravado o retrato do Brasil com tudo o que existe de belo, grandioso, sensacional, nas artes e nas letras, nas belezas naturais, nas obras da inteligência humana, numa empolgante seqüência histórica e artística, tudo caprichosamente colorido e de leitura instrutiva, educacional e atraente!

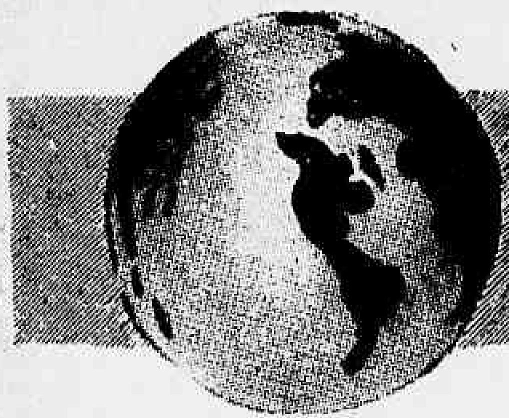


O Álbum-Revista da Semana

E' UM MARAVILHOSO BRINDE QUE A "REVISTA" OFERECE AOS SEUS LEITORES! DUZENTOS E QUARENTA E QUATRO PRÊMIOS NO VALOR TOTAL DE DUZENTOS E OITO MIL CRUZEIROS PARA OS LEITORES! AGUARDEM O LANÇAMENTO DENTRO DE ALGUNS DIAS!

NÃO HAVERÁ FIGURAS DIFICEIS

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.
Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4º Andar — RIO
REVISTA DA SEMANA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — LAPA — RIO



LIDO... VISTO...

A ANEDOTA ILUSTRADA

O QUE RECORDA ESTA GRAVURA?



Relembra um dos mais pitorescos episódios dos tempos de D. João VI no Rio. D. Francisco de Almeida era amigo particular de D. João VI. Homem desabusado, individualista, meio filósofo, não ligava a exigências de etiquêtas. Como só fazia a barba de semana em semana, chegou ao Paço e notou grande movimento de cortesãos, de damas, tudo muito bem vestido, denunciando alta recepção. Chegando perto do soberano, êste censurou: "Como é, sr. D. Francisco, que nem hoje, dia de meus anos, o senhor fêz a barba?" — O fidalgo-filósofo não se deixou dominar e retrucou com aquela altivez de sempre: "E por que V. Majestade não fêz anos anteontem, que foi o dia em que me barbeei?"

PARALELO ENTRE O HOMEM E A MULHER

— O homem tem a supremacia; a mulher a preferência. A supremacia representa a fôrça; a preferência o direito.

— O homem é forte pela razão; a mulher é invencível pelas lágrimas. A razão convence; as lágrimas comovem.

— O homem é capaz de todos os heroísmos; a mulher de todos os martírios. O heroísmo enobrece; o martírio sublima.

— O homem é código; a mulher o evangelho. O código corrige; o evangelho aperfeiçoa.

— O homem é um templo; a mulher um sacrário. Ante o templo descobrimo-nos; ante o sacrário ajoelhamo-nos.

— O homem pensa; a mulher sonha. Pensar é ter um cérebro; sonhar é ter na fronte uma auréola.

— O homem é um oceano; a mulher um lago. O oceano tem a pérola que embeleza; o lago tem a poesia que deslumbra.

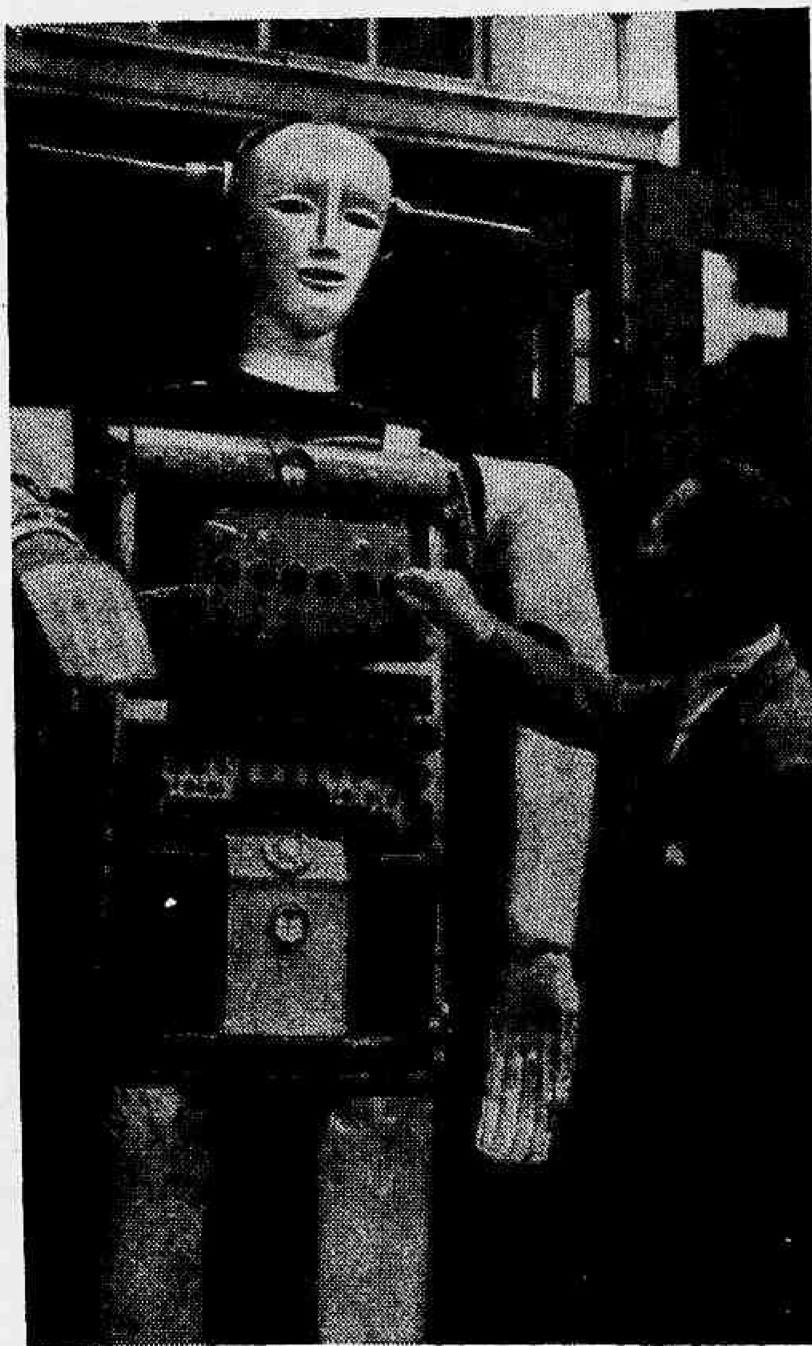
— O homem é a águia que voa; a mulher o rouxinol que canta.

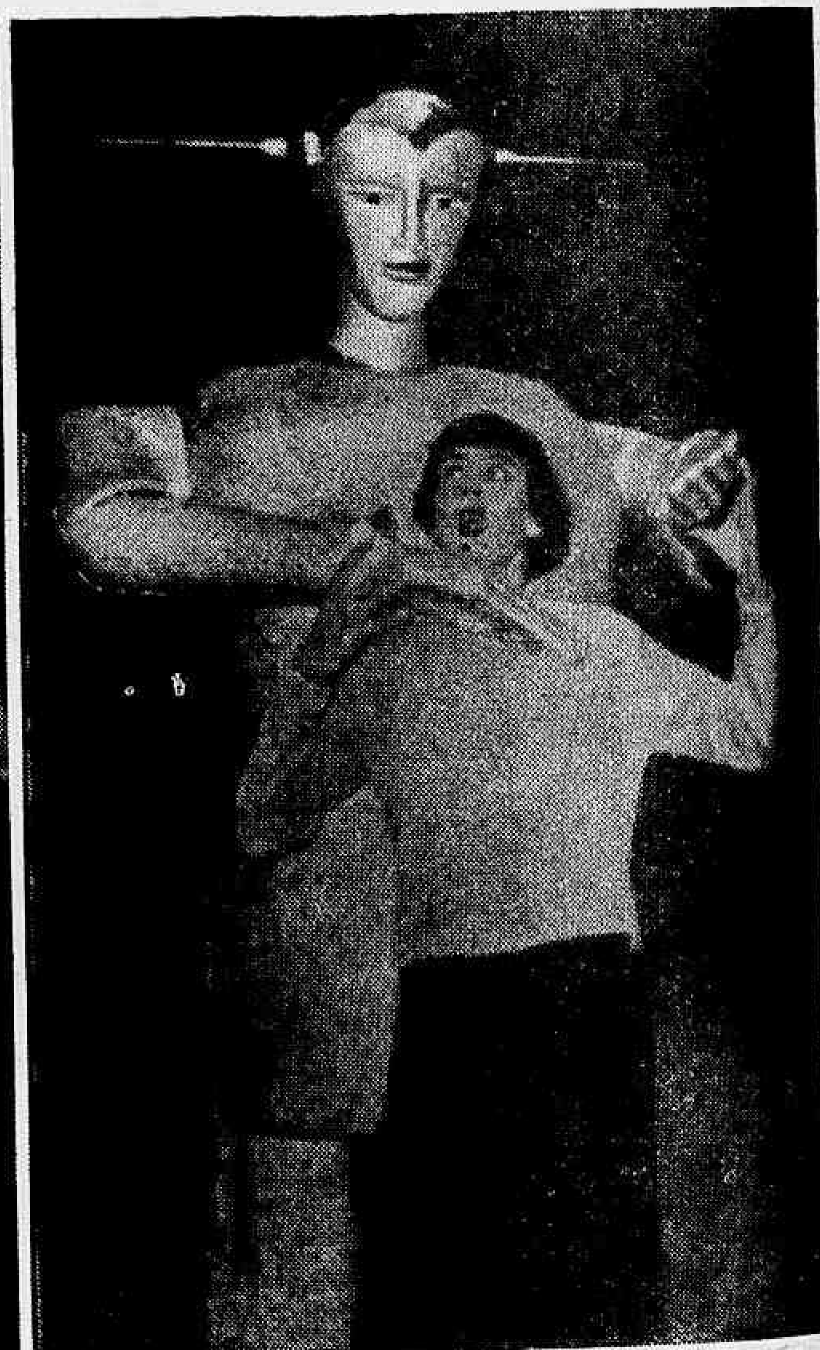
— O homem tem um fanal — a consciência; a mulher uma estrêla — a esperança. O fanal guia; a esperança salva.

— Enfim, o homem está colocado onde termina a terra; a mulher onde começa o céu.

(Pensamentos de Manoel S. Wanderley, R. G. do Norte)

SABOR, O HOMEM MECÂNICO — FALA, CANTA E FUMA





Viena — Os engenheiros suiços Peter Steuer e August Huber foram os autores dêste "homem mecânico", que percorrerá as principais cidades européias. Sabor, assim foi batizado pelos seus companheiros construtores, é capaz de executar vinte e quatro movimentos diferentes, pode andar quinze quilômetros a pé, move os braços e os lábios; responde à algumas perguntas, canta, fuma cigarros e possui um isqueiro com o qual acende o cigarro a quem lhe pede. Dispõe de um aparelho receptor e de um transmissor. Na foto à esquerda: um dos construtores regula os movimentos que Sabor esconde no peito. À direita: uma garôta vienense parece que não está muito contente com o abraço do "homem mecânico".

TODOS SOMOS IRMÃOS



O Rev. O. J. Lax-West, vigário de Northam Sussex, Inglaterra, leva às mangedouras dos animais salvos do açougue, e que estão "aposentados" em suas novas habitações, um cântico de agradecimento a Deus pela preservação da vida daquelas criaturas que também são parte da humanidade. Os animais estão amparados pela "Our Dumb Friends League" e "Cruz Azul", que organizou "retiros" em St. Francis Fields of Rest, e o espírito religioso do Rev. Lax-West, organizou um côro e lá se foi cantar a Deus nas alturas através do "Christmas Carol Service", pela paz dêstes pobres e envelhecidos quadrúpedes. E o burrinho já um tanto gagá, cansado dos trabalhos pesados de outrora, esticou o pescoço por sôbre os ombros dos oficiantes e ficou a olhar ternamente o livro do padre, como se estivesse também agradecendo ao Criador, por ter sido salvo do matadouro.

OUVIDO... ONTEM, HOJE, AMANHÃ...

DANÇA — FANTASIA



Com as transformações por que passa o mundo, até a dança, arte das mais belas, onde a estética se impunha como fundamento de sua própria existência artística, até a dança se converteu em um amontoado de movimentos loucos, desordenados, sem qualquer lógica. Veja-se êste casal. Trata-se de dois nomes famosos na cinematografia francesa. Êle, Raymond Pellegrin; e ela, Nicole Courcel, estrêla da tela daquele país. Estão aqui a realizar uma exibição de dança em uma das boites de Paris. E dizem que com "grande êxito". Enfim, como se trata de fantasia...

UMA ANEDOTA DE VOLTAIRE

Jesus, S. Pedro e Judas estavam numa situação difícil. Tinham apenas um franguinho para comer. Jesus disse: «E' muito pouco! Deitemo-nos, e aquêle que tiver o sonho mais bonito, comerá o franguinho». No dia seguinte S. Pedro disse: «Sonhei que estava no céu à direita de Deus».

— Eu, disse Jesus, sonhei que estavas à minha direita.

— Eu, disse Judas, sonhei que tinha comido o franguinho.

Na verdade, o malandro já o havia mesmo papado.

TROCADILHO FERINO

Francisco de Vilela Barbosa era tido na côrte de Pedro I como um dos homens de maior espírito daqueles tempos. Poeta, prosador, político e matemático, todo mundo tinha mêdo dêle pelos epigramas ardentes como brasa. Certa ocasião conversava com uma dama da mais elevada estirpe, e a quem já ferira anteriormente com uma de suas indiretas, quando a senhora, mais uma vez alvejada pelos seus dardos impiedosos, reagiu com esta:

— V. Excia., Sr. Vilela, é um homem que começa por «vil»!

Ao que o intelectual respondeu em cima da bucha:

— Vil, não! **Vil... ela!**

A senhora ficou esmagada.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 6	Cultura média	Estudante ginasial
De 7 a 11	Cultura superior	Universitário
De 12 a 14	Genial	Um sábio
Tôdas as quinze		O gênio em pessoa

1 — QUAL DÊSTES ESTADOS O QUE PRODUZ MAIS FUMO:
Rio Grande do Sul?
Minas Gerais?
Bahia?

2 — QUEM DEU À CIDADE DE CACHOEIRA, NA BAHIA, O TÍTULO DE «HERÓICA»:
Ruy Barbosa?
D. Pedro I?
J. J. Seabra?

3 — EM QUE ANO FOI CONCLUÍDA A CONSTRUÇÃO DO CONVENTO DA PENHA, À ENTRADA DO PÔRTO DE VITÓRIA, E. SANTO:
1768?
1658?
1810?

4 — QUE NOME TINHA O LOCAL EM QUE ESTÁ' HOJE A CIDADE DE NOVA FRIBURGO:
Fazenda do Morro Queimado?
Paquequer?
Santuário?

5 — QUAL A RUA DO CENTRO DO RIO QUE SE CHAMOU, INICIALMENTE, «DESVIO DO MAR»:
Primeiro de Março?
Alfândega?
Ouvidor?

6 — QUE NOME TEVE O PRIMEIRO TEATRO DO RIO, FUNDADO EM 1767:
Teatro Real?
Ópera D. Manuel?
Casa da Ópera?

7 — COM QUE IDADE PEDRO I ASSUMIU A REGÊNCIA DO BRASIL, QUANDO SEU PAI VOLTOU PARA PORTUGAL EM 1821:
Vinte e três anos?
Dezoito?
Trinta e dois?

8 — QUE QUER DIZER, RIO IVAÍ, NA LÍNGUA GUARANI:
Rio largo?
Rio profundo?
Rio feio?

9 — QUAL DESTAS CIDADES DO PARANA' SE CHAMOU, ANTIGAMENTE, «VILA NOVA DO PRÍNCIPE»:
Lapa?
Ponta Grossa?
Morretes?

10 — QUEM ESCREVEU A EMOCINANTE OBRA «A RETIRADA DA LAGUNA»:
Euclides da Cunha?
Rocha Pombo?
Escragnolle Taunay?

11 — DE QUE TRATA A ORNITOLOGIA:
Das aves?
Das árvores?
Dos insetos?

12 — EM QUE DATA FOI DESCOBERTO O RIO S. FRANCISCO:
30-5-1585?
4-10-1501?
12-7-1637?

13 — QUAL A ÁREA DA BAÍA DE GUANABARA EM QUILÔMETROS QUADRADOS.
412?
780?
301?

14 — QUE SIGNIFICA EM GUARANI, «RIO URUGUAI»:
Rio Grande?
Rio Bonito?
Rio dos Caramujos?

15 — QUE NOME TEM A CIÊNCIA QUE TRATA DA DESCRIÇÃO DOS RIOS:
Pluviologia?
Potamografia?
Paleontologia?

(Respostas na página 40)

A REVISTA há 50 anos

(25 de Janeiro de 1903)

CHRONICA — Não creio que nas espheras da alta administração do Estado alguem se opponha a que os restos mortaes de S. M. o Imperador descansem, afinal, em terra brasileira; e parece-me intempestiva e pouco patriotica a agitação que á sombra dessa aspiração nacional pretende fazer-se. A Republica tem hoje um governo que, se não é modelar, é pelo menos moderado e tolerante. Predomina o bom senso nas regiões do supremo poder. Alguns dos seus membros vieram da monarchia e servem o novo regimem com a lealdade que consagraram ao antigo. Vêm claro e longe. Sabem que a presença desse augusto cadaver não perturbará a paz dos vivos. Já não é pouco para a volubilidade americana que a memoria desse grande cidadão perdure ainda; pedir-lhe mais é impossivel. O paiz que atravessou a miseria e a fome sem revoltar-se não iria agora fazel-o quando as cousas entram nos seus eixos. O sebastianismo, o messianismo brasileiro e portuguez precisam de um D. Sebastião, de um Messias em carne e osso. No dia em que alguem podesse apresentar a certidão de obito do moço rei trucidado em Alcacer Quibir acabaria o ultimo dos seus partidarios.

Ninguem se atreveria hoje a afrontar uma impopularidade imminente, contrariando o piedoso e justo desejo de toda a nação. No seu foro intimo, não ha brasileiro que não deseje agasalhar em sua patria as cinzas de quem tanto a amou, ennobreceu e fez prosperar. Algum caturra? Algum energumeno? Sempre os houve em todos os tempos, paragens e climas. Mas são tão poucos e de tão ruim estofo que nem a nação cuida de suas vozes nem as suas vozes chegam ao céo.

O feretro chegará, desembarcará, seguirá para o seu mausoléo definitivo sem que o universal respeito lhe perturbe o eterno descanso a que sempre meio seculo de puro patriotismo dá direito. Lagrimas, soluços, prantos pelo muito bem que semeiou de certo os terá e é justo que assim seja, porque era o primeiro entre os seus eguaes nas virtudes que ennobrecem o chefe de familia e o cidadão; mas bem sabemos todos que ninguem é capaz hoje neste paiz de substituir a pallida luz dos cirios pela chamma rubra dos fachos revolucionarios. E' muito tarde e o paiz, fatigado, só pede que em socego lhe permittam restaurar as forças para lavrar a terra, plantal-a e converter em ouro o fructo da fertilidade do nosso solo uberrimo.

Consolidada a Republica e estabelecido no governo o equilibrio de faculdades, não pode haver mal em dar agasalho a esse brasileiro que durante cincoenta annos serviu a sua terra como os que melhor a serviram e della sahiu sem que por sua causa fôsse derramada uma gotta de sangue; que não deixou odios e que mesmo depois de exilado não apostrophou nem retaliou; que, finalmente, morreu abençoando e bemdizendo a patria.

Eu, se fôsse governo, tomaria a iniciativa da transladação. Na chronica da boa politica, seria este acto o mais sagaz, ainda quando na ordem moral a intenção não correspondesse á execução.

JACQUES BONHOMME

★

Num consultorio gratuito:
— Ah! doutor, estou muito mal destes olhos!
— Estaria peior sem elles!

★

O Gremio Fluminense, a aristocratica e sympathica sociedade do Rio Comprido, enviou á REVISTA DA SEMANA um belo convite, em fino papel de linho parpado, para o brilhante baile, que se realizará no proximo sabbado, 31 do corrente.



SPORT-CLUB — Senhoritas que tomaram parte no torneio de tiro que se realizou domingo ultimo no Jardim Zoologico, por occasião das grandes corridas do Sport-Club. Elvira Cunha, Delphina Dyonisio, Luiza Khunert, Alzira Rodrigues, Antonieta Khunert e Sara Winistkowski. (Phot. C. Chapelin).

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA
Especial para a Revista da Semana

● MARIA — (Rio).

SONHO: — Meu filhinho de seis anos teve um sonho que me preocupou muito. Viu entrar pela janela um «santinho», como êle diz, pequenino, vestido de azul e com duas asas. O anjo pediu-lhe um lugar na cama, deitou-se ao lado dêle e dormiu até de madrugada; depois, pediu que abrisse a janela e desapareceu.

INTERPRETAÇÃO: — Se nos quisermos dar ao trabalho de um raciocínio profundo e isento de parcialidade, veremos que tôdas as religiões têm como base a clarividência e a clariaudiência; foi por meio de visões e da captação de vozes no invisível, que Moysés, no Monte Sinai recebeu o maior código de moral civil e religiosa que se possa conceber, compendiado nos dez mandamentos da Lei de Deus. Assim sendo, não podemos duvidar da existência de certos fenômenos, quer em estado sonambúlico, quer de vigília, quando em sonhos, vemos tanta coisa que nos é estranha e desconhecida. E' possível e até muito cabível que as criancinhas, em sua primeira infância, se recordem de sua vida extra-mundo terreno e que se manifestem em seus sonhos certas lembranças que os adultos, mais ou menos alarmados, interpretam como presságios... E' natural que seu «anjinho» só possa sonhar com anjos... E isso não deve preocupar o coração materno; deve, isso sim, sentir-se bastante feliz, por ter o seu guri o subconsciente ainda carregado de belas e transcendentes imagens da outra vida e não corrompido pelas idéias dos outros meninos, menos afortunados espiritualmente. Não dê, assim, maior importância ao sonho do seu «anjo», mas procure estudar-lhe os gostos e as tendências, para melhor guiar essa alminha tão cândida...

● LOLA — (Rio).

SONHO: — Da amurada de uma piscina, eu via um grande jacaré. Vendo-o, receei que êle pudesse ferir a alma de meu pai, já falecido, e machucar minha mãe, embora, mesmo dormindo, soubesse que tudo não passava de um sonho a que não devia dar maior importância.

INTERPRETAÇÃO: — Procure trazer para a terra êsse jacaré e dominá-lo. Dentro do seu coração ainda restam vestígios de sérios aborrecimentos ocorridos em seu ambiente familiar e, embora você tenha feito esforços para dominá-los, êles reaparecem de quando em vez, parecendo-lhe que deve adotar outros métodos de vida para sua maior tranqüilidade e felicidade. O fato de reconhecer fenômenos que se desenvolviam em sua mente, como sendo um sonho, prova que não perdemos a memória enquanto dormimos. Seu ambiente familiar deve ser, ou ter sido cheio de lutas e choques e você, hoje, recordá essas tristes cenas. Não venham suas recordações causar dano à alma de seu pai. Devemos, realmente, por amor e respeito aos mortos, evitar tudo o que possa levar-lhes desassossêgo e intranqüilidade. Além-túmulo, a vida continua em outro plano, ou esfera. Procure guardar o «jacaré» não acorrentado, mas liberto do veneno que os ressentimentos fazem fermentar no seu cérebro. Assim, será tranqüila e dará tranqüilidade aos outros, Lolita.

● SANTA — (Niterói).

SONHO: — Caminhava por uma longa estrada, quando deparei com uma enorme pedreira que me barrava o caminho. Tentei, por todos os meios, afastá-la de mim, mas apenas consegui, com ingente esfôrço, arrancar uma lasca de pedra, e com ela fiz um banho.

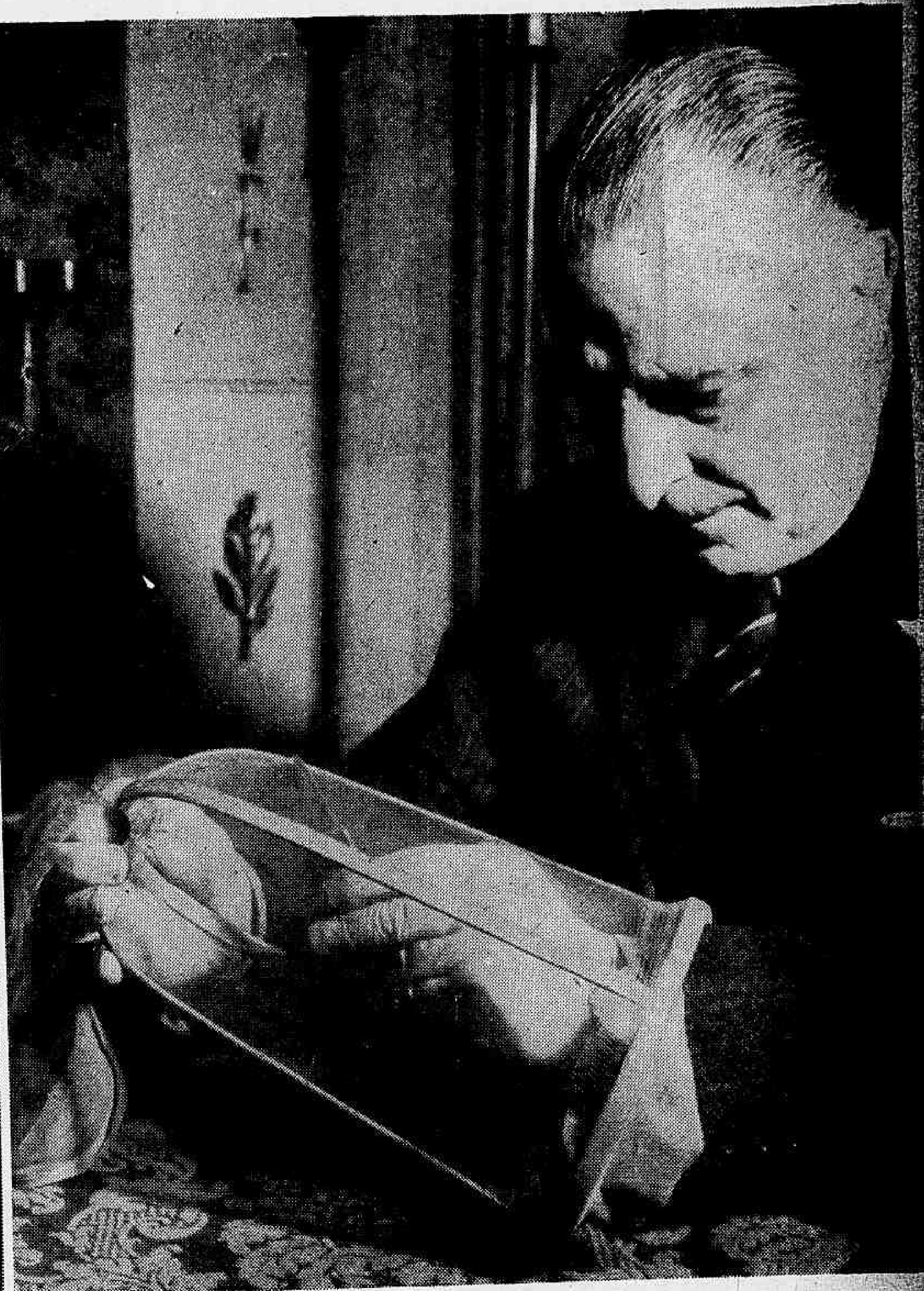
INTERPRETAÇÃO: — E' evidente que todo o obstáculo que nos apresenta o destino, isto é, o mundo externo, se acha, em verdade, em nós mesmos. Em nossa alma subconsciente, há, na realidade, uma «pedreira», a que damos a forma que desejamos: com ela esculpimos um anjo, ou um demônio. Quer-me parecer que você pouco esfôrço tem feito para se libertar do «eu» inferior (obstáculo no caminho) e que se deixa dominar, muitas vêzes, por coisas insignificantes que, em sua mente, tomam a aparência de barreiras intransponíveis (pedreira). No entanto, o fato de haver tirado uma lasca da pedra é um bom indício e prova que poderá lavar suas mágoas íntimas (banho) embora com sofrimento e alcançar algum descanso futuro.

● RUSSA — (Rio).

SONHO: — Sonhei que entrava uma câmara ampla, arejada e profusamente iluminada, e encontrava, adormecida sôbre uma mesa, em seu letargo profundo, uma falecida amiga minha. Vi-a vestida com um hábito de material imponderável e muito alva, cobri-lhe o rosto com um lenço feito de um floco de neve. Dei-lhe a mão e convidei-a a levantar-se. Ela me obedeceu, muito bela, esguia e leve. Saímos, então, de braços dados, conversando, por uma estrada alvacenta e longa. A meio caminho, ela parou e eu continuei.

INTERPRETAÇÃO: — Você ainda não se habituou à perda de sua amiga, e, como confessa, tem a impressão de que ela apenas dorme. E' natural, portanto, que sonhe com ela, conforme imagina que ela esteja. No entanto, há no seu sonho, muito que estudar e interpretar. Esta seção não comporta, porém, estudos tão transcendentes, motivo pelo qual me limito a esta pequena interpretação lacônica. Pessoalmente, Russa, conversaremos mais profundamente sôbre o seu belo sonho.





Pilade Franceschi é um especialista. Toma medidas de meias e às vêzes de pernas. Conhece as malhas como ninguém. Ei-lo em plena atividade.

A FASCINAÇÃO DE UM PAR DE MEIAS

AS meias são importantes como complemento da elegância feminina. Esta é a opinião abalizada do famoso mestre Pilade Franceschi, um dos fabricantes mais famosos de meias de sêda e de «nylon», para mulher. Segundo Franceschi, as mulheres preferem as meias de «nylon», porque duram mais e custam menos. As meias de sêda são mais caras e logo se estragam. Apesar disto a diferença entre a meia de sêda e a de «nylon» é a mesma que existe entre a flor natural e a artificial, explica Pilade. Isto quer dizer que a duração de uma meia depende do material de sua confecção.

Uma das mais leves meias de sêda fabricada na Itália emprega um fio que pesa três quartas partes do grama em cada mil metros... dezesseis quilômetros de fio perfazem precisamente doze gramas. A sêda natural é elástica e para a duração das meias depende de como é trabalhada na máquina. Ainda aconselha mestre Pilade, para a boa conservação das meias, tanto as de sêda como as de «nylon» devem ser lavadas, quando apresentem sinais de pouca higiene.

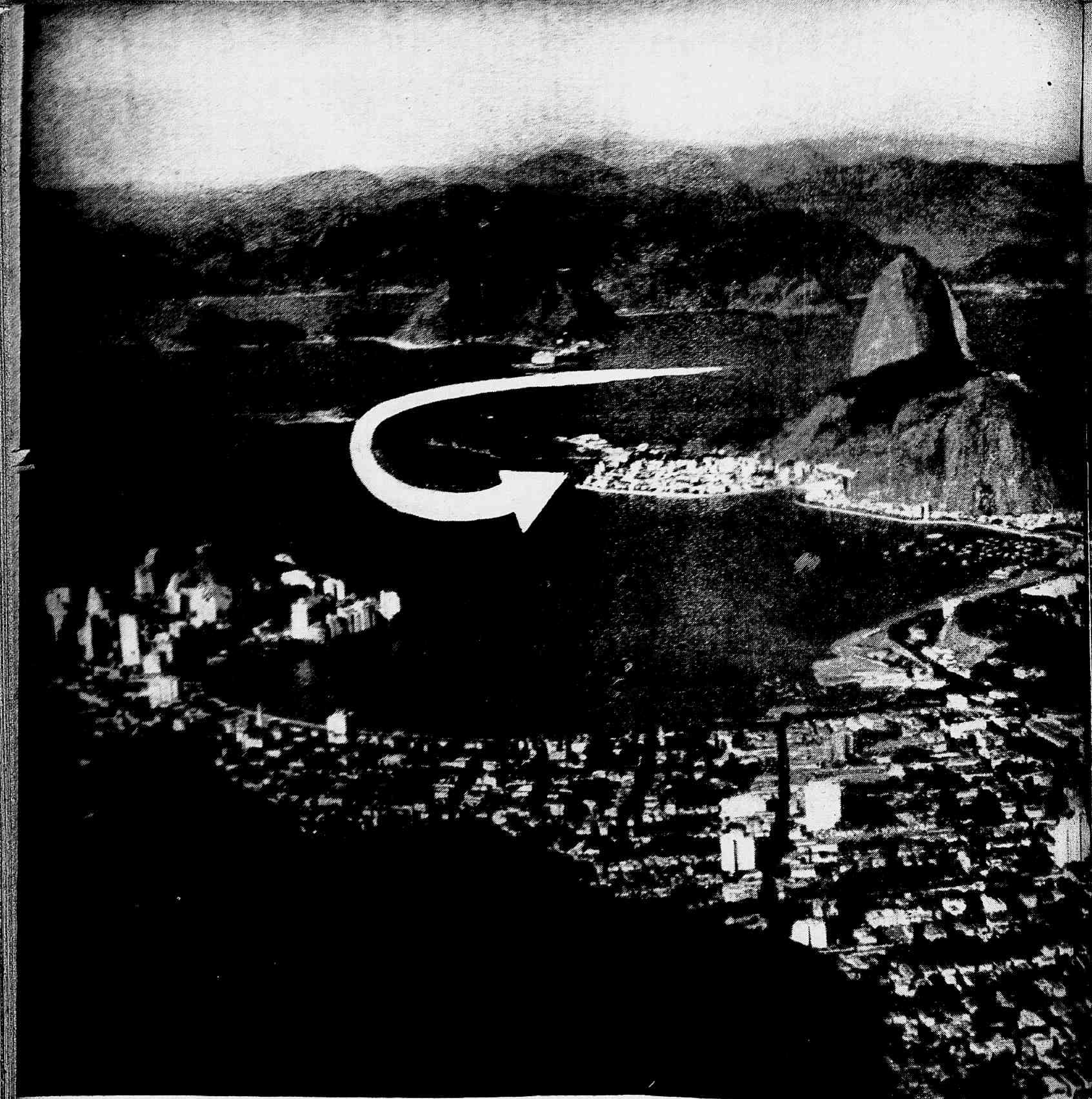
Outro motivo de satisfação para Franceschi é o seu museu de meias. Naquele original museu podemos observar a história dos pares de meias através de tôdas as raças e de todos os tempos.

A invenção da meia perde-se na noite dos tempos como a invenção de muita coisa útil de que faz uso a humanidade, explica Franceschi Pilade.

E prossegue numa ligeira síntese: no tempo dos romanos já se conheciam as «fascies crurales»; tiras que envolviam as pernas. As matronas traziam também faixas envolvendo os seios como os modernos «soutiens». No longínquo Oriente era uma elegância o uso duma espécie de faixa que devia manter a estética dos pés pequenos. Já no Ocidente «a meia grande» começou a ser usada na Idade Média e fazia parte da indumentária masculina. Eram meias confeccionadas em lã e malha. Atribui-se ao inglês William Ridel, a invenção do trabalho em malha, pelo ano de 1564. Por êsse tempo começou a diferença: até ao joelho e acima do joelho. A primeira chamou-se pròpriamente meias. A segunda, calças. Estas passaram a ser feitas em lã ou pele. Aquelas em malha.

Foi sempre assim, continua Franceschi, até aparecerem as meias de sêda que, a princípio, só eram usadas pelos reis. Com a invenção da máquina de William Lee, a fabricação de meias tornou-se

(Cont. na pág. 35)



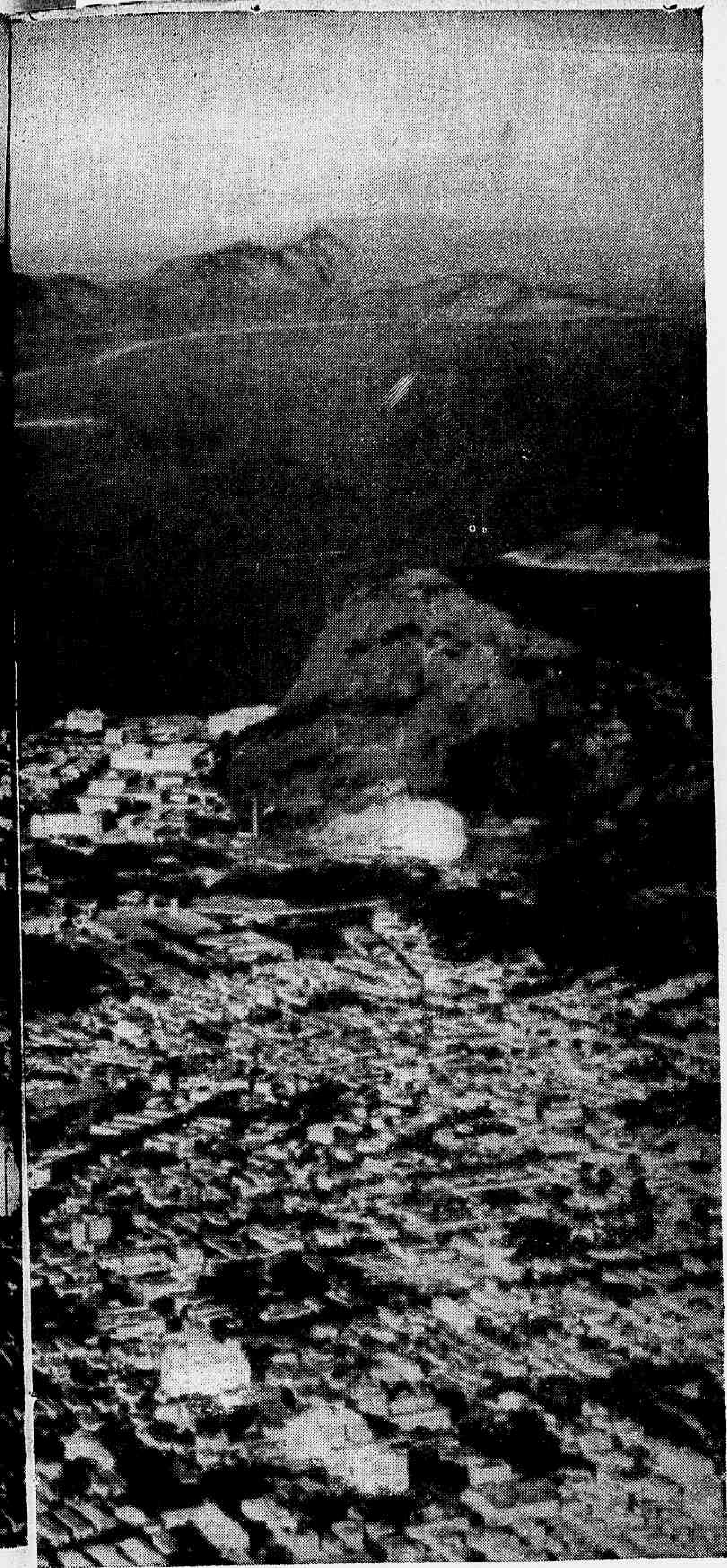
Quando os portuguêses entraram pela primeira vez na Baía da Guanabara a contornaram para encontrar abrigo seguro. Durante algum tempo houve

SÃO SEBASTIÃO DÊSTE RIO

EM que dia deverá celebrar-se a fundação do Rio de Janeiro? Quem em verdade a fundou? E por que em 20 de janeiro lhe festejamos **o aniversário?**

No caso prevaleceu, com a glorificação do padroeiro, o sentimento religioso. E' que a 20 de janeiro comemora a Igreja o santo decurião, cujo nome tinha o menino-rei de Portugal: e sendo êste o da cidade, posta, desde o início, sob a sua proteção, não se compreendia que preferissem outra, ou melhor data, para lhe recordar o nascimento.

Mas se houvesse rigor histórico na escolha, fixar-se-ia a homenagem anual em 1º de março — 1º de março de 1565 e não 20 de janeiro de 1567. Foi dois anos antes da batalha, travada nestas águas da Guanabara no dia evocativo do rei e do mártir, que Estácio de Sá desceu à terra, junto ao Pão de Açúcar, para lançar os primeiros alicerces da povoação: e desde logo lhe chamou — à sua cêrca com alguns casebres, acampamento militar à sombra da penedia — «cidade de São Sebastião». E' o que conta o padre Anchieta, na sua carta de 9 de julho do mesmo ano: «e basta-lhe chamar-se **cidade de São Sebastião** para ser favorecida do Senhor, e merecimentos do glorioso mártir; e acrescentada de Sua Alteza que lhe tem tanta devoção e obrigação». Gabriel Soares, entretanto, dá a Mem de Sá — em 1567 — o título de fundador. Na realidade, sem o seu decisivo concurso não venceriam então os portuguêses a luta desigual com fran-



úvida quanto ao local da fundação da cidade. O local preciso é o assinalado.

DE JANEIRO

PEDRO CALMON

ceses e tamoios: e a êle se deve a transferência do arraial, do sítio acanhado e externo onde a plantara Estácio de Sá, para o morro do Castelo.

Ambas as façanhas, porém, careceram de beleza alegórica, dramaticidade e fulgor.

O momento culminante do episódio, quando adquire tons homéricos no resoluto choque de fôrças, os guerreiros a disputarem peito a peito os rochedos do litoral num combate mortífero — coincidiu com a festa de São Sebastião.

O desembarque de Estácio a 1º de março tem o relêvo impreciso de um começo de ação, ainda inconclusa e dispersa antes da chegada, para expulsar o inimigo, do governador geral seu tio. E não há documentos que relatem as cerimônias realizadas por ocasião da mudança da cidade, que, com certeza, ocorreu imediatamente em seguida à vitória das armas, ao clangor das fanfarras que a anunciaram em 20 de janeiro. Mas o povo não esqueceria jamais êste dia, em que Mem de Sá lançou a sua gente sôbre as trincheiras de Ibiruçumirim e Paranapocu, e as tomou de assalto, ficando para trás, apanhado na face por uma flecha ervada, o bravo moço que fôra o primeiro capitão-mor do Rio de Janeiro — Estácio de Sá. O seu sacrifício, e a lenda do santo que o ajudou milagrosamente, esmaltaram de prestígio beato essa hora solene da vida americana. Emprestaram-lhe a poesia que é indispensável às emoções populares; o fascínio e o esplendor das imolações num clima sobrenatural de apoteose...

Caído o jovem cavaleiro, não se duvidou que a invisível presença de São Sebastião o substituísse à frente da tropa; e fôsse a sua celeste bravura um sôpro de valentia tempestuosa a agitar os espaços azuis, no mais furioso combate que ainda se ferira nestes recôncavos. Não seria o único santo a auxiliar os portuguêses num transe grave; nem era demais que aquêles ferventes católicos o idealizassem, não desnudo e asseteado, como o representa dolorosamente a arte cristã, porém de couraça e capacete, talvez a espada legionária na mão firme, como um anjo arrebatado pelas divinas cóleras...

O fato é que desde aí a cidade e o seu orago não se separaram mais. Associam-nos uma aliança infindável. A imagem e o dia de São Sebastião impregnaram o Rio de Janeiro de um culto que o tempo não dissipou, nem a variação das épocas logrou atenuar e empalidecer, nestes quatro séculos decorridos. Vinculada intimamente à sua primitiva devoção, a cidade de São Sebastião jamais deixou deserto o seu templo, sem flores o seu nicho, sem hinos e hosanas a sua festa, considerando, num plebiscito sentimental que todos os anos se renova, 20 de janeiro o seu natalício, a efeméride com que lhe inicia o calendário cívico, a maior das suas datas, grata na terra aos descendentes dos que a conquistaram, e retumbante nos céus, pela desenganada intercessão do patrono inefável...

A voz das multidões vale mais do que as sentenças desfechadas pela fria erudição e pela pesquisa impertinente. A «maravilhosa» cidade não precisa de outra data para as celebrações da sua fundação banhada pelo sangue do martírio, iluminada pelo triunfo heróico: tem o dia do seu santo, conservando terna e fielmente o santo do seu dia.



Estas são as armas de Estácio de Sá, fundador do Rio de Janeiro, que cobrem seu túmulo na Igreja de S. Sebastião. O traslado de seus restos mortais deu-se em 1922 numa festa promovida pela REVISTA DA SEMANA.

Sempre melhorando...

a BANDEIRANTES anuncia:



RÁDIO BANDEIRANTES



– a mais popular emissora paulista



A piedade dos povos do oriente é vigorosa. O povo ficou horas inteiras sob intenso calor à espera do momento de beijar os pés do grande taumaturgo.

O SANTO APÓSTOLO DAS ÍNDIAS

POR 400 ANOS, EM PLENO TRÓPICO, SEU CORPO CONSERVOU-SE INCORRUPTO ★ BATIZOU MILHÕES DE INFIÉIS ★ ATÉ OS MUÇULMANOS O REVERENCIAM ★ EM GOA AS RELÍQUIAS DE SÃO FRANCISCO XAVIER.

Texto de NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES **Fotos RECORD**

QUANDO a ameaça protestante chegou ao seu auge no século XVI, e Martinho Luthero foi acompanhado por Calvino, Zwinglio, John Huss, e outros que se rebelaram contra a autoridade do Sumo Pontífice, a Igreja viu-se na batalha ao lado de grandes capitães da fé. Santo Inácio de Loyola, oficial do exército espanhol ferido no cêrco de Pamplona, recolhido pelos inimigos a um castelo, leu durante sua convalescença o **Flos Santorum** e os exemplos heróicos dos santos levou-o a uma intensa vida piedosa.

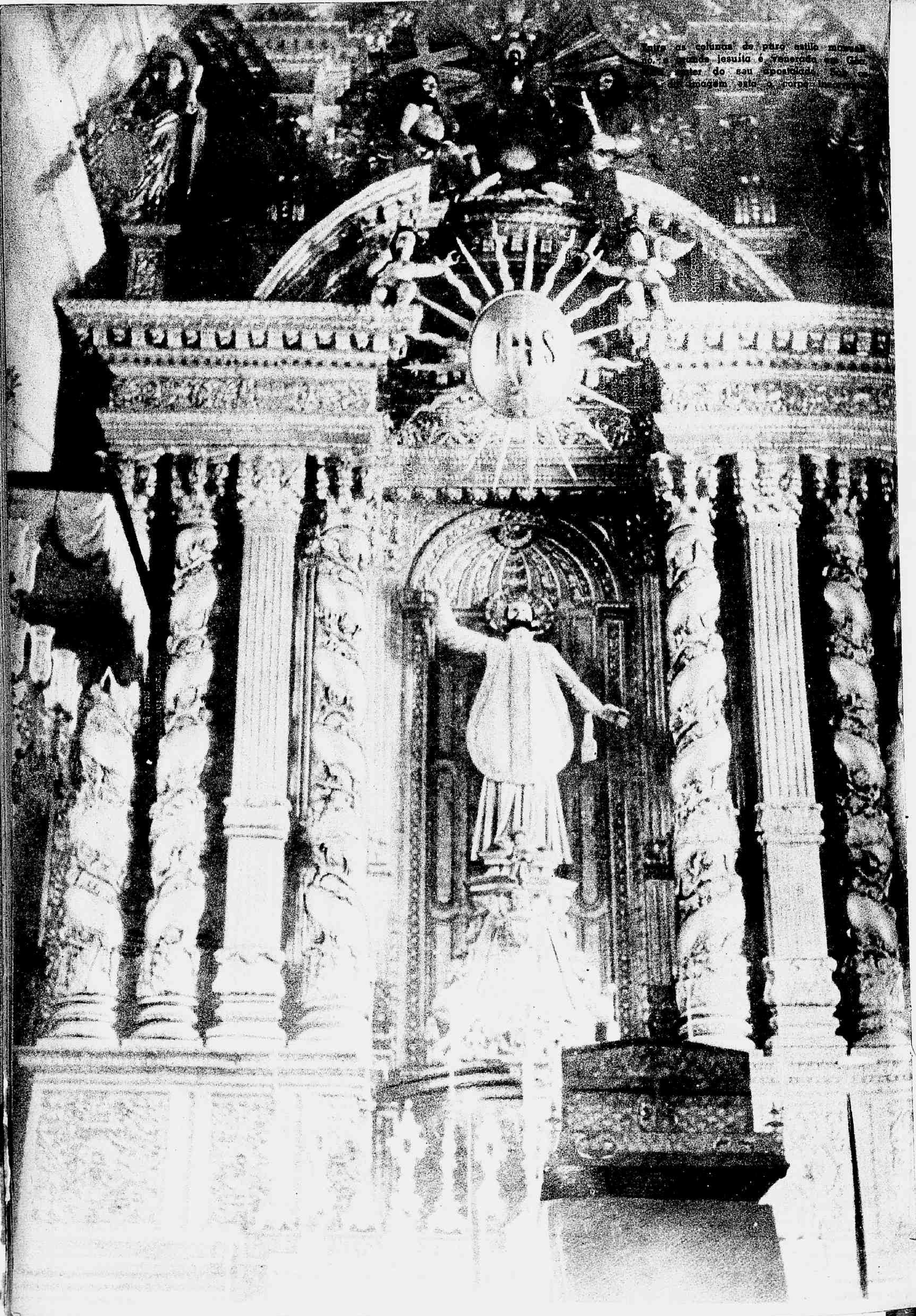
Mas não ficou na piedade individual e feliz dos que contemplam a Deus e gozam da perfeita beatitude. Seu temperamento combativo viu logo que o inimigo da Igreja sempre se refaz como uma hidra de múltiple cabeça. E apesar de manco, dirigiu-se a pé para a Universidade da Sorbonne e ali fêz um curso completo de teologia. Sua personalidade viu-se logo rodeada de jovens que também queriam combater no exército de Jesus Cristo. Conheceu ali, uma das figuras mais extraordinárias de sua nova Companhia de Jesus. Fundada a ordem dos jesuítas, um dos primeiros a acompanhá-lo foi Francisco Xavier, rebento das mais nobres famílias de Espanha.

A missão da Companhia era combater disciplinadamente, militarmente, obedecendo sem titubear às ordens de um Geral ou General que levantasse o galhardete da cruz contra os hereges.

E assim Inácio de Loyola formou o seu batalhão de jovens instruídos na fé e começou o que històricamente ficou sendo chamado de Contra-reforma.

Alguns, como o famoso padre Laínez, ficaram junto a Santo Inácio, outros chamados José de Anchieta, Francisco Xavier, Antônio da Nóbrega, Vieira, Rivadeneyrá, foram levar o evangelho ao «front» distante das Indias Orientais e Ocidentais.

São Francisco partiu para as Indias, onde fêz uma vida de apostolado em terreno prática-



Entre as colunas de puro estilo manueli-
no, o [illegible] jesuíta é venerado em Goa [illegible]
[illegible] do seu apostolado [illegible]
[illegible] imagem está o corpo [illegible]



Em seu esquife dourado o corpo de S. Francisco Xaxier estêve exposto à veneração dos fiéis. Porém, depois de 4 séculos será definitivamente sepultado.

mente virgem e hostil, minado pelos fanáticos de Mahometh.

E seu exemplo e operosidade foram tais que submeteu o oriente inteiro a um banho lustral. Batizou alguns milhões de infiéis. Os batizava em grandes grupos e lhes ensinava o caminho da salvação pela aceitação da cruz e pelo amor da verdade pregada por Jesus em seu Novo e Eterno Testamento.

Seus milagres se multiplicavam. E o respeito do oriente inteiro se voltava para a Companhia de Jesus que conseguira em poucos anos recuperar os séculos em que a India budista e muçulmana apenas vira a ação franciscana que dera mártires, porém não conseguira a estabilidade necessária para que os frutos fôssem duradouros.

São Francisco Xavier batizara tantos que



Para presidir os ofícios religiosos, o Cardeal Cerejeira, Primaz de Portugal, viajou para Gôa. Nos flagrantes acima vemo-lo oficiando o responso. Guiado pelo mestre-de-cerimônias sai o caixão do grande Santo jesuíta para sua morada definitiva na magnífica catedral da colônia portuguêsa.



A grande urna de vidro e prata lavrada guarda os restos do Apóstolo das Indias, S. Francisco Xavier, que é venerado por povos vindos piedosamente de todo o oriente remoto.

no fim de sua vida, já prostrado pela doença e pelo esgotamento, tinha a seu lado um irmão leigo que lhe levantava o braço com o qual derramava a água redentora sôbre os pobres infiéis da India e do Japão. Seu braço direito está hoje em Roma, como relíquia das mais preciosas da Igreja moderna.

Gôa foi o seu principal centro de operações, seu quartel-general. Enquanto a Europa discutia sutilezas teológicas, São Francisco e seus Companheiros da Societas Jesu continuavam ganhando almas para o grande rebanho de Cristo. Anchieta catequizava os índios do Brasil. Pacificava as tribos e escrevia a gramática da Lingua Geral que haveria de ser o idioma do Brasil no seu primeiro século de vida.

E agora, ao completar o quarto centenário de sua morte, com surprêsa, viu-se que seu corpo se conservara intacto passando agora para um estado de mumificação. Isto porque, em face da intensidade das peregrinações seu ataúde vem sendo aberto continuamente.

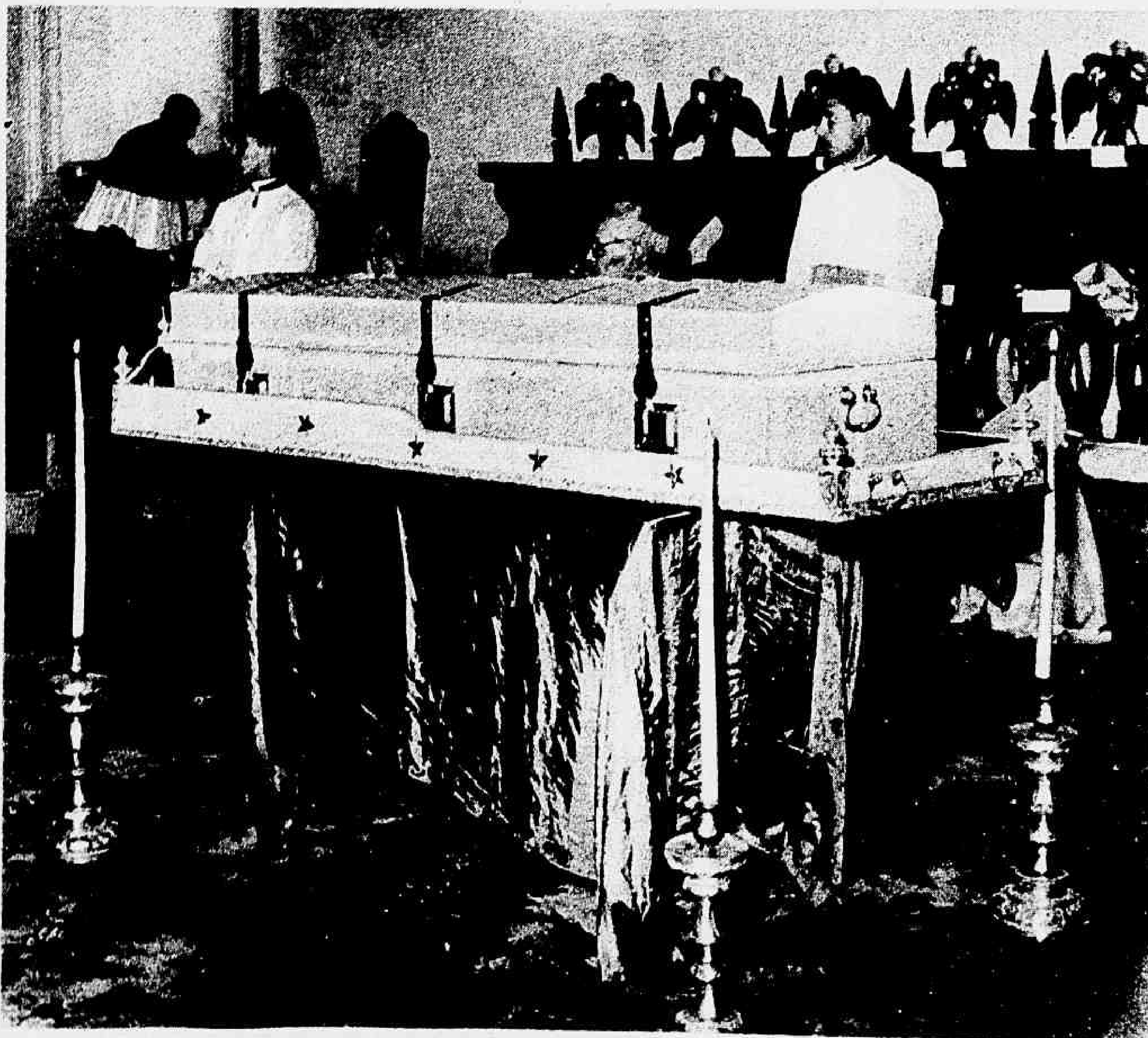
Por ocasião dêste centenário milhares de peregrinos que herdaram a fé dos seus antepassados, testemunhas das pregações de



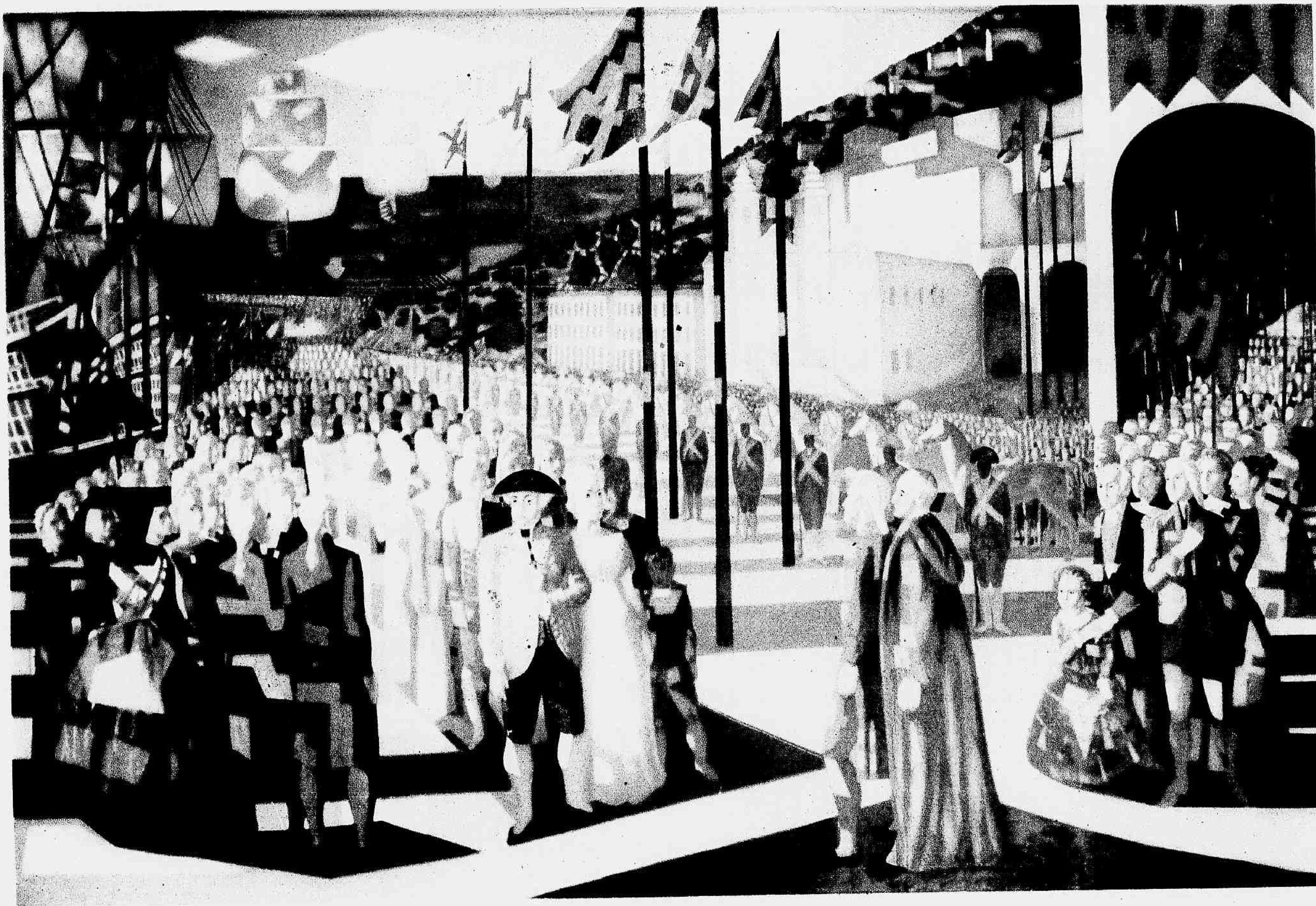
Um oficial do exército colonial português presta sua reverência ao grande Santo.

São Francisco Xavier, partiram da ilha do Ceylão, de Moçambique, do Japão, do Paquistão, enfim, de todos os lugares do extremo oriente que vêem na sua figura a presença de um homem que sòzinho conseguiu construir um território de paz e de perfeito entendimento entre brancos europeus e nativos, sem interêsses políticos, sem imperialismo econômico, apoiado única e exclusivamente na graça e no amor de Deus.

Pelo vapor «India» também foi a Gôa o Cardeal Cerejeira e o Legado de S. S. Pio XII, que ordenou fôsse seu corpo conservado doravante em uma urna funerária de cristal e prata, fechada para sempre, já que o milagre de sua conservação é uma manifestação do poder sobrenatural da fé e alimento espiritual de todos os católicos.



Seu caixão foi fechado e velado na igreja de Bom Jesus antes de ser transladado para seu jazigo perpétuo na Catedral de Gôa — chamada a Antiga — colônia portuguêsa nas Indias.



Chegada de Dom João VI e a família real à cidade do Salvador. Painel de Cândido Portinári.



QUANDO O FRACO É FORTE

A primeira lei de proteção aos pássaros está em um versículo do Deuternômio que proíbe que se mate os filhotes que ainda estão emplumando. Mas a cobra é o animal especialista em contrariar as Sagradas Escrituras daí que aproveita tôda a oportunidade que lhe vem ao alcance para comer os ovos frescos que encontra.

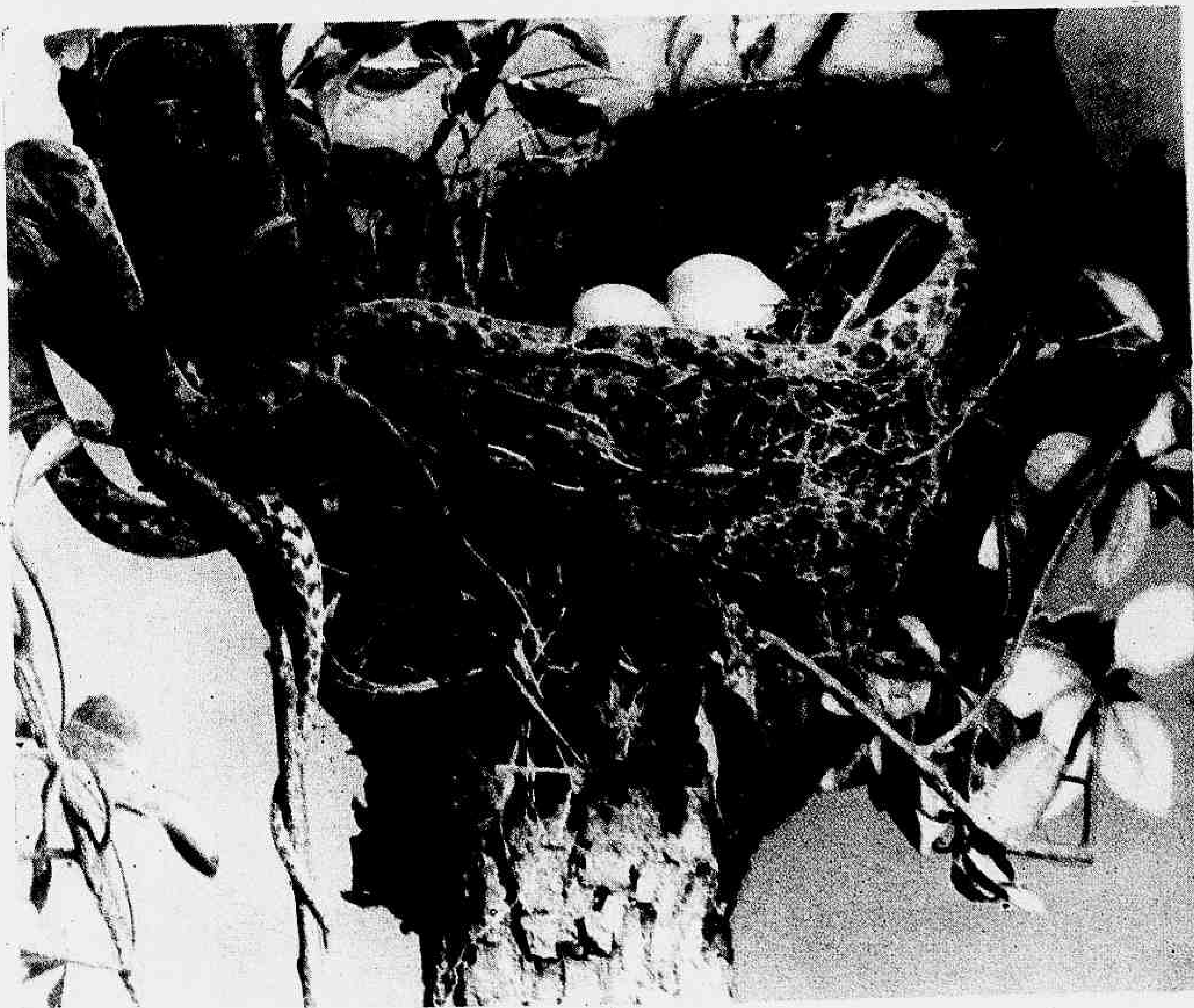
Desta feita aconteceu na África o atentado. Mas não contava com a presença de um atilado fotógrafo e da pronta reação da mãe-pássaro que usando seu poderoso



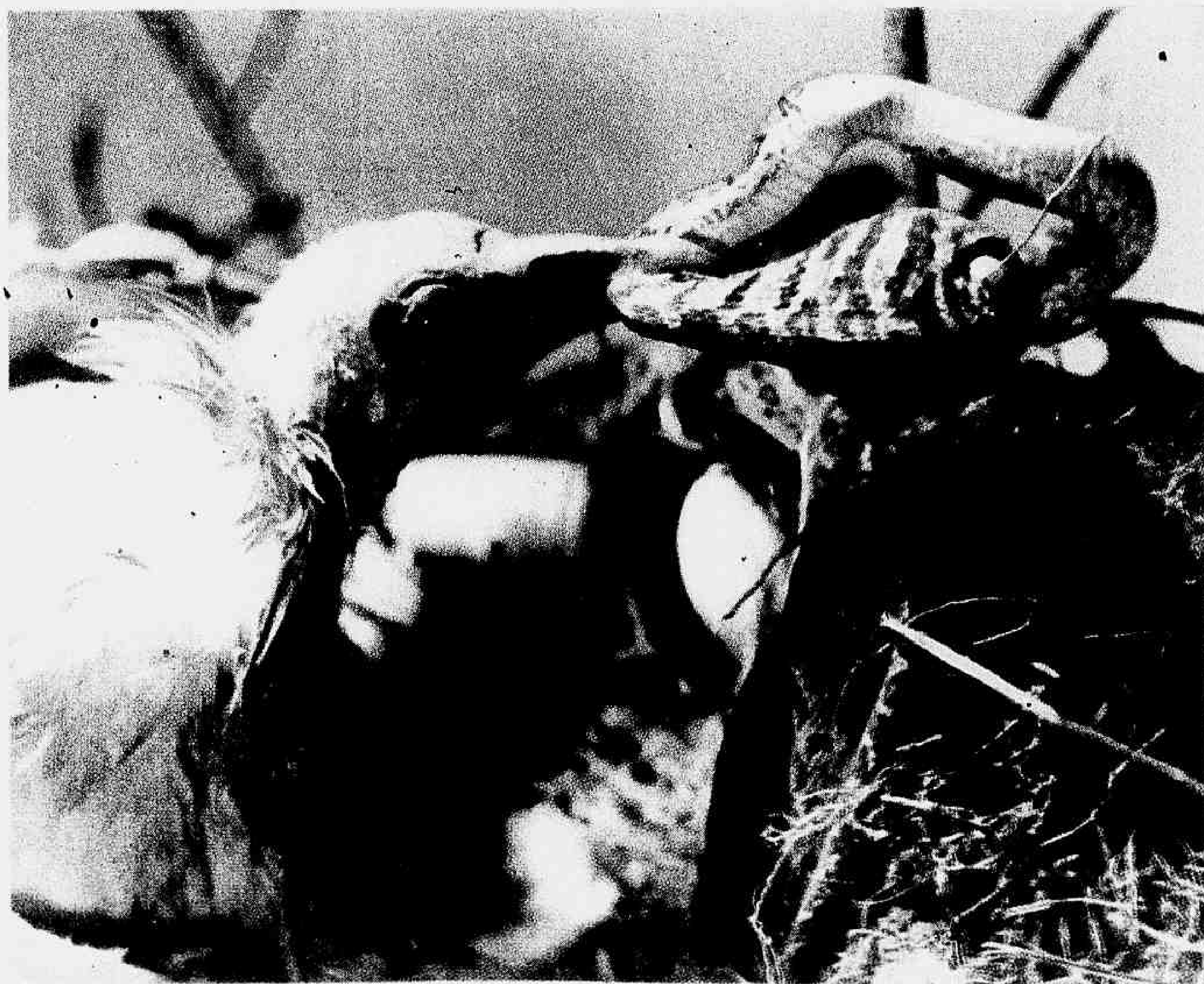
bico foi quebrar-lhe a espinha dorsal no momento preciso em que o réptil estava totalmente incapacitado para o ataque. Com as prêsas impedidas pelo ôvo, sofreu uma bicada fatal.

Esta seqüência é qualquer coisa de sensacional do ponto-de-vista da oportunidade. Uma vez entre mil que aconteça fato semelhante será possível repetir a dupla façanha — a da defesa na hora H e a da calma de um fotógrafo que antes de pensar na sua própria defesa pessoal prefere conseguir um «furo» para enriquecer sua ficha de repórter.

A natureza, guiada pela sábia providência divina, apesar das cenas de violência que costumam se apresentar aos homens sem uma explicação imediata, sempre man-







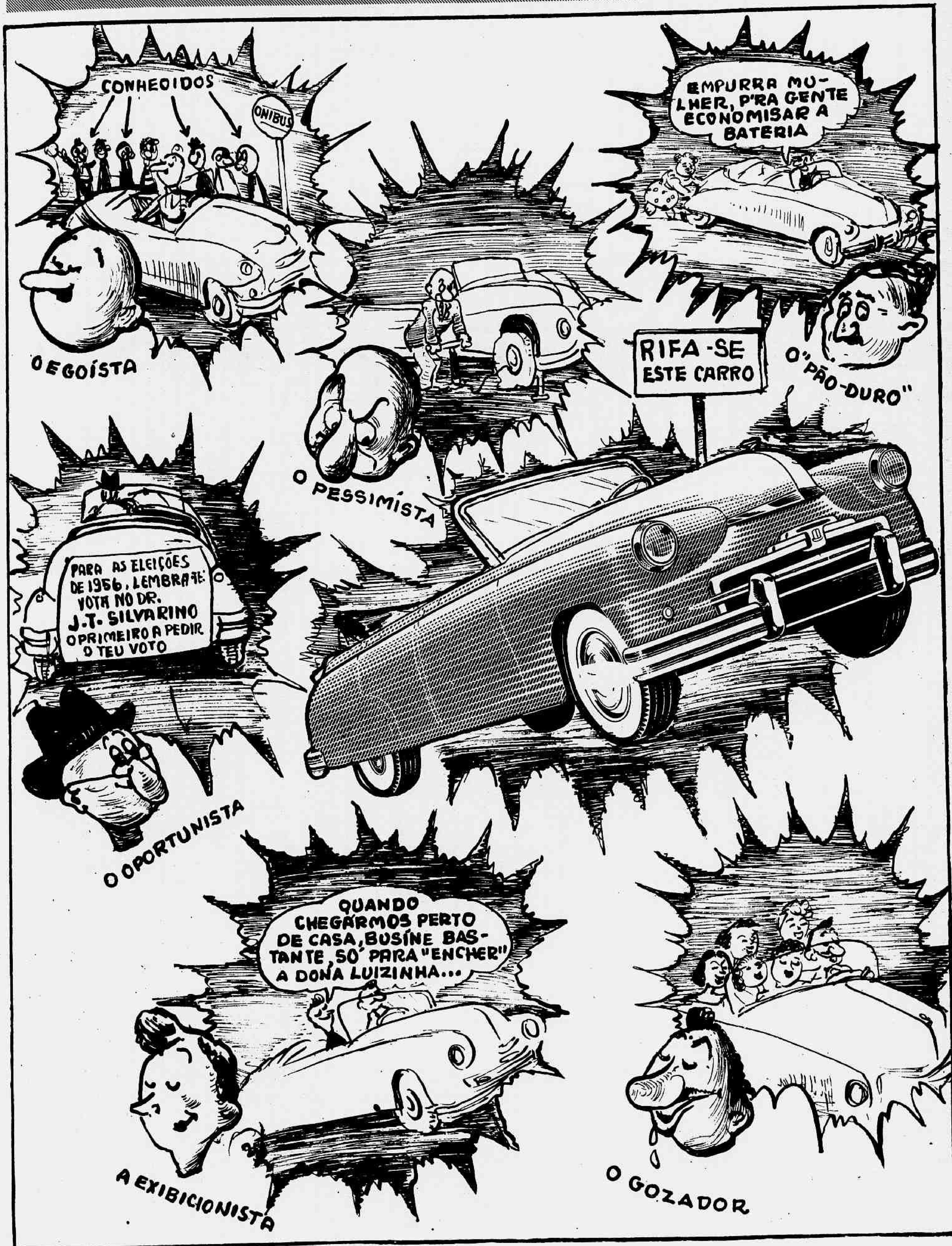
têm perfeito equilíbrio, de tal modo que nunca faltem cobras nem a diligência dos que as combatem.



ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

CRIAÇÃO DE DARCY

A FORTUNA NÃO ESCOLHE CARA







À esquerda — Estas meninas parecem extasiadas diante das lindas bonecas que lhes trouxe o Papai Noel do Jockey. À direita — O presidente do Jockey Club Brasileiro, Dr. Mário de Azevedo Ribeiro, distribui pessoalmente os presentes, num belo gesto de compreensão e solidariedade. Na fotografia de baixo — Qual dêstes brinquedos o mais bonito? Todos são muitos lindos e a petizada está bastante feliz...

PARA A GRANDE FAMÍLIA TURFISTA

UM NATAL FELIZ NO JOCKEY CLUB



ENCERRANDO o seu intenso e brilhante programa social de 1952, o Jockey Club Brasileiro promoveu no Tattersall da Vila Hípica, às vésperas da data maior da cristandade, o Natal dos filhos dos seus funcionários, bela festa de confraternização que reuniu naquela dependência do Hipódromo uma multidão de crianças e seus pais, diretores e associados da agremiação, jornalistas e pessoas gradas. Em meio a alegria geral, a petizada recebia brinquedos, peças de vestuário e bombons. Na véspera, o Jockey Club havia distribuído aos seus empregados, inclusive cavalariços e biscateiros, um mês de ordenado como abono de festas. Dias antes realizara o festivo encerramento das aulas do Jardim de Infância e Escola Primária, modelares casas de ensino que mantém, inteiramente grátis, para as crianças da enorme família turfista. Foi êste, sem dúvida, no ano que findou, um fecho de ouro para a louvável política de assistência social seguida pela nossa benemérita associação carreirista, que agora, sob a presidência do dr. Mário de Azevedo Ribeiro, segue e amplia a linha de benefícios que vem sendo adotada com entusiasmo pelos seus dirigentes em favor de todos os que estão ligados às suas atividades sociais e esportivas. Num belo gesto de solidariedade, fizeram pessoalmente a distribuição dos presentes à garotada o dr. Mário de Azevedo Ribeiro e senhora, o ministro Luiz Gallotti e senhora, o sr. Bastos Padilha e senhora, o sr. Álvaro Carijó, auxiliados pelo sr. Leônidas de Souza Mendes, superintendente do Hipódromo, e senhorita Neide Ramos. Assim foi o encerramento do ano no seio da família turfista carioca. Um Natal feliz, muito feliz e risonho. Alegria para os que trabalham, alegria para os que estudam, alegria para homens, mulheres e crianças, que têm no Jockey Club uma casa amiga e nos seus administradores os melhores amigos.



A Sra. Mário de Azevedo Ribeiro empresta o seu concurso ao Natal dos filhos dos funcionários do Jockey. Assistem à ilustre dama o seu espôso, o jornalista Isaac Moutinho e outras pessoas.





À esquerda — Ao colo da sua mamãe, a pequenita também recebe a lembrança de Papai Noel, das mãos da Senhora Mário de Azevedo Ribeiro. O Senhor Álvaro Moura Carijó — à direita da fotografia — tesoureiro do Jockey Club Brasileiro, aprecia a bela cena. À direita — As Senhoras Luiz Gallotti e Bastos Padilha são vistas aqui entregues à faina de distribuição que o Papai Noel fêz à garotada turfista.

Semana LITERÁRIA

FORA DO PRELO

OS PIRATAS DO MISSISSIPI — Um novo volume vem aumentar a Coleção Aventuras, das Edições Melhoramentos. De autoria de Friedrich Gerstacker, é novela ao gôsto da mocidade. Tradução de F. Messejana e ilustrações de Emery Guéron.

●

O COELHO E A ONÇA — Assinado por Elos Sand, com gravuras coloridas de Lisa Modern, é o livrinho 26 da Coleção Primavera, da Melhoramentos, coleção essa que a criançada aprecia imensamente.

●

GALINHA NANÁ — O professor Maximiano Augusto Gonçalves publica «Galinha Naná», uma história bem urdida, em verso e prosa, com aquela clareza de estilo a que já nos habituou o apreciado escritor. Ilustrações de Maria da Conceição e edição do Livro Vermelho dos telefones.

●

LEITURA V — Mais um volume da vitoriosa Série Pátria Brasileira, de autoria de Renato S. Fleury, na qual as Edições Melhoramentos oferecem noções indispensáveis ao curso primário. Páginas muito ilustradas.

●

PINTINHO CONTA ATÉ DEZ — E' mais um livro infantil com que as Edições Melhoramentos presenteiam o pessoal miúdo. Da lavra de M. Friskey, ilustrado a côres por K. Evans, «Pintinho conta até dez» prende a atenção dos pequenos leitores pela graça do texto e das gravuras.

●

A EDUCAÇÃO E SEUS PROBLEMAS — Depois do êxito cultural e de livraria de «Sociologia educacional» e «Princípios de Sociologia», o professor Fernando de Azevedo volta ao cartaz pedagógico, nacional e estrangeiro, com a terceira edição de «A Educação e seus problemas», através da Melhoramentos. Dispensável louvar a obra, sabendo-se que o autor é um dos mestres mais lúcidos que encontra, entre nós, o estudo de «A educação e seus problemas».

EDMUNDO LYS

UM LIVRO

"A LUZ PERDIDA" (III)

INICIAMOS estas notas sôbre o último livro de poemas de Murillo Araújo afirmando que "A Luz Perdida" marcava uma nova etapa na lírica do poeta: é um livro de maturidade.

Isto quer dizer que serenaram as inquietações, pararam as experiências, fixaram-se as estruturas. Definir como livro de madureza esta coletânea de poemas é o mesmo, portanto, que afirmar que o poeta atingiu ao seu climax, encontrando-se a si mesmo, como artista e como lírico.

Quem acompanha a evolução da obra de Murillo Araújo verifica que o cantor surgiu "novo", de acôrdo com o sentido que damos à palavra, em nossa cronologia poética. De fato, o poeta de "estro grande inspirado" que saudou João Ribeiro, sempre tão seguro em seus juízos, não veio continuar ninguém. Seus primeiros livros são obras originais, de grande fôrça lírica, verdadeiras alvoradas, quando se praticava, mesmo entre os mais jovens, o gesto antigo e as regras anteriores. O poeta de "Carrilhões" era uma voz nova, tanto pelos seus acentos, como pela estrutura geral de seus versos clangorosos que não imitavam outros versos. A mesma musa cantou, depois, "A Cidade de Ouro", fixando além do parti-pris do som, tão acentuado no livro anterior, o sentimento plástico de um poeta que juntava o subjetivismo ao mais profundo sentimento do mundo, repetindo o caso único, até então, de Antônio Nobre, de ser ao mesmo tempo pessoal, pessoalíssimo, embora refletindo o espetáculo da vida exterior em um espelho gigantesco.

A medida lírica de Murillo Araújo tem essas duas dimensões: ao mesmo tempo que o poeta desce em si mesmo, aprofunda-se na natureza de seu sentimento, seus olhos procuram emoção nos espetáculo do mundo externo, acariciando fraternalmente as paisagens e os sêres. Interessante principalmente êsse modo de ser do grande poeta novo, quando êle surgia numa geração fortemente influenciada pelo pessimismo mais dissolvente, pelos egocêntricos que tiveram sua maior expressão no amargo poeta do "Eu", livro que exponencia, ao mesmo tempo, as duas tendências principais da poesia do tempo, o subjetivismo e a acridez.

Agora, já se amortecem os clangores da lira, as sonoridades santuárias, as orquestrações dos "Carrilhões", da mesma forma que se atenuaram, aos olhos do poeta, as orgias coloridas, as aurifulgências de "A Cidade de Ouro". Êste poeta de exterior, que procurava símbolos fulgurantes na natureza, que procurava imagens em ESCADARIAS ACESAS, via nas ruas e nos jardins urbanos cascatas de ouro, jorrando dos crepúsculos, e como que prendia em versos, como um pintor, o próprio espectro solar — com o correr do tempo vai se aconchegando à casa, acomodando-se às penumbras interiores, familiarizando-se com os tons menores, divertindo-se com os acordes menos brilhantes e, por tudo isso, sua confidência é mais íntima, talvez mais comunicativa, mais delicada, correndo como uma escala em bemóis, em vez de exigir maior instrumental para o seu canto.

Falamos em Verlaine, a propósito dêste neo-simbolista que também exigiu "la musique avant toute chose". E agora vemos muito mais nitidamente, na curva desta poesia, a mesma parábola verlainiana, aquela mesma evolução do exterior para o interior que marcou o poeta das Festas Galantes e de "Jadis et Nagrière". E' preciso ouvir, entretanto que o paralelo não indica filiação: Murillo continua pessoal e autônomo. A comparação é, por assim dizer, apenas uma coincidência. Já o dissemos também: com Tasso da Silveira, Murillo foi um dos legatários do simbolismo e, entre os demais, os que deram maior contribuição a essa forma de sensibilidade e de poesia, renovando-a inteiramente, graças ao talento criador, aliado a uma verdadeira vocação poética. Sôbre o velho painel simbolista êles criaram miraculosamente, novos motivos, novos gestos, novas harmonias. A côr e o som, com a imagem, com o símbolo, surgiram da lira de Murillo Araújo como se acabassem de ser inventadas: "A Luz Perdida" é um título nostálgico. Entretanto êle poderá definir êstes poemas em comparação com os anteriores do poeta: aqui, a luz que se atenuou, como a do sol que a lua reflete, não deixou por isso de ser luz. Até porque o poeta vê na lua — "simples e sinceramente a velha lâmpada de Deus para os idílios".

UM AUTOR

ELOS SAND



ELZA MORAIS DE BARROS ou, melhor, Elos Sand, pseudônimo que ela tornou conhecido e estimado, acaba de aparecer em oitava edição com seu livro de histórias infantis — «A Formiguinha Desobediente», obra sobremaneira interessante, pela riqueza da fantasia, pelo toque poético e pelo ingênuo moralismo a que conduz, sem trair o objetivo de deleitar o espírito infantil, como deve ser tôda obra destinada aos leitores juvenis.

Basta o registro dêste fato para avaliarmos do merecimento da autora, aliás uma das mais queridas pelo seu público numeroso. Outras obras suas, entretanto, confirmam uma vocação como raras têm surgido entre nós, no difícil gênero de escrever para a infância: «A Estrêla», «O Patinho Teimoso» e «O Jardim Encantado» abriram à autora bandeirante o largo caminho da literatura infantil em que se consagrou como das mais apreciadas ficcionistas.

Como os melhores autores dêsse gênero de histórias, Elza Morais de Barros associa as raras qualidades que se exigem nesse campo: ela nos dá idéia de uma vocação poética, escrevendo doces fábulas, amáveis e cheias de imprevistos, nas quais o mundo real confina com o arbitrário mundo da fantasia, através de uma fabulação singela mas bem construída. Em uma palavra: Elos Sand é uma vocação. Sente-se isso na leitura de seus livros. Porque há os que escrevem literatura infantil de circunstâncias, sem que se sintam realmente interessados por êsse mundo infantil em que procuram excursionar. E daí a abundância de historietas desinteressantes, demasiado construídas, em geral, e quase sempre sem um real apêlo para os pequenos leitores.

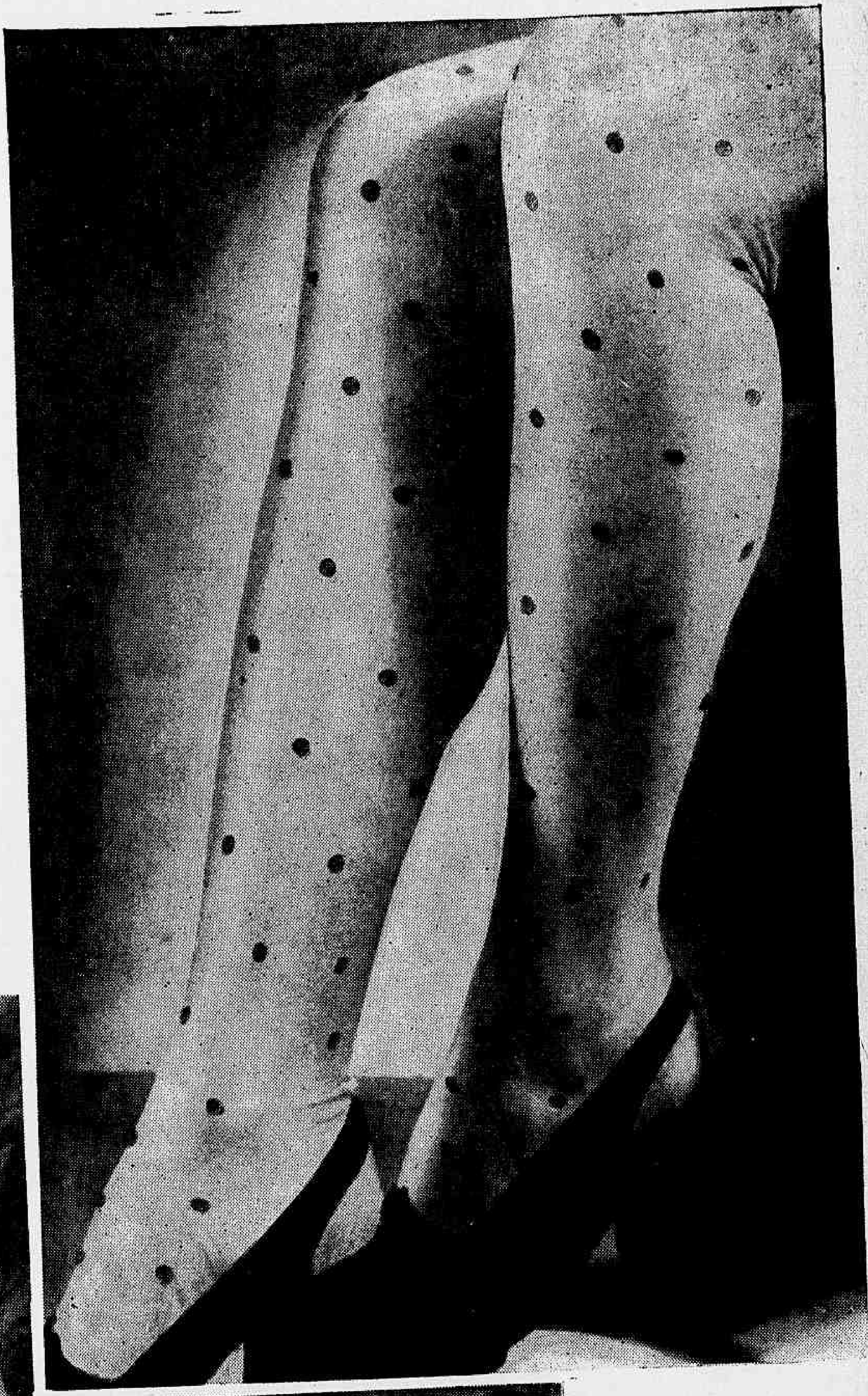
As oito edições de «A Formiguinha Desobediente» confirmam que a escritora paulista foge à regra dos maçadores das crianças.

A fascinação de um par de meias

(Cont. da pág. 19)

uma das grandes indústrias de nossos dias. Hoje se confecciona meias de todos os tipos e de tôdas as côres. Sempre se tem em vista, naturalmente, tecer as mais raras meias com material de primeira, onde o bom-gôsto prime pela beleza e elegância feminina.

Franceschi Pilade dedica todo seu tempo à beleza das pernas das mulheres... Por isto acredita no fascínio que as meias produzem como delicado ornamento da feminilidade. Suas palavras são uma exaltação a esta parte das vestes femininas que empresta maior atração ao belo sexo. — As meias são na «toilette» feminina aquilo que o violino é para uma orquestra: o instrumento de exceção cuja voz define, completa e exprime nìtidamente a harmonia mais oculta.



Ainda que pareça varíola, trata-se de uma dessas extravagâncias que a moda apresenta.



Com «nylon» também se fazem estas tatuagens sôbre as meias. Poupando as pernas.

A BELEZA OCULTA NO BARRO

O MUNDO DAS **MARIONETTES** DE BARRO ★ ESCULTURA E DECORAÇÃO FUNCIONAL ★ MODELAGEM, COZIMENTO E PINTURA ATÉ CHEGAR A OBJETO DE ARTE.

Texto de N. A. L. ★ Fotos de A. FERREIRA



Entre o pincel, o escopro, o barro macio, eis aí a artista Hilda Goltz trabalhando, descobrindo mundos novos que estão ocultos no nada. A arte, não resta dúvida, faz prodígios.

FOMOS encontrar Hilda Goltz, professôra de cerâmica da nossa Escola de Belas Artes, em plena atividade. Disse-nos que se apressava em terminar alguns trabalhos, pois está de viagem para a Europa, convidada pela divisão cultural do Itamarati.

— «A cerâmica, disse-nos, é uma arte que roça tão de perto pela indústria que o seu perigo é o da borboleta, queimar-se pela tentação de reproduzir em grande escala algum acêrto». «E' uma arte complicada, continuou, que exige grande esfôrço físico na sua primeira fase. O tôrno manual, isto é, não-mecânico, torna o trabalho mais cansativo, porém tem a compensação de ser mais «sofrido», isto é, mais humanizado. Depois, vem a ação do calor do forno que sobe quase sempre até 1.000 graus. Então o barro, a terracota, se transforma em «biscoito». (Vem daí a expressão «biscuit», de porcelana, etc.). A terceira fase pede inspiração para a côr. Como vê, é uma arte que mistura a escultura em pequena escala com a pintura, que tem o fim principal de decorar, de ilustrar a forma conquistada. A inspiração tem, portanto, que ser contínua. Primeira para encontrar a forma, depois para encontrar a côr.

— Quando começou a trabalhar?

— «Foi há quatorze anos em Pôrto Alegre. Eu antes me dedicava exclusivamente à pintura. Depois, senti que a cerâmica — senti o que aliás é hoje quase uma tese da pintura de vanguarda — dava ao artista uma grande liberdade na criação. Então me joguei em cheio no mundo mágico em que a beleza se esconde no simples barro, do qual também nós fomos feitos.»

— Já expôs alguma vez?

— «Diversas vêzes. E fui muito estimulada pela crítica que sempre se mostrou benévola comigo, não só desde o ponto-de-vista intelectual como também desde o ponto-de-vista da aceitação comercial dos meus trabalhos. E' que eu viso com meus bonecos criar o com-

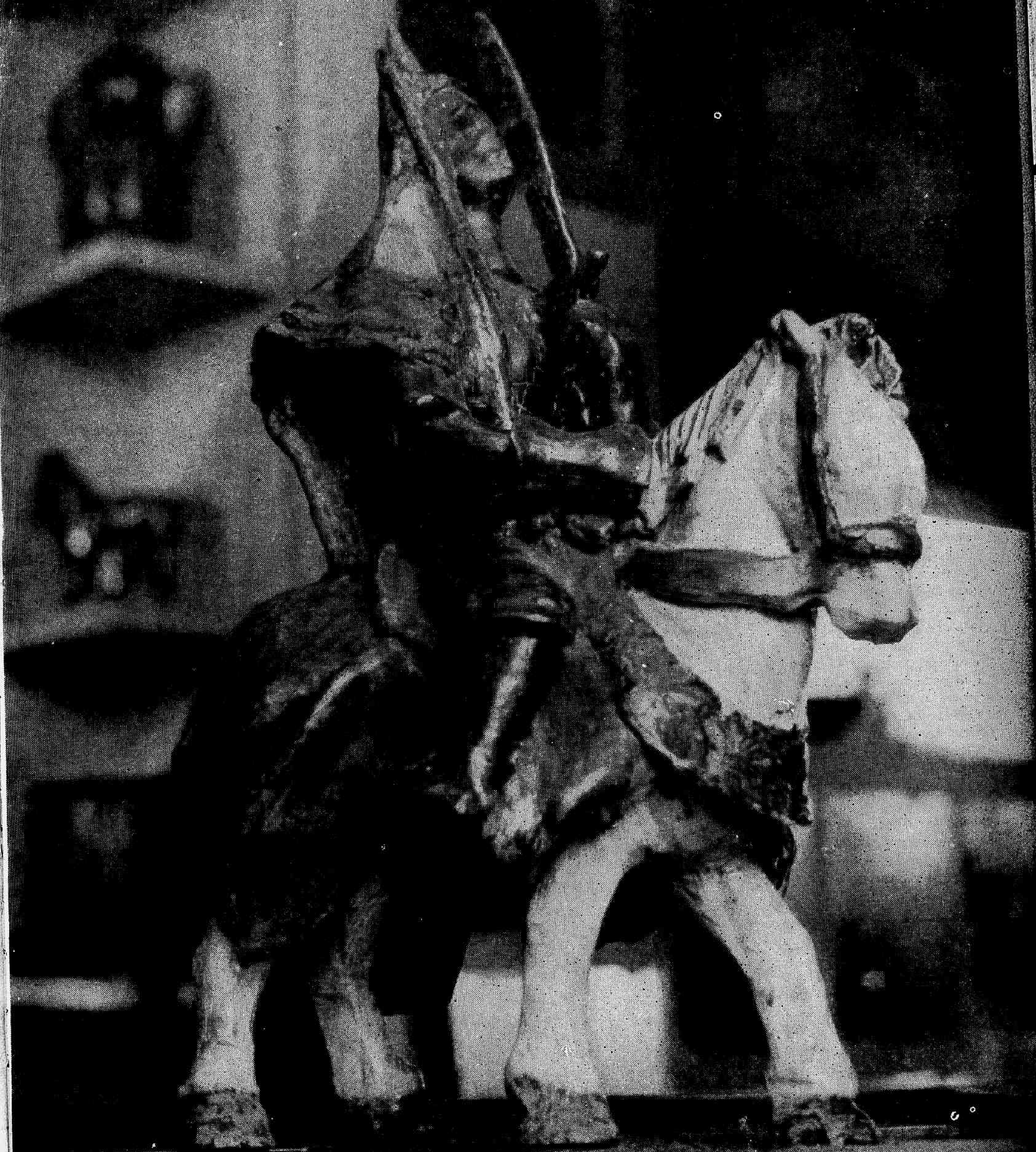
(Cont. na pág. 40)



Gravitando em tôrno de seus mágicos dedos as formas vão sendo sugeridas pela sua sensibilidade. Primeiro é apenas o barro informe, depois um belo vaso cantante e vivo



Ou um Arlequim, que sai da terra crua para entrar na Commedia del Arte e agitar os corações com o seu ágil bandolim ou desviar o destino de alguma gentil dama.



Êste guerreiro medieval antes na imaginação, depois tomou forma nas mãos da artista. Agora se dispõe a habitar — como um guardião medieval — na recordação.

À LUZ DA PSICANÁLISE

OS SEGREDOS DA ALMA

DR. LUIZ FRAGA

H. S. estudante de Belas Artes, é uma estudiosa dos assuntos psicológicos. Procura-nos freqüentemente e foi das primeiras alunas de nosso curso de psicanálise. Presentemente está em São Paulo e nos escreve para que lhe tiremos duma dúvida:

— Yoga e Psicanálise são quase a mesma cousa, não ?

X — Não. Yoga é uma "terapêutica" da filosofia e moral de tendência religiosa e consiste em atingir o Nirvana, o nada voluptuoso. De certo o meio de se chegar a êsse estado é análogo àquele de que se serve a análise, sendo todavia, diferente o processo; aquêle busca a meditação crepuscular e obnubilante. O "Brahmacarin", que é o aprendiz brahmane que quer ser penetrado pela secreta fôrça mágica, que constitui para os indus o fundo remoto do ser, deve, durante sua iniciação, passar por um estado de sono hipnótico, que dure três dias. O mestre que inicia o discípulo conserva-o durante três noites numa cabana, de punhos cerrados, as pernas dobradas e aproximadas do corpo, cercado de véus e envolto num lençol. O lençol apresenta para o "Deksita" o âmnios. Põe-se por cima uma pele de antílope prêto. Findo o tempo êle se desfaz em primeiro lugar da pele de antílope negro e desce ao "Avabhrtha"; desce envolto no lençol. E' um fenômeno originário e primitivo da situação voluptuosamente protetora que determina, por criação projetiva, à sublimação religiosa, representada pela imagem de um Deus onipotente e cheio de bondade, mas sempre pronto a castigar. Na origem de tôda religião, antes da formação de figuras de demônios e de deuses bem definidas e circunscritas, encontram-se certos sentimentos primitivos de um caráter sagrado: frêmito ante o incógnito, surprêsa ante o que é incompreensível, ambos se manifestando no primitivo sob a forma de mêdo dos demônios. Freud afirmava que os demônios se ligavam ao terror que as palavras inspiravam, isto é, correspondiam ao sentimento de culpabilidade projetado no interior, enquanto, de outra parte, a angústia vaga, indeterminada, tal como se observa na criança, constitui uma conseqüência remota do traumatismo do nascimento. A crença nos demônios se transforma em crença nos deuses. A evolução religiosa se efetua paralelamente à evolução social. A princípio surge o culto da grande divindade materna das religiões asiáticas, sendo essa divindade concebida ora como "a deusa selvagem do amor voluptuoso e da vida luxuriante da natureza", ora como "a rainha celeste, tôda pureza, como a deusa virginal". A divindade materna podia ser tudo: alma universal, volúpia cósmica, redenção do mundo, luz universal; podia ser uma irradiação de tudo isto em todos os graus de ser, desde o mais sublime ao mais vulgar; podia ser riso e pranto, espírito e corpo, céu, terra e inferno.

Psicanálise é, inicialmente, a doutrina do pansexualismo, tomando em consideração os acidentes da vida psíquica, interpretando as anomalias do ser, neste setor.

"Esmerilha aquilo que mais preocupa o cliente, chega mesmo a empolgar completamente a sua ideação, o médico tendo tido conhecimento do segrêdo de seu cliente, deve procurar confortá-lo e remover o mal, quando possível".

DESESPÊRO

(Cont. da pág. 14)

«João, não te lembras de minha velha? Coitada! doente do peito, trabalhando, num «lesco-lesco» sem fim...

«Pois foi por causa dela, João da Chica, que eu matei o João Troncudo...

«Imagina! minha irmã paralítica — e eu nem sei dela! — A velha cuspindo sangue de tanto trabalhar, eu pescando de anzol... e... o cabra **ruim**, o negro safado, o João Troncudo, entrando porta a dentro e exigindo que minha velha fôsse dêle... Era demais! Ela o recusara sempre.

«Naquele dia, o maldito segurou o braço da velhinha, apertou-o com fôrça... ela recuou e cuspiu-lhe na cara de bicho **brabo**... O João Troncudo, então, deu-lhe uma bofetada. Ah! João da Chica, meu amigo, a terra sumiu debaixo de meus pés, o sol que já ia se escondendo atrás do morro ficou prêto que nem carvão e eu só vi quando o negro ordinário ficou estirado no chão, a **pernambucana** fisgada no peito, espetada como borboleta pregada na parede por mão de menino.

Saí como um louco, corri, corri até cansar...

«Aí, lembrei-me de que, em casa não havia comida e eu ia ser prêso; então, João da Chica, entrei na venda de seu Chiquinho, furtei uma lasca bem grande de carne sêca e toquei a correr rua a fora, rumo de casa.

«Ouvia, como num sonho mau a gritaria que me perseguia — «Pega, pega ladrão, e cada vez mais eu corria; quase sem fôlego entrei em casa...

«João, meu velho, não sei por que Deus não me levou naquela hora pra eu não ver o que vi...

«Minha irmã enlouquecera e beijava o cadáver de minha mãe caída no chão, morta talvez de susto e comoção pelo que eu fizera...»

Moleque Roberto calara-se...

João da Chica, segurando a corda para atracar o barquinho, enxugava as lágrimas na manga do casaco e fungava o nariz com estrídulo.

Bamboleia a cabeça, dá alguns passos desequilibrados e, inesperadamente, toma da mão de Roberto e o ajuda a entrar no barco.

Solta, novamente, as velas e veleja mar em fora. Bem longe, ouve-se um mergulho n'água e um vulto que se afunda para sempre... No ar a vibração do Padre-Nosso recitado por um peito amigo, soa como um ritmo de Paz e sossêgo por uma alma em desespêro... O barquinho retorna à praia e João da Chica, outra vez só, salta em terra e apressa-se a chegar em casa.

Abre, precipitadamente, a porta e aperta em seus fortes braços de homem do mar, sua mulher — a irmã paralítica de Roberto...

JOÃO MURIANGO

(Cont. da pág. 11)

gando-lhes até o rosto ao rosto, é claro, pois aquilo fazia parte do ofício.

João Muriango triturou-se de despeito, quando soube. Via sempre homens entrarem e saírem de sua casa. Até que um dia, uma idéia má alojou-se-lhe no cérebro, idéia essa reforçada pela observação que lhe fêz o amigo com quem morava. O borracho contou-lhe que a mulher ficava acordada até quase de madrugada, pois sempre lhe vira a luz do quarto funcionando até a essas horas. E notara também lá, muitas vêzes, o vulto de um homem, parado de costas para a janela.

João Muriango, chamuscado pelo ódio, numa noite foi ver. E viu. Viu às duas horas da manhã, o quarto onde vivera com a mulher, todo de lâmpadas acesas, e aquêle vulto masculino, imóvel, recortado no quadrângulo luminoso. Estava embriagado. Nublou-se, mais ainda, tudo ao seu redor. Era horrível aquilo, agora. A espôsa o enganava mesmo. Queria voltar a ela, amava-a e, embora estando separados, não podia suportar que outro lhe tomasse a posição.

Desvairado, entrou na casa. Sem querer ver ou certificar-se de nada, atirou à mulher e ao rival, parado inerte à janela. Pegaram-no em flagrante. Os sogros, num pulo, levantaram-se e tolheram-lhe os movimentos de bêbedo. Veio a polícia. Foi prêso e julgado, sob o rancor e o falatório de tôda a cidade. Pois matara a espôsa inocente que trabalhava até às altas horas e baleara-lhe, inùtilmente, o suposto amante, um manequim velho que ela comprara para usar em seus serviços.

★

Essa é a história de João Muriango.

Quando terminar sua pena, vai pedir ao delegado que não o ponha fora, lhe dê um emprêgo efetivo na cadeia mesmo. Aquilo que sempre fêz, comprinhas, limpeza, cousas assim. Para que voltar ao mundo? A vergonha e o remorso, que a estupidez e a bebedeira lhe causaram, inutiliza-o de todo.

E sabe que, numa alfaiataria da cidade, está o manequim baleado, para todos que quiserem ver. E sabe que por troça, o alfaiate conta a todo mundo, rematando:

— Quer viver bem? Não beba e não case com uma costureira. Veja o caso do João Muriango...

Por isso, agüenta, pois não há remédio, apenas os debiques dos colegas da prisão, que lhe dizem amistosamente, brincando:

— Onde está o boneco, João?

Disso êle não faz caso, pois precisará ficar ali, muito, muito tempo.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Recebemos, agradecemos e retribuímos

A correspondência de cordialidade para a REVISTA DA SEMANA foi abundante neste princípio de 1953. Aproveitamos o fim do ciclo das Festas para agradecer todos os que gentilmente nos cumprimentaram desejando que sejam muito felizes em suas atividades durante êste Ano Novo.

Retribuímos nossos votos de feliz Ano Novo às seguintes pessoas e firmas:

Minnesota Manufatureira e Mercantil Ltda; Parsons & Whittemore Máquinas Industriais S/A; Rudy Lanius; Dirceu de la Cerda; Gráficos Bloch S/A; Salviano Leite Rolim e Senhora; Deltra Elétrica Mecânica Ltda; Olga Silva Ribeiro; A Chímica "Bayer" Ltda.; José Graça Leite; Octávio Sagetin; Os "Vocalistas Tropicais"; Serviços de Informações e Divulgação Cultural dos Estados Unidos; Faber & Schleicher; Publicidade Elétrica S/A; Bárbara Virgínia; Editôra Talmagráfica; Sociedade Anônima Impressora Brasileira, de São Paulo; L. J. Costa & Cia. Ltda.; Livraria AGIR Editôra; "Manchete"; Leoce e Leon Eliashar; Claridade, Emprêsa de Publicidade, Ltda.; "Sertã"; S. A. O Livro Vermelho dos Telefones; "Varig"; Maria Rúbia; J. R. Stockler Passos; Aéro Geral Ltda.; Cia. Importadora Gráfica Artur Sievers; Companhia Lanston do Brasil S/A; Dulce D. Brito; Carlos Martins Silva; Companhia Cinematográfica Vera Cruz; Clicherias Reunidas Latt-Mayer S. A.; Eno-Scott & Bowne, Inc. of Brazil; Bulkley, Dunton Paper Co., S. A.; Cia. T. Janer; Mccann Erickson Publicidade S. A.; A Confederação Nacional do Comércio; Keystone; Cia. Fábio Bastos; Rádio Clube do Brasil; Petrônio dos Santos Caruaru; Tecnigráfica S. A.; Antônio Mazzoni; Agência Johnson Limitada; A Companhia de Comércio e Indústria Freita Soares; Aszman & Aszman Ltda.; Lubrificantes e Produtos Fonseca S A.; Pro Matre; Nemaza Ltda.; Banco Português do Brasil; A Companhia Construtora Brasileira de Estradas; Banco Holandês Unido; Cardoso Santos & Cia.; Gráfica Mar Ltda.; Murray, Simonsen S. A.; Expresso Estrêlo de Prata; Sindicato dos Agenciadores de Publicidade e Propagandistas do Rio de Janeiro; O C. R. Vasco da Gama; National Paper & Type Company; Ruy Lowndes Banco Mineiro da Produção S/A.; Voga Publicidade Ltda. Importadora Bedrich Adler Ltda.; Schilling-Hillier S. A. Industrial e Comercial; Rio Publicidade; Pan

(Cont. na pág. 42)



Formosa aeromoça da PAA veio pessoalmente trazer com seu «charme» o brinde de uma folhinha ilustrada e colorida que adornará nossa redação...



Do nosso velho e querido companheiro Raul — cuja verve de caricaturista nunca desmaia — recebemos e agradecemos o cripgrama acima. Saudações à 1953.

A SAÚDE DO BEBÊ

Primeiro banho do recém-nascido e sua oportunidade

DR. SABOIA RIBEIRO

A operação do banho do recém-nascido conta, de um lado, com a opinião dos que entendem que êle deve ser dado logo no momento do nascimento, de outro, com a dos que acham que êle deve ser transferido para outra oportunidade, 24 horas depois ou sòmente após a queda do cordão umbilical.

Os primeiros acham que o banho imediato é obra de asseio que não deve tardar; os últimos entendem que o banho imediato priva a criança do aproveitamento útil do induto sebáceo com que nasce a criança e, ademais, expõe aos riscos de infecção do cordão umbilical pela água ou mãos de quem lida com a criança.

Certamente que os cuidados, quer com a água, quer com as mãos, evitam a contaminação da ferida ainda aberta, que é o coto. Devem, por isso, prevalecer as razões que consideram o induto sebáceo como elemento útil de ser conservado, isto nas primeiras 24 horas.

Uma camada mais ou menos espêssa e sebácea envolve a criança que acaba de vir à luz. E' o induto sebáceo, considerado, hoje, como exercendo um papel protetor da pele, garantindo-lhe a imunidade, composto de substâncias úteis ao organismo. Êsse induto é expontâneamente absorvido pela pele nas 24 horas que seguem ao parto, ao passo que é fortemente entranhado na pele da criança na ocasião do nascimento e nas primeiras horas.

Há nos que apelam para o banho, dado logo após o nascimento, a visível preocupação de remover tal induto, e então o recém-nascido fica exposto em mãos inexperientes e pessoas realmente pouco conhecedoras dessas minúcias, a uma verdadeira esfregação, com azeite, vaselina, sabão e outros ingredientes como se fôra a criança, no dizer de um eminente pediatra, um verdadeiro trem de cozinha.

Ora, essa esfregação, embora assim violenta e ajudada por tais ingredientes, não consegue remover o induto, o qual, como já se disse, costuma desaparecer totalmente dentro de 24 horas, completamente absorvido pela pele da criança.

Em lugar do banho, após o nascimento, suficiente será então fazer uma aspersão geral do corpo da criança com óleo de vaselina, e polvilhá-lo com talco, em seguida. O banho mesmo ficará para mais tarde.

O primeiro curativo do coto segue-se à aspersão com vaselina e polvilhação do recém-nascido. Usa-se um pó secativo, como o Dermatol, de que se impregna bem o coto; após, o coto é imobilizado de encontro ao ventre com o auxílio de uma gaze esterilizada sêca, de 1 a 1,50 de comprimento por 5 centímetros de largura, 4 a 5 voltas em tôrno ao ventre da criança, sem arrôcho.

Os ulteriores curativos do umbigo devem ser diários, sendo primeiro amolecidos com água fervida ou sôro fisiológico. Se a criança passou ao uso do banho logo ao segundo dia, o curativo será retirado estando a criança imersa n'água.

Iniciados os banhos da criança, o que principalmente há que recomendar é que a bacia seja individual e exclusiva; e que se reserve sempre uma parte da água para enxaguá-la no fim, lançando as porções do alto para baixo. E findo o banho, que a criança seja bem enxuta, praticando-lhe uma criteriosa massagem para ativar a circulação, com o auxílio de talco.

No mais, temperatura de 35 gráus (pouco abaixo da temperatura normal do indivíduo); evitar as correntes de ar.

Não haverá necessidade de prolongá-lo além de 5 minutos.

Protegida contra as correntes de ar, em aposento amplo e ar sempre renovado, a criança ficará colocada após vestirem-na, no berço. Daí só a retirarão para as mamadas e o banho diário.

O CARNAVAL DE ZENI

— Ai, ai! ... D. Quininha, sou tão infeliz! E, pois é... Cada uma tem o seu. Só eu sozinha!

Essa lamentação, repetida todos os dias e diversas vêzes no decorrer de cada dia, partia da empregada para todo o serviço de D. Quininha. Era uma mulatinha séca, de busto entrado e costas abauladas, de idade indefinível, com farta gaforinha. Gaforinha oleada, escovada, fofada, jogada com exuberância para a nuca e puxada na frente para fazer um petulante topête.

Zeni, que êsse é o seu nome, é a mais suspirosa das criaturas. Sua natureza carinhosa e seu coração sensível suspiram sobretudo por amor. Quando despe o uniforme para ir à rua, vai vestida de séda preta, ou saia e blusa puxando a distinção, ou então — o que ela prefere — com calças justas e sweaters colantes. O porteiro do edifício em que trabalha já lhe disse que o seu topête mais essa indumentária fazem com que se tenha dela «uma impressão muito esquisita». Mas Zeni desprezou o conselho, gosta de ser diferente e de se sentir olhada na rua.

Sua infelicidade não seria tão grande, o amor afinal não lhe deixaria de ser ofertado por êste ou aquêle, se não fôsse tão exigente. Zeni não topa qualquer um. O carpinteiro espanhol que a patroa chamou para um serviço e que não se furtou a fazer para ela uma demonstração da fogosidade da raça, foi desdenhado:

— Cruz! Aquêle sujeito careca e magricela... Eu, hein?... Ah, acho que mereço melhor...

Desdenhados foram igualmente o ajudante do gasista da Light, o padeiro e o porteiro da esquina. Ela só gosta dos bonitões. O comissário Padilha, com óculos ou sem óculos, é um dos seus ideais. Galã de cinema muita vez é criticado e discutido por ela. Invejou longamente Diacuí, mas acha Aires da Cunha já velhote. Porque o fraco de Zeni são os rapazes em flor. E' comum estar fazendo o serviço e cantando:

— **Ai, ai, brotinho!**...

Mas agora Zeni mudou. Havia andado até bem animada com o carnaval — não sabia se ia sair de odalisca ou de cigana. Estava guardando dinheiro, o que para ela é dificílimo: certa vez mandou Cr$ 300,00 sem bilhete nem assinatura, dentro de um envelope não registrado, que pedira para lhe sobrescritarem, pois é analfabeta, para um jovem reservista mineiro que lhe arrastara a asa e depois se fôra sem adeus. Não vai mais se fantasiar, nem sequer brincar.

Seu único admirador consistente e que não desanimava com os seus muxoxos de superioridade era Zeferino. Zeferino era o caixeiro mais modesto do armazém e, quando ela passava, chegava à porta ou parava de varrer o chão do estabelecimento para lhe dizer:

— Zeni, se tu quisesse, eu ia arranjar um caixote pra nós morar...

Ela sorria com ar de nojo lisonjeado e não parava.

— Mas é para a senhora ver, D. Quininha, — contou ela, depois do sucedido, à patroa. — Um sujeito tão quieto, nunca inventava nada... Qual, quando acontece é porque está na hora. Havia de resolver tomar aquêle banho, e logo na lagoa quando no mar era melhor e mais perto, só para morrer. Pobrezinho do Zeferino!

E Zeni anda quieta. Não canta, não suspira, nem sequer fofa o topête. Já disse que êste ano para ela não «tem» carnaval.

ISOLETTE

AOS LEITORES

ARABELLE, A ÚLTIMA SEREIA

Por motivo de fôrça maior deixamos de publicar neste número a continuação da história de Arabelle, **retomando a publicação na próxima REVISTA**

"UM HOMEM BEM...

(Cont. da pág. 10)

tado contará ainda com uma delegacia do SAPS para estudos dos problemas de alimentação de âmbito nacional. Nada menos de 100 postos de vendas serão instalados nos mais diversos pontos do país, afora as 15 barracas que serão armadas nesta capital. Além disso, para que possa dispor de produção própria, pretende o sr. Edison Cavalcanti ampliar a capacidade de produção da granja do Km. 47 da Rio-São Paulo e construir nesse local um grande conjunto de indústrias alimentícias e de artigos de usos domésticos, tais como doces, massas de tomates, sabão, etc. Ainda com o mesmo objetivo, o Diretor do SAPS tem programado a construção de três grandes armazéns nas fontes de produção de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul e de dois grandes frigoríficos, um naquele trecho da estrada Rio-São Paulo e outro no cais do pôrto.

São êstes os pontos principais do programa elaborado para 1953, que inclui, também, o reajustamento de salários de todo o pessoal do SAPS e uma reforma administrativa que se fêz necessária, em conseqüência do gigantesco desenvolvimento por que vem passando aquêle Serviço.

A BELEZA OCULTA...

(Cont. da pág. 36)

plemento indispensável da decoração do lar. A casa do homem é muito complexa, por isso mesmo é bela. Deve haver uma linha homogênea entre a arquitetura, os móveis, o jardim. Tudo deve se sintetizar num único estilo, que é de certo modo o temperamento de quem a vai habitar. Passo horas, sem fim, concluiu, no meu tôrno ou na minha mesa de modelagem. Aquilo que para outra pessoa seria aborrecimento e trabalho pesado, para mim se transforma numa razão de viver.»

— Sua arte é intencionalmente moderna?

— Creio que a arte — quando chega a sê-lo — é eterna. Ninguém é mais moderno do que Lucca de la Robbia, nem ninguém leva a palma de vanguardista diante de Paolo Uccello ou Masaccio. O que Picasso faz já vem indicado, nas suas linhas gerais, nos vasos etruscos ou gregos do primeiro período. Portanto, se há um encontro entre o que se fêz há mais de quatro mil anos e o que fazem os artistas modernos é porque há algo de permanente. O que acontece é que o público educado pelos falsos artistas se acostumou a aceitar o que é apenas simétrico, canônico e ficou viciado, mal educado artìsticamente.»

— Quero crer que a viagem à Europa lhe fará bem, não é certo?

— Eu sempre aspirei a estudar e aperfeiçoar minha arte na Europa. Minha ascendência alemã sempre me arrastou para o Velho-Mundo. Agora quero tornar público meu agradecimento ao ministro Mário Guimarães, cujo espírito atilado, de crítico sinlar e de extremo bom-gôsto, que já tem relevado vários artistas, cultores da poesia e da palavra, da pintura e da escultura brasileiras. Se eu conseguir levar para o estrangeiro alguma coisa que mostre o Brasil na sua expressão artística, me darei por muito bem pago.»

HISTÓRIA DOS...

(Cont. da pág. 47)

fato curioso que nem sequer foram candidatos homens de outras profissões. Apenas cinco, que tentaram, como simples homens de negócio, foram derrotados.

O último pleito eleitoral devolveu ao Partido Republicano o poder desde há quinze anos em mãos dos democratas. O fato de ter sido Eisenhower chefe do

(Cont. na pág. 42)

Respostas ao teste

1 — **Bahia.**
2 — **D. Pedro I.**
3 — **1658.**
4 — **Fazenda do Morro Queimado.**
5 — **Ouvidor.**
6 — **Casa da ópera.**
7 — **Vinte e três anos.**
8 — **Rio feio.**
9 — **Lapa.**
10 — **Escragnolle Taunay.**
11 — **Das aves.**
12 — **4-10-1501.**
13 — **412.**
14 — **Rio dos Caramujos.**
15 — **Potamografia.**

A M A R A L I N A

(O famoso tônico capilar descoberto e industrializado na Bahia)

JA SE ENCONTRA A VENDA EM TÔDAS AS FARMÁCIAS, DROGARIAS E PERFUMARIAS. SE, ENTRETANTO, NAO EXISTE NA SUA CIDADE, NAO PERCA TEMPO PEDINDO IMEDIATAMENTE PELO REEMBÔLSO POSTAL

O PREÇO DE "*AMARALINA*" É, EM QUALQUER PARTE DO BRASIL, DE CR$ 35,00 E PELO REEMBÔLSO POSTAL CUSTA CR$ 45,00, LIVRE DE PORTE.

"*AMARALINA*", CERTEZA ABSOLUTA DE QUE OS CABELOS TORNARAO A NASCER. NA PARALISAÇAO DA QUEDA DE CABELOS É FRANCAMENTE EXTRAORDINARIO ÊSTE PRODUTO DESCOBERTO POR BRASILEIRO E FABRICADO COM ERVA NACIONAL. CENTENAS DE PESSOAS ATESTAM SUAS NUNCA IGUALADAS QUALIDADES.

Pedidos a **M. M. BURLE & CIA. LTDA.**

AVENIDA RIO BRANCO, 137 — SALA 616.

OS PEDIDOS PARA O DISTRITO FEDERAL DEVERÃO SER DADOS PELOS TELEFONES: 32-9415 e 32-9309

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇAO AMPLIADA

Com a nova dança, **«Baião», Samba liso**, e os últimos passos de **Bolero, Rumba, Swing**, contendo **120 gráficos, 830 passos, facilitando** as senhoritas e cavalheiros **a aprenderem** em suas próprias casas em 10 dias **apenas**, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo **prof. Gino** Fornaciari, Diretor e **Prof.** do **«CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares**, rua da Liberdade, 120 — **Preço Cr$ 45,00** — Pedidos pelo **reembôlso postal — com o** autor — **Caixa Postal, 649 — São Paulo.**

A venda também nas **Livrarias do Rio • Livrarias e Casas de** Música de São Paulo

PASSATEMPO

LIDERGRAMA N.º 38

- **A** Pessoa adulta do sexo masculino →
- **B** Perfeição, correção, apuro →
- **C** Consêrto →
- **D** Pura, inocente, ingênua →
- **E** Derradeiros →
- **F** A voz do cão →
- **G** Aparência; a parte exterior das coisas →
- **H** Aplaine; iguale; ponha no nível →
- **I** Última letra do alfabeto grego →
- **J** União, casamento →
- **K** Conserva de uvas →
- **L** Pequenas lascas ou aparas →
- **M** Mergulhado; abismado →
- **N** Elegante no trajar; bonito →
- **O** Espáduas →
- **P** Capas de irmandades religiosas →
- **Q** Transpunha; ia além →
- **R** Sarna de ovelhas e cavalos →
- **S** Que dura pouco; passageiro; transitório →
- **T** Murro, bofetão, tapona →
- **V** Velhos →
- **W** Sensibilidade; habilidade →
- **X** Avestruzes →
- **Y** Círculos; giros →
- **Z** Grosso calabre de navio →

15	139	27	57	126	■	■
2	48	19	93	79	137	■
8	54	104	129	75	62	36
94	5	84	35	24	140	61
59	39	76	147	97	115	45
60	13	87	29	146	133	■
16	25	90	41	9	136	70
21	80	123	98	73	145	■
10	53	74	130	141	■	■
143	134	32	47	37	105	■
100	17	44	82	125		■
128	91	69	142	50	1	■
95	11	101	113	4	68	■
14	121	112	99	86	7	■
22	56	6	92	102	116	■
12	40	55	110	■	■	■
46	18	66	103	148	51	122
43	63	144	111	28	■	■
118	78	20	3	89	108	135
64	26	127	38	138	77	■
107	52	120	42	31		■
124	132	65	30	85	117	■
33	96	114	81	■	■	■
72	106	131	49	■	■	■
71	34	58	83	67	■	■
109	23	88	119	■	■	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra numa casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma. As casas pretas separam as palavras.

■	■	■	■	■	L 1	B 2	S 3	■	M 4	D 5	O 6	N 7	C 8
■	G 9	J 10	M 11	P 12	■	F 13	N 14	A 15	G 16	K 17	Q 18	■	B 19
S 20	■	H 21	O 22	■	Z 23	D 24	G 25	T 26	■	A 27	R 28	F 29	Y 30
■	U 31	J 32	W 33	Y 34	■	D 35	C 36	■	J 37	T 38	E 39	P 40	G 41
■	U 42	R 43	K 44	E 45	Q 46	J 47	B 48	X 49	L 50	Q 51	U 52	■	I 53
Ç 54	■	D 55	■	O 56	A 57	Y 58	E 59	F 60	D 61	■	C 62	R 63	T 64
■	V 65	Q 66	Y 67	M 68	L 69	■	G 70	■	Y 71	X 72	H 73	I 74	C 75
E 76	T 77	■	S 78	B 79	H 80	W 81	■	K 82	Y 83	■	I 84	V 85	N 86
F 87	Z 88	■	S 89	■	G 90	L 91	O 92	B 93	D 94	M 95	W 96	■	E 97
H 98	■	N 99	K 100	M 101	■	O 102	Q 103	■	C 104	J 105	X 106	U 107	S 108
Z 109	P 110	■	R 111	N 112	M 113	W 114	E 115	O 116	■	Y 117	S 118	■	Z 119
U 120	■	N 121	Q 122	H 123	V 124	K 125	A 126	■	T 127	L 128	C 129	I 130	X 131
V 132	F 133	■	J 134	S 135	■	G 136	A 137	T 138	A 139	■	D 140	I 141	■
L 142	J 143	R 144	H 145	F 146	E 147	■	■	■	■	■			

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 37 — D. ROMUALDO DE SEIXAS — PASTORAL — «Quanto é belo e agradável, exclama o profeta-rei, viverem os irmãos unidos pelos doces vínculos da paz e da caridade: porque é ali que o Senhor envia copiosas bênçãos e vida para sempre!»

R O T I N A   D E   B E L E Z A

MASSAGENS

As massagens devem constiutir uma rotina, indispensável à preservação da beleza femenina.

Hoje em dia quase tôdas as mulheres conhecem as massagens faciais, que se seguem ou precedem a limpeza de pele. E' um tipo de massagem que, mais ainda que qualquer outro, só pode ser exercido por profissionais competentes ou pela própria pessoa suficientemente instruída, pois de outro modo pode vir a ser prejudicial. Quando, entretanto, executado com competência, conserva por muito além da mocidade o rosto da mulher livre do que o poeta chamou "o ultrage do tempo".

As massagens de corpo inteiro, entretanto, têm uma significação muito mais importante para a saúde e a aparência geral. São extremamente benéficas à circulação, à conservação muscular e à eliminação de banhas excessivas.

De preferência a massagem deve ser matinal, podendo ser feita no próprio leito, quando não haja uma mesa mais alta que o leito, que possa ser aproveitada com melhor partido.

Há diversos gêneros de massagem, desde a que os franceses chamam de "effleurée", para as pessoas de sistema circulatório em condições precárias e vasos doentes, até a que trabalha profundamente os músculos com as pontas dos dedos e amassa as gorduras. É sempre necessário que cada pessoa consulte o médico para saber qual a massagem que lhe convém.

Depois da massagem, é bom fazer alguns exercícios de ginástica, antes da ducha enérgica, quando o corpo deve ser friccionado com escova ou luva de crina.

Também um repouso mínimo deve ser rigorosamente observado após essas práticas, a fim de repor o organismo em seus ritmo normal.

Não se pense que é tão difícil nem tão dispendioso fazer massagens. Já entre nós muitos profissionais, de ambos os sexos, bastante competentes e que exercem o "métier" com rigoroso critério de ganha-pão honesto e não mais com tabelas de honorários de mágicos capazes de operar transformações sensacionais.

POMADA MINANCORA



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

HISTORIA DOS ANTECESSORES...

(Cont. da pág. 40)

Estado Maior das fôrças armadas dos aliados na última guerra e de continuarem os EE.UU. enfrentando uma guerra no Extremo Oriente foram fatôres decisivos da vitória de Ike. Estamos lembrados que apenas terminada a guerra, Ike despiu a túnica de general e vestiu a toga da Universidade o que naturalmente também acarretou a simpatia do povo. Nos dias finais de sua campanha eleitoral prometeu ir à Coréia. Essa promessa foi de grande habilidade psicológica. Esperava-se que essa viagem desse um novo curso ao conflito sangrento da Coréia, onde o mundo vê o choque flagrante das duas ideologias internacionais.

SINGULARIDADES DE IKE

Ike antes das eleições pesava noventa quilos. Perdeu quinze com as viagens, as fadigas e os discursos. O que não o afasta do seu «hobby» predileto que é cozinhar. Gosta como ninguém de preparar um frango assado, tanto que fazia parte de sua propaganda eleitoral cartazes em que aparecia de caçarola em punho temperando seu guisado. Seu jôgo favorito é o «bridge» onde faz uma dupla perigosa com Mamie, sua espôsa. Também é perigoso no «poker», chegando até mesmo a ganhar cêrca de 30.000 dólares em um ano, deixando de jogá-lo porque sua estrêla que lhe proporcionava tanta renda estava começando a afetar sua carreira militar, pois era então apenas coronel. Também gosta de pintar. E' o que os franceses chamam de «peintre du dimanche», tendo prometido a Churchill fazer-lhe o retrato em troca do seu pintado por Churchill outro pintor de domingo. Na sua mesa de trabalho usa um ponto de apoio para sua perna esquerda, cujo joelho tem uma tendência a se anquilosar.

Até o dia em que foi nomeado chefe das fôrças armadas dos países aliados no front europeu, nunca tinha assistido a uma única batalha nem sequer comandara diante de inimigos. O que só aconteceu em 1942. Ike detesta mulheres em seu gabinete. Também tem horror de documentos que ultrapassem uma página. Tampouco atende o telefone por mais de dois minutos. Diz Ike: «Se um homem não é capaz de dizer o que tem a dizer numa página, não merece ser lido».

Êsses dados pessoais com as características de sua face nos dão uma idéia da personalidade do novo Presidente dos Estados Unidos.

CORREIO DA "REVISTA"

Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1952.
Ilmo. Sr.
Redator de "Revista da Semana"
Rua Visc. Maranguape, 15
N e s t a.

Prezado Senhor:

Antecipadamente peço-lhe desculpas por lhe tomar aqui um pouco do seu precioso tempo nestas mal traçadas linhas. Quanto ao assunto, não é nada de extraordinário e, acredito mesmo que V. S. já tenha recebido inúmeras cartas sôbre o motivo. No entanto, quanto mais não seja, servirá a presente para aumentar a sua estatística de cartas recebidas dos leitores. Mas, deixemos de delongas e vamos ao caso.

Li o número de "Revista" do dia 18-11-52 e encontrei à página nº 9 uma controvérsia, razão pela qual me faço missivista.

Em primeiro lugar devo dizer a V.S. que sou carioca; e carioca da gema! Como tal, prezo muito as coisas desta minha querida terra. Assim sendo, considerando a sua "Revista" como um patrimônio do D.F., lògicamente dos cariocas e, como infelizmente é tão grande os desacertos em quase todos os setores, principalmente no do ensino, desejaria que V.S. ajudasse os cariocas a se instruirem com êste poderoso veículo que é a sua tão acolhida revista.

Como já disse, li na página 9 s/ os títulos: "SUICÍDIO DE UMA CRIANÇA" e "CONCURSO DE LÁGRIMAS" o seguinte: No 1º um menino que suicidou (suicidou-se?) — o parêntese é meu — aos CATORZE anos de idade, e no 2º s/ um concurso havido em Norte-América onde tomaram parte QUATORZE concorrentes, etc. etc.

Ora, sr. Redator, ajude-nos a compreender! Como é que se deve escrever, CATORZE ou QUATORZE? Não me move o espírito de crítica, quero, apenas, aprender o certo e, V.S. ensinando-nos, pela sua revista, mais ainda me orgulharei de ser carioca porque, aí então, terei o prazer de dizer que em minha terra existem as revistas mais eruditas de todo Brasil.

Pelo exposto, sr. Redator, pode V.S. observar na minha gramática que sou um leigo na matéria mas, como nunca é tarde para se reparar um êrro, poderei melhorar. Por isso, sr. Redator, ajude aos cariocas.

Sem mais, subscrevo-me

Atenciosamente
GILBERTO LEOVE DA SILVA
Rua Souza Barros, 103, apt. 201 — E. Novo

RESPOSTA

Entregamos o assunto de sua carta ao prof. Renato de Alencar, que lhe dá os seguintes esclarecimentos:

"Não há em nosso idioma o verbo *suicidar*, e sim, *suicidar-se*. O *sui* latino, na passagem para nossa língua se aglutinou e formou um verbo morfològicamente uno e indivisível. Ninguém *suicida* e sim, *se suicida*, não havendo razão nenhuma para se dizer que há pleonasmo, pelo fato de já haver o *se* no *sui* latino. O verbo em português é pronominado essencial, obrigatório, não sòmente pelo motivo já dito acima, como porque a analogia com *matar*, impôs o reflexivo *se*. Quem *se* suicida, *mata-se* a *si* mesmo. Se na REVISTA saiu "o menino que suicidou", corre isso por conta de quem compôs, e não de quem escreveu.

Catorze e *quatorze* são grafias autorizadas, embora a pronúncia aconselhada seja *catorze*. Em face disto, a grafia também acompanhou a pronúncia, e hoje o *catorze* é mais usado do que o *quatorze*. E' mais erudito, mais elegante, mais literário. Veja o que já ocorre com *quociente* (cociente), *quota* (cota), etc. Pode dizer e escrever *catorze*, sem mêdo de errar. E sempre ao seu dispor, amigo Gilberto.

N. da R.: — Reproduzido por ter saído com incorreções.

A "REVISTA" no Norte do Paraná

Publicaremos a primeira de uma série de reportagens sôbre o novo El Dorado brasileiro — o Norte do Paraná.

Nosso enviado especial, o repórter Vinícius Lima, fêz o seu quartel-general em Maringá, cidade-surpresa.

Esperem essa fotografia viva do mais extraordinário fenômeno de urbanização, que é único no mundo!

O Norte do Paraná — terra e homem — é cenário de aspectos ricos, de pitoresco e heroismo, como sempre acontece em terras férteis, que oferece suas riquezas como se fôsse uma mina à flor do chão. Cidades surgem, indústrias se multiplicam, cafezais nascem do dia para a noite! Conheça como nasce uma cidade em plena civilização contemporânea.

Leia nossas reportagens sôbre o Norte do Paraná.

RECEBEMOS...

(Cont. da pág. 39)

American World Airways; L. Pokorng & Cia. Ltda.; Universal Filmes, S. A.; Air France; Oscar Flues & Cia. Ltda.; Escola Modêlo de Taquigrafia Alexander Petersen & Co.; Sociedade de Beneficência e Socorros Mútuos dos Auxiliares da Imprensa; Albino Mesquita & Cia.; Robert Charles Vaché; D. Spanos, Sucrs. Ltda.; Graphicor Concentra Hartmann Irmãos S. A.; Irmãos Santa Cruz; A Banda de Música do Batalhão de Guardas; Pedro Mendes de Farias (S. Catarina); A Associação dos Ex-Combatentes do Brasil; Transportes "Número Um"; A Companhia Paulista de Papéis e Artes Gráficas; M. Martins & Cia.; Linotipo do Brasil S. A.; A Companhia Importadora Sueca Ltda.; Shell-Mex Brazil Limited; Senac; Claude Leprevost; Artega Ltda.; Anita de Lous-lost; M. Pinto Cia. Ltda.; A. Hartrodt, Hamburgo; Revista de Erechim; Fruhwald & Jager; The First National Bank of Boston; União Brasileira de Compositores; Ferragens Carvalho Comércio e Indústria Ltda.; Gustav Fuechsel; S. Rasina; Casa Bruno, Mandarino — Papéis e Artes Gráficas Ltda.; Lino Star Importadora Ltda.; Victor do Espírito Santo; Tintas Supercor Ltda.; Serviço de Imprensa da Standard Oil Company of Brazil; Rádio Ministério da Educação; Folhinha Paula & Cia. Ltda. e Brinde S. A. Magalhães Comércio e Indústria, Dorival Hipólito Ferreira Pena (Salvador), Bartolomeu de Oliveira (João Pessoa), La oficina comercial del Gobierno del Brasil (Buenos Aires), Fermata do Brasil (S. Paulo), Construções, Urbanismo Concreto Armado Ltda.; Casal de Rey & Cia. Ltda.; Distribuidora Reinaldo Ltda.; El Comité de la Juventud del Instituto Brasileño de Cultura; Brinde Eucres Dresse S. A. de Bruxelas.

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica da velhice precoce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.



SALLY FOREST (M.G.M.)



LINDA CHRISTIAN (Columbia)

Carnaval

Qual será a sua fantasia: uma criadinha do barulho, gigolete de cinema ou "perigoso" cowboy?

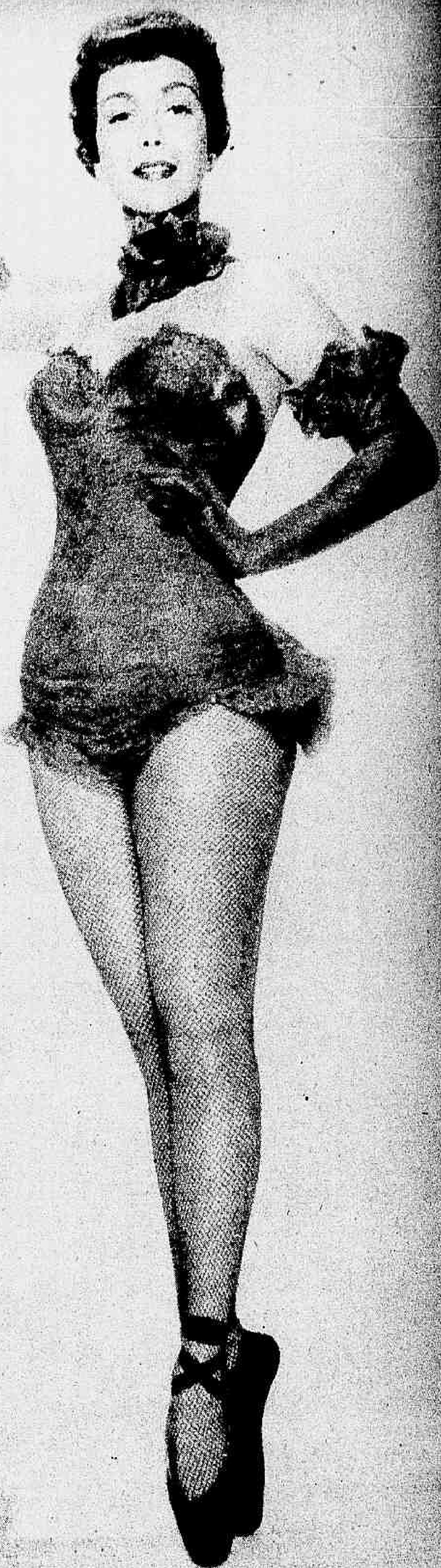


MONA KNOX, BETTY YOUNG e HELEN BRIZARD (R.K.O.)



JANE RUSSELL
(R.K.O.)

JANE WYMAN (Paramount)





TERRY MOORE (Columbia)



CLEO MOORE (Columbia)

Carnaval de Luxo

As artistas de cinema são convincentes manequins para as fantasias que aqui vemos: uma "vamp" do começo do século, duas bailarinas e uma espanhola cotilizada.

Dois ricos modelos de Hollywood para os grandes bailes: escrava egipcia e bela "farwest".



JANE RUSSELL (R.K.O.)



RHONDA FLEMMING (Universal Int.)

Fantasias suntuosas



HISTÓRIA DOS ANTECESSORES DE IKE

LÁ COMO AQUI PREDOMINARAM OS BACHARÉIS ★ 22 CIVIS: 21 ADVOGADOS E UM ÚNICO ENGENHEIRO (HOOVER). ★ NO BRASIL: 11 ADVOGADOS E 4 GENERAIS ★ PSICOTIPOLOGIA DE DWIGHT EISENHOWER. —— (FOTOS USIS)

O general Eisenhower ao tomar posse, completa uma série de 33 presidentes que ocuparam o primeiro pôsto do executivo nos Estados Unidos da América do Norte. Ao longo da curta, porém, dinâmica história do povo yankee verificou-se um fenômeno curioso e muito semelhante ao nosso: os presidentes em sua grande maioria foram sempre homens de lei, advogados, juristas e, quando não, generais do exército. Êsse fato nos identifica com um fenômeno tìpicamente americano. O povo tem um gôsto especial pelos homens de gabinete, dos cidadãos que poderiam também servir ao poder judiciário.

Circunstâncias houve na história política norte-americana, tal como aqui no Brasil também, em que os homens de armas, os generais do exército (e em nenhum caso da marinha ou da aeronáutica) conseguiram subir ao primeiro pôsto levados pelo voto popular, naqueles momentos em que as armas intervieram, como fôrça de equilíbrio de situações anormais e perturbadas. O número de presidentes norte-americanos não corresponde exatamente aos períodos governamentais, porque muitos dêles foram reeleitos, alguns até mesmo mais de duas vêzes como o caso de Franklin Delano Roosevelt. Sem ser advogado nem general só Herbert Hoover, que foi engenheiro, figura como Presidente da República. Acrescente-se ainda o

(Cont. na pág. 40)

MORFOPSICOLOGIA DE IKE

1 — Só é amigo de compromissos quando êstes lhe dão tempo a ganhar.

2 — Reflete sempre com lógica, mesmo quando tem que sacrificar seu prazer pessoal.

3 — Modos rudes e frios. Não é tipo social. Tende à solidão.

4 — Fàcilmente irritável, mas muito raramente externa seus sentimentos.

5 — Certa tristeza pessimista o faz ver as coisas em tom negro e precipita os acontecimentos que lhe parecem maus.

6 — Severo consigo mesmo e com os outros.

7 — Talento particular para contra-restar com êxito as intrigas.

8 — Extremamente reservado. Nunca declara seu jôgo.

9 — Firmeza nas sensações e sentimentos, que se diluem fàcilmente. Faculdade de fazer várias coisas ao mesmo tempo.

10 — Vontade obstinada. Persegue até o fim seu objetivo, mesmo se detém para melhor consegui-los.

11 — Disciplina rigorosa aplicada à sua vida particular e pública.

12 — Caráter estável. Não mudou em trintanos e não mudará mais.

13 — Perseverança capaz de suportar as mais duras provas.

14 — Senso de método. Trabalha sob certos princípios aos quais se apega irremovìvelmente.

15 — Modela os homens segundo sua vontade, graças a uma extraordinária paciência.

16 — Melancolia crônica. O poder dos sentimentos é vencido pela razão.

17 — Intuição que lhe dá a conhecer os pontos vulneráveis do inimigo.

18 — Avaro em amizade. Prefere a qualidade à quantidade. Põe os sentimentos alheios à prova.

19 — Forte contrôle de si mesmo que lhe permite corrigir seus defeitos.

20 — Não é um sibarita. Controla suas paixões e sobrepõe a camaradagem ao amor.

21 — Possui conceito nobre e elevado da honra.

22 — Sua vontade controla até mesmo as menores emoções.

23 — Individualismo resoluto e consciente, contudo não tem vocação para ditador.

24 — Tem o senso da observação. Nunca intervém inùtilmente. E' capaz de apreciar certos prazeres sem ter participação nêles.



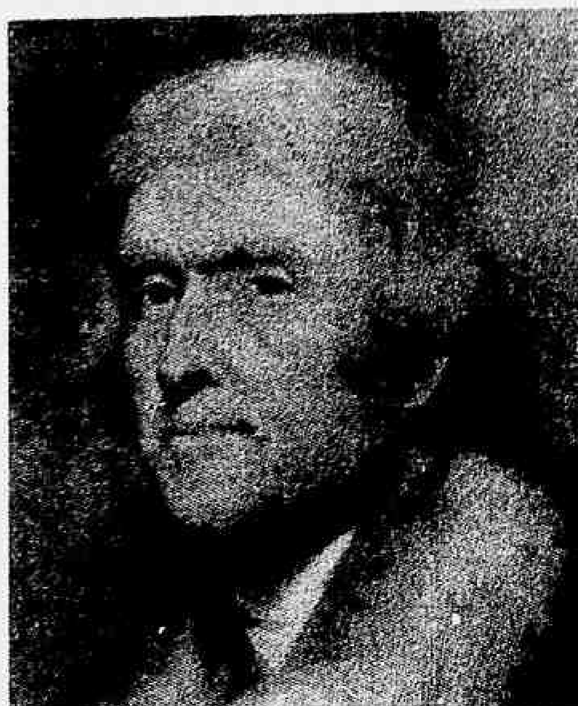
GEORGE WASHINGTON

Foi o primeiro presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 22 de fevereiro de 1732 em Bridges Creek, Westmoreland County, na Virginia. Desde criança denotou caráter firme, como registra a história com o episódio da cerejeira: "Meu pai, não posso mentir. Fui eu quem cortou a árvore". Aos vinte anos praticava heroísmo no Ohio, sob as ordens de Braddock. Casa-se em 1759 e vai viver feliz em sua propriedade de Mount Vernon. Mas em 1775, a nação lhe entrega o comando das fôrças nacionais contra a dominação inglêsa e Washington tem pela frente seis longos anos de pesadas lutas, com o que se torna o ídolo do povo. Com a vitória final de 1781, volta à vida privada, onde vão buscá-lo para tornar-se primeiro presidente em 1789. Sua administração é um paradigma de probidade e patriotismo, governando a nação infante, de 1789 a 1797. Faleceu a 14 de dezembro de 1799 em sua propriedade de Mount Vernon.



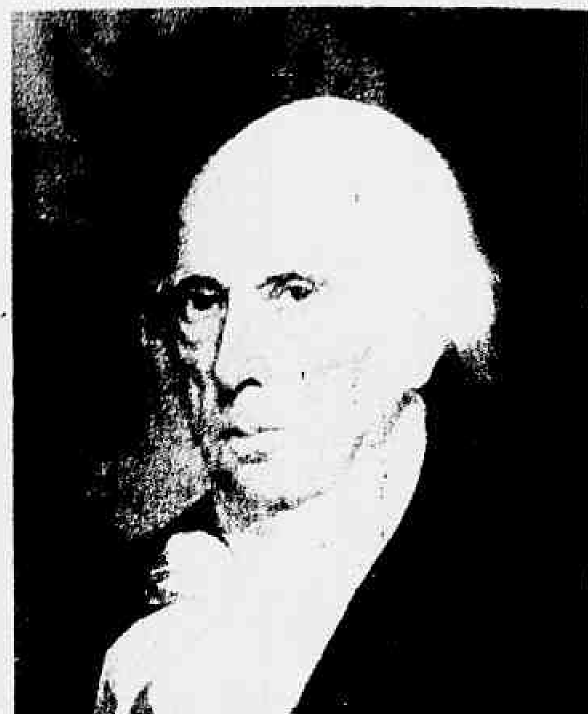
JOHN ADAMS

Segundo presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 30 de outubro de 1735, em Quincy, Massachusetts. Durante a infância ajudava nos trabalhos da fazenda, mas seus pais desejavam que êle se ilustrasse tornando-se pastor, como seu tio Joseph. Diplomado por Harvard em 1751, preferiu o culto das leis e do Direito. Casou-se em 1764, tornando-se um batalhador pela independência nacional dêsde o "Stamp Act" britânico em 1765. Em Boston chefiou a preparação revolucionária contra a inglaterra. Terminada a luta foi a londres para firmar a paz, e em 1789, foi eleito vice-presidente da nova república, reeleito no outro período. Em 1797 foi eleito presidente, governando até 1801. No seu govêrno se deu a transferência da sede do govêrno, de Filadelfia para a atual Washington. Terminado o mandato, retirou-se para Quincy, onde faleceu à 4 de julho de 1826, 50 anos depois da Declaração da Independência.



THOMAS JEFFERSON

Terceiro presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 13 de abril de 1743 em Shadwell, Albemarle County, na Virginia. Apaixonado da cultura e dos estudos científicos, fêz brilhante curso no College of William and Mary, em Williamsburg, Virginia. A revolução da Independência foi encontrá-lo em sua mansão de Monticello. Em 1776, como delegado da Virginia, unido a Adams, Franklin, Sherman, Livingston, redige a famosa "Declaração da Independência", em Filadelfia, num segundo andar de uma casa de Market Street. Submetida ao Congresso a 28 de junho, é aprovada a 4 de julho do mesmo ano. Foi governador da Virginia e embaixador na França. Fundou a universidade de Virginia e seu govêrno se caracterizou pela mais ampla liberdade de idéias, sendo reeleito pelos Republicanos. Deixou belas páginas de cultura, e faleceu no mesmo dia da morte de Adams: 4 de julho de 1826.



JAMES MADISON

Quarto presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 16 de março de 1751, em Port Conway, Virgínia. Grande estudioso, diplomou-se em Princeton e muito se dedicou à História, leis e à teologia. Em 1786 representou a Virginia na Convenção Constitucional e foi eleito para o Congresso até o segundo período presidencial de Washington. Casou-se em 1794, tendo desempenhado o cargo de Secretário de Estado no Gabinete Jefferson. A 4 de março de 1809, James Madison era elevado ao cargo de quarto presidente dos Estados Unidos, sendo reeleito. A guerra com os inglêses teve início em 1812, no primeiro mandato presidencial, havendo Madison evacuado Washington e incendiado os edifícios, inclusive o Capitólio. A ocupação britânica apenas se manteve por um dia, e, com a retirada das tropas inimigas, Madson regressa à sede do país, a 22 de agôsto, ocupando outra casa. James Madison morreu no dia 28 de junho de 1836.



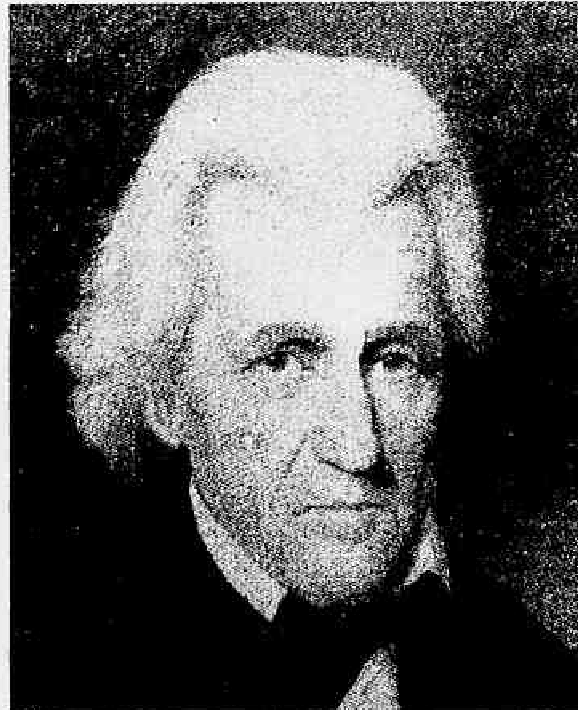
JAMES MONROE

Quinto presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 28 de abril de 1758, em Monroe's Creek, Westmoreland, na Virgínia. É pouco conhecida sua vida juvenil, mas ao rebentar a luta da independência, estudava êle no Colegio William and Mary. Voluntário no terceiro regimento da Virginia, no pôsto de tenente, recebeu seu batismo de fogo em Harlem, Nova York, em setembro de 1776. Ajudante de ordens de Lord Sterling, no pôsto de major, tomou parte em várias outras batalhas, chegando a coronel. Casou-se em 1786, quando era legislador. Em 1794 foi Ministro na França. Governador da Virginia de 1799 a 1802, foi a Paris em 1803 para concluir a compra da Florida e de Nova Orleans, com a França. Em 1817, eleito presidente dos Estados Unidos, sendo reeleito. Seu govêrno foi muito popular. É dêle a famosa frase: "A América para os americanos". Faleceu a 4 de julho de 1831, tendo deixado o país em grande progresso.



JOHN QUINCY ADAMS

Sexto presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 11 de julho de 1767, em Quincy, Massachusetts. Desempenhando seu pai uma missão diplomática na França, John freqüentou os melhores colégios de Paris, Amsterdan e a universidade de Leyden, mas se graduou em Harvard em 1787, dedicando-se à advocacia em Boston. Casou-se à 26 de julho de 1797. Da campanha presidencial de 1824, onde tomaram parte quatro candidatos, saiu vencedor e foi eleito chefe da nação americana, tomando posse do cargo a 4 de março de 1825. Em 1829 deixa êle o govêrno e volta à sua terra natal em Quincy, mas pouco descansa: é eleito para o Congresso, em 1830. A 21 de fevereiro de 1848 é vítima de paralisia. Não mais se ergue do leito, vindo a falecer dois dias depois, sendo seu corpo enterrado num jazigo de pedra, em seu torrão natal, ao lado de seu pai e de sua mãe. "Estou contente", suas últimas palavras.



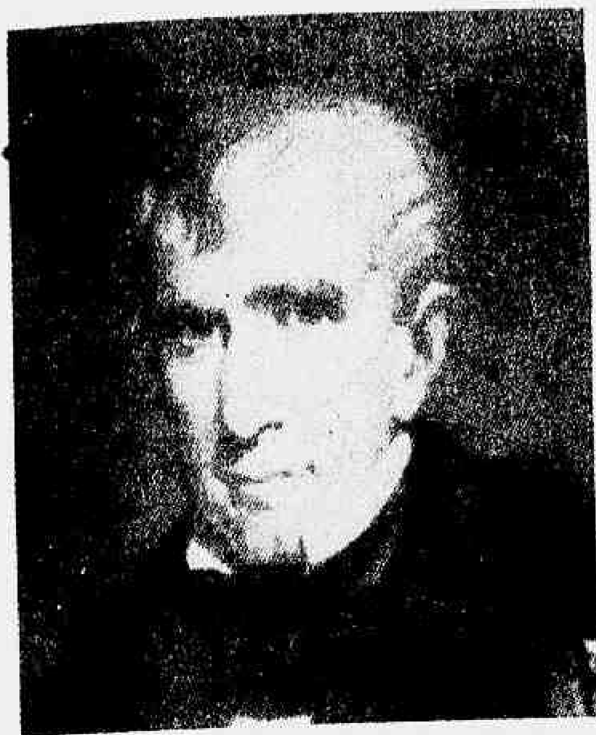
ANDREW JACKSON

Sétimo presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 15 de março de 1767, em Charleston, Carolina do Sul. Estudava em Waxhaw, aos treze anos, quando entrou a serviço da revolução da independência. Atacada a localidade, foi feito prisioneiro com seu irmão Robert. Quando um oficial inglês mandou-o limpar-lhe as botas, êle respondeu com dignidade: "Sou um prisioneiro de guerra e não um criado". Espancado pelo militar a espada portou-se com grande dignidade. Advogado, casou-se em 1791, foi deputado, senador e juiz do Tribunal do Tennessee. Teve atuação brilhante na guerra de 1812, batendo os inglêses em Nova Orleans. Candidato pelos democratas à presidência da república, contra a reeleição de Adams, venceu-o e assumiu o govêrno a 4 de março de 1829. Terminado o período legal de quatro anos, foi seu nome mais uma vez sufragado até 1837. Em 1835, escapou de um atentado. Faleceu a 8 de junho de 1845.



MARTIN VAN BUREN

Oitavo presidente dos Estados Unidos. Nasceu em Kinderhook, New York a 5 de dezembro de 1872. Seguiu os estudos de Direito, trabalhando no fôro de Nova York. Casou-se em fevereiro de 1807, foi senador em 1812. Senador federal em 1821, foi reeleito em 1827, renunciando a cadeira para ocupar o cargo de governador de Nova York. Secretário de Estado em 1829, foi o vice-presidente na reeleição de Andrew Jackson. Nesse período sua popularidade cresceu muito, tornando-se o favorito à sucessão de Jackson. Vencendo os vários concorrentes, subiu êle à presidência dos Estados Unidos a 4 de março de 1837. Em 1841 procurou reeleger-se, mas foi derrotado pelo opositor Harrison. Ocorreram distúrbios na Convenção Nacional Democrática de Baltimore, sendo êle alvo de muitas críticas ferinas através da caricatura. Por fim, rompeu com o seu partido na questão dos escravos. Faleceu a 24 de julho de 1862.



WILLIAM HENRY HARRISON

Nono presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 9 de fevereiro de 1773, em Berkeley, Virginia. Embora houvesse escolhido a carreira médica estudando com os melhores professôres, terminou no Exército, em 1791. Tomando parte na guerra contra os índios sua atuação mereceu os mairos louvores do general Wayne, sendo promovido a capitão e comandante do Fort Washington. Casou-se a 22 de novembro de 1795. Durante a guerra contra os inglêses e seus aliados índios, Harrison invade o Canadá e obtém estrondosa vitória. Eleito deputado em 1816, é senador em Ohio em 1825, ministro na Columbia em 1828. Eleito presidente da república tomou posse a 4 de março de 1841. Afrontando mau tempo, e já com quase 70 anos, só estêve no govêrno durante um mês, vindo a morrer de pneumonia a 4 de abril de 1841, e fôra o primeiro presidente dos Estados Unidos que falecia em pleno exercício de suas funções.



JOHN TYLER

Décimo presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 29 de março de 1790, em Greenway, Charles City County, na Virginia. Seguiu a carreira do Direito, graduando-se em 1807. Em 1809 era eleito para a Casa da Câmara de Virginia. Aos 23 anos casa-se. Fêz sua estréia na política nacional em 1816, quando foi eleito deputado. Depois de cinco anos, volta a ser legislador em sua terra natal. Em 1825 é eleito governador da Virginia e senador federal em 1827. Apresentado como candidato à vice-presidência da república pelo partido Whig, consegue eleger-se em 1840. Com a morte de Harrison, êle segue para Washington a fim de assumir a presidência. Pouco depois, rompe com o seu partido. Nos últimos dias de sua administração é o território do Texas anexado aos Estados Unidos por uma resolução do Congresso. Enviuvando, casa-se novamente, em junho de 1844. Tyler faleceu em Richmond, a 18 de janeiro de 1862.



JAMES KNOX POLK

Décimo primeiro presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 2 de novembro de 1795, em Mecklenburg county Carolina do Norte. Estudou e se graduou na Universidade da terra natal, dedicando-se em 1820 aos trabalhos jurídicos. Três anos depois era eleito à legislatura do Tennessee. Casou-se em 1824, sendo eleito deputado federal em 1825. Em 1839 é elevado a chefe do Executivo do Tennessee. Candidatando-se à presidência dos Estados Unidos entre vários outros pretendentes, vence a batalha e sobe ao poder a 4 de março de 1845. Durante sua administração o território nacional aumenta consideràvelmente, firmando-se a paz com o México e passando para os Estados Unidos os territórios da California, Utah, Nevada e partes do Colorado, Arizona e Novo México. Não desejando a reeleição, logo que deixou o govêrno se retirou para Nashville, onde faleceu a 15 de junho de 1849, três mêzes após deixar o govêrno.



ZOCHARY TAYLOR

Décimo segundo presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 24 de setembro de 1784, em Orange County, Virginia. Era ainda muito criança quando seu pai se mudou para Kentucky County, onde êle, como tantos outros meninos se entregou a serviços e diversões próprios da roça. Em 1808 era tenente do Exército, promovido a capitão, dois anos mais tarde. Casou-se aos 23 anos. Em 1812 prestou grandes serviços à pátria na guerra contra os inglêses e seus aliados, os índios, praticando atos de heroísmo na defesa de Fort Harrison, derrotando o inimigo. Em 1840 comandava uma divisão como brigadeiro-general. Na guerra contra o México se cobriu de glórias sendo considerado um dos grandes heróis do país. Inscrito como um dos candidatos na campanha presidencial de 1848, saíu vitorioso nas urnas, apesar de ser infenso à política. A 4 de março de 1849 era êle empossado na cadeira da Casa Branca. Faleceu a 9 de julho de 1850.



MILLARD FELLMORE

Décimo terceiro presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 7 de fevereiro de 1800 em Cayuga County, New York. Aos 14 anos trabalhou como aprendiz de cardador de lã, até 1819, quando teve a grande sorte de encontrar-se com o juiz Walter Wood, que o aconselhou a seguir a carreira do Direito. Em 1823 trabalhava na seara das Leis, casando-se aos 26 anos de idade. Em 1830 se mudou para Buffalo, sendo eleito legislador em Nova York, em 1828, subindo a deputado federal em 1832, sendo reeleito três vêzes. Em 1848 era eleito vice-presidente da república. Nesse cargo presidiu ao senado, tomando parte numas das mais agitadas sessões do parlamento americano. Com a morte do presidente Taylor a 9 de julho de 1850, assume no dia seguinte, as rédeas da nação, o vice Millard Fillmore, como décimo terceiro presidente dos Estados Unidos. Muito lutou pela conciliação entre norte e sul. Morreu a 8.3.1874.



FRANKLIN PIERCE

Décimo quarto presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 23 de novembro de 1804, em Hillsboro, New Hampshire. Filho de um patriota e político, que, por duas vêzes governara sua província e dela fôra legislador. Pierce se criou assistindo a discussões político-partidárias em seu lar e foi nessa atmosfera que formou seu espírito. Graduou-se em Brunswick, Maine, em 1824, estudando Direito em Northampton, Massachusetts, em que se formou. Quando estourou a guerra com o México, êle se alistou e galgou o pôsto de coronel, logo depois promovido a brigadeiro-general. Tomou parte em muitas batalhas. Seu prestígio como soldado e homem do Direito cresceu muito, e êle era empossado como presidente da nação a 4 de março de 1853. Durante sua administração as controvérsias entre escravistas e não escravistas aumentaram muito. Em 1863 enviuvou, e a 8 de outubro de 1869, depois de uma viagem à Europa, faleceu em Concord.



JAMES BUCHANAN

Décimo quinto presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 23 de abril de 1791 em Stony Batter, perto de Mercersburg, Pennsylvania. Estudou em Carlisle, seguindo a carreira jurídica em Lancaster. Em outubro de 1814 foi eleito legislador em Pennsylvania. Em 1820 foi eleito para o Congresso do país, onde serviu durante dez anos. Depois de uma missão diplomática à Rússia em 1832, regressou à pátria em 1833. Senador em 1836 e 1842, resignou a cadeira a fim de formar no gabinete do Presidente Polk. De 1853 a 1856 serviu como Ministro na Inglaterra. A 2 de junho de 1856 os democratas apresentam seu nome para presidência da república, vencendo as eleições contra outros candidatos. A 4 de março de 1857 assume êle as rédeas do país. A 16 de agôsto de 1858, troca mensagem com a Rainha Vitória pelo cabo submarino, inaugurando a nova comunicação. Morreu solteiro no dia 1 de junho de 1868.



ABRAHAM LINCOLN

Décimo sexto presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 12 de fevereiro de 1809, em Hardin County, Kentucky. Aos oito anos de idade sua família se mudou para Indiana. Por falta de escolas, estudou por si mesmo. Com 22 anos mudou-se para Illinois. Foi caixeiro de armazém. Durante a Black Hawk War em 1832, serviu como administrador dos Correios de New Salem, em 1833 e assistente da superintendência da província. Foi legislador no ano seguinte, sempre estudando leis. Casou-se a 4 de novembro de 1842. Em 1847 é deputado. Em 1856 entra para o partido Republicano e a 4 de março de 1861 toma posse da cadeira de presidente dos Estados Unidos. Durante seu govêrno sustentou a guerra a favor da emancipação dos escravos e da unidade nacional. Vencida a guerra, estava êle no tea. na noite de 14 de abril de 1865, quando foi alvejado por J. W. Booth morrendo na manhã do dia 15 do mesmo mês.



ANDREW JOHNSON

Décimo sétimo presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 29 de dezembro de 1808, em Raleigh, Carolina do Norte. Privado de pai ainda criança passou uma infância de privações e pobreza. Aos dez anos era aprendiz de alfaiate e aí começou a ler. Em 1826 abriu sua alfaiataria, em Greenville, Tennessee. Em 1827 se casa, e sua mulher o ajuda a instruir-se. Sua carreira política começa em 1829, quando é eleito vereador. Depois de ser prefeito de Greenville, é eleito deputado federal, servindo por dez anos. Depois de ser governador de Tennessee, foi senador em 1862. Vice-presidente na chapa de Lincoln, pelo partido Democrata (Lincoln pelo partido Republicano) assumiu o lugar de chefe da nação com a morte daquele até 1869. A 24 de fevereiro de 1868, sofre êle ameaça de "impeachment", do que escapa por voto no Senado. Volta ainda como senador em janeiro de 1875. Sua morte se deu a 31 de julho do mesmo ano de 1875.



ULISSES SIMPSON GRANT

Décimo oitavo presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 27 de abril de 1822, em Point Pleasant, Ohio. Tinha um ano de idade quando a família se mudou para Georgetown, onde o pai comprara uma fazenda e um cortume. Sua infância foi como a de qualquer menino de roça: caçar, nadar, cavalgar. Sua educação não foi negligênciada, estudando nas escolas vizinhas. Seu nome verdadeiro é Hiram Ulysses Grant; mas, ao matricular-se em West Point, houve engano e lá ficou sendo "Ulysses Simpson", êrro que nunca foi corrigido. Em junho de 1843 é graduado no pôsto de tenente. Pratica atos de bravura e heroísmo nas batalhas do México. Em 1848 se casa. Depois de brilhante carreira militar, já no pôsto de capitão, volta ao Mississipi. Mas a guerra civil o envolve e êle comanda as tropas até à vitória final. Eleito presidente, toma posse a 4 de março de 1869 sendo reeleito. Viajou pelo mundo, vindo a falecer a 23.7.1885.



RUTHERFORID BIRCHARD HAYES

Décimo nono presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 4 de outubro de 1822, em Delaware, Ohio. Estudou em escolas públicas e, depois, em colégios e estabelecimentos de alta cultura até graduar-se em leis em 1845. Casou-se em dezembro de 1852. Empolgado também pela guerra civil tomou parte nela chegando ao pôsto de brigadeiro-general em 1864. Sua carreira política começou com sua eleição para o Congresso, quando ainda estava no Exército. Foi governador do Ohio, por dois períodos. Em 1876 a Convenção do Partido indica seu nome para presidente da República. Trava-se a luta e êle é eleito, tomando posse a 4 de março de 1877. Sua gestão se caracterizou pelas reformas administrativas e maior expansão diplomática dos Estados Unidos. Terminado o govêrno voltou à sua casa de Fremont dedicando a obras de caráter social e educativo. Seu falecimento ocorreu no dia 17 de janeiro de 189. 3



JAMES ABRAHAM GARFIELD

Vigésimo presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 19 de novembro de 1831, em Orange, Ohio. Órfão e com mãe pobre carregada de filhos, êle e os irmãos trataram de manter a casa com o produto da fazendola deixada pelo genitor. Estuda em escolas públicas e segue cursos mais elevados até graduar-se em 1856, em Massachusetts. Em 1858 se casa. Em 1859 é senador em Ohio. Arrastado à luta entre nortistas e sulistas, serve às hostes de Grant, defendendo a política de Lincoln, entra em batalhas e chega ao pôsto de brigadeiro-general, promovido depois a major-general por atos de bravura. Deputado federal em 1863, deixa o Exército, tornando ao senado de Ohio em 1880. A Convenção Republicana de Chicago em 1880 indica seu nome para a Casa Branca. Garfield vence as eleições e toma posse a 4 de março de 1881. A 2 de julho do mesmo ano é vítima de um atentado a bala e morre a 15 de setembro.



CHESTER ALAN ARTHUR

Vigésimo primeiro presidente dos Estados Unidos. Nasceu em Fairfield Vermont, a 5 de outubro de 1830. Depois de fazer seus estudos preliminares, foi para Nova York estudar Direito, onde fêz carreira. Casou-se em 1859. Quando rebentou a guerra civil êle ocupou importante cargo nas operações. Terminada a luta, voltou à profissão de advogado. O então Presidente Grant lhe deu funções públicas em Nova York. Com a morte do presidente Garfield, resultante do ferimento a bala em Washington, assumiu a Casa Branca Chester A. Arthur, vice-presidente, a 20 de Setembro de 1881 em sua própria residência na Avenida Lexingtou, 123, onde prestou o juramento. Apaixonado pelo esporte da pesca, costumava celebrar seu aniversário lançando às águas de Alexandria Bay, Novo York, o seu anzol. Não conseguindo reeleger-se, volta ao seu lar no fim do govêrno. Vítima de apoplexia, vem a falecer no dia 18 de novembro de 1886.



GROVER CLEVELAND

Vigésimo segundo presidente dos Estados Unidos. Nasceu em Caldwell, New Jersey, a 18 de março de 1837. Batizado com o nome de Stephen Grover suprime seu primeiro nome ainda muito moço. Passou sua mocidade em Fayetteville e Clinton, Nova York, onde seu pai era ministro. Com a morte do pai trabalhava para manter a família. Estudou na Academia de Fayetteville e no Hamilton College, dedicando-se à carreira jurídica em Buffalo, onde chegou a prefeito e governador. Indicado seu nome pelo partido Democrata, em julho de 1884, para a presidência da República, foi êle sufragado, derrotando os competidores. A 4 de março de 1885 era empossado no govêrno dos Estados Unidos. Em 2 de junho de 1886 se casa, celebrando-se o ato na Casa Branca. Apresentado o seu nome para a ereeleição com Allen G. Thurman na vice-presidência, pelos democratas, não obteve vitória, voltando à advocacia. Mas volta à Presidência a 4.3.1893.



BENJAMIN HARRISON

Vigésimo terceiro presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 20 de agôsto de 1833, em North Bend, Ohio. Recebeu seus primeiros estudos numa casa da fazenda do pai. Depois de alguns anos entrou para a Miami University em Oxford, Ohio, em 1850. Dois anos depois se formava em leis. Casou-se em 1853. Interrompeu sua carreira de advogado para alistar-se nas tropas de Lincoln, comandando um regimento e tomando parte em batalhas. Foi governador da Indiana e senador, pelos republicanos, que o elegera presidente da República como sucessor do democrata Cleveland. Subiu à Casa Branca a 4 de março de 1889. Durante sua administração vários Estados se incorporaram à União e se organizou o território de Oklahoma. Terminando o mandato voltou à advocacia. No ano de 1899 foi delegado de sua pátria à primeira Conferência da Paz, realizada em Haya, último serviço prestado aos Estados Unidos da América do Norte. Morreu a 13 de março de 1901.



WILLIAM MCKINLEY

Vigésimo quinto presidente dos Estados Unidos. Nasceu em Niles, Ohio, a 29 de Janeiro de 1843. Aos nove anos sua família se mudou para Poland, Ohio, onde foi estudar no Union Seminary. A revolução civil o traiu e êle se alistou tomando parte em batalhas, sendo promovido a major por atos de bravura em março de 1865. Deixando as armas volta a dedicar-se ao curso de Direito, completando o curso na escola de Direito de Albany, New York. Casa-se em 1871. Ótimo orador, atraiu as atenções dos republicanos, sendo eleito deputado em 1876. Chegou a governador do Ohio. Apresentado para presidente da República, é eleito por grande maioria de votos sôbre seu opositor Bryan. A 4 de março de 1897 sobe à Casa Branca como o 25° Presidente dos Estados Unidos. No segundo ano de seu govêrno houve a guerra com a Espanha para a independência de Cuba. Alvejado a tiros a 6 de setembro, na Exposição Pan-Americana, faleceu a 14 do mesmo mês.



THEODORE ROOSEVELT

Vigésimo sexto presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 27 de outubro de 1858 em Nova York. Sofreu de asma na infância. Conseguiu restaurar-se, e aos 18 anos era um dos mais robustos alunos de Harvard. Formou-se em direito pela Universidade de Columbia e muito cedo se interessou em política, indo para a Câmara de Nova York em 1881. Casou-se no mesmo ano. Enviuvando em 1884, retirou-se à vida privada durante algum tempo, dedicando-se à caça em North Dakota. Em 1886 casa-se em Londres. Ocupa vários cargos importantes em Nova York no govêrno McKinley. Toma parte na guerra da Espanha. Governador de Nova York em 1898 é eleito vice-presidente e assume o govêrno com a morte de McKinley, prestando juramento em sua casa de Wilcox, Buffalo. Percorre o País para estudar seus problemas. Constrói o Canal do Panamá e lança sua pátria como grande potência. Veio ao Brasil em 1912. Faleceu a 6 de janeiro de 1919.



WILLIAM HOWARD TAFT

Vigésimo sétimo presidente dos Estados Unidos. Nasceu em Cincinnati, Ohio, a 15 de setembro de 1857. Estudou na Universidade de Yale, graduando em 1878. Juiz na Côrte Superior de Ohio em 1887, casando-se no mesmo ano. Governador das Filipinas em 1901 e Secretário da Guerra em 1904, no período Roosevelt. Fortemente apoiado pelo Presidente, Taft foi incluído na chapa como candidato à presidência da República pelos republicanos em 1908. A 4 de março de 1909, durante uma nevada, assumiu a direção do país. Uma dissidência partidária não lhe permitiu reeleger-se. Deixando a Casa Branca, voltou à Universidade de Yale para lecionar Direito. Ministro do mais alto Tribunal de Justiça de seu país, — sua maior ambição, em 1921,— atingia Taft a culminância de sua glória, sendo o primeiro político a exercer os mais altos cargos do Executivo e do Judiciário. Faleceu a 8 de março de 1930, jazendo no Arlington National Cemetery.



THOMAS WOODROW WILSON

Vigésimo oitavo presidente dos Estados Unidos. Nasceu em Staunton, Virginia, a 28 de dezembro de 1856, filho de um pastor. Com dois anos de idade sua família se mudou para Augusta, Georgia. Seu pai lecionou num seminário e êle procurava instruir-se, cursando ciência política. Emilina o primeiro Thomas. Graduou-se em 1879, recebendo o título de Doutor em Filosofia na Johns Hopkins University em 1886. Professor de Jurisprudência e Economia Política, chegando a presidente da Universidade de Princeton. Governador de New Jersey em 1910, é apresentado pelo Progressive Party, como candidato à presidência da República, bate os republicanos e sobe à curul presidencial a 4 de março de 1913. Casa-se pela segunda vez em 1915. Reeleito em 1916, é em seu govêrno que os Estados Unidos entram na primeira grande guerra, vencendo-a. Assiste às cerimônias da Paz, volta à pátria e morre a 3 de fevereiro de 1924.



WARREN GAMALIEL HARDING

Vigésimo nono presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 2 de novembro de 1865, perto de Blooming Grove (atual Corsica), Ohio. Fêz seus estudos secundários em Ibéria no Ohio Central College. Graduado em 1882, trabalhou em Marion, Ohio num jornal semanal, comprando, com um amigo, o "Marion Star". Casou-se em 1891. Senador em 1900 é eleito governador de Ohio em 1902. Em 1914 é senador federal. Escolhido para a presidência da República pelos republicanos, vence as eleições e sobe ao poder a 4 de março de 1921. O marco principal de sua administração é a Conferência Internacional de Limitação de Armamentos, realizada em Washington em novembro de 1921. Em fevereiro de 1922 um tratado de limitação naval é firmado com a Inglaterra, França, Japão e Itália, como base na manutenção da paz. Depois de empreender longa viagem ao oeste e Alaska, adoeceu gravemente, vindo a falecer a 2 de agôsto de 1923 em meio do seu govêrno.



CALVIN COOLIDGE

Trigésimo presidente dos Estados Unidos. Nasceu num distrito de Plymouth, nas montanhas de Vermont, perto de Rutland, no ano de 1872 no Dia da Independência, numa casa modesta de seu avô. Sua infância compreendeu entre trabalhos da propriedade rural e diversões de roça. Depois dos estudos preliminares foi exercer a profissão de advogado em Massachusetts, em 1897, chegando a governador em 1919 e vice-presidente da República na chapa com Harding. Assumindo o govêrno da República com o desaparecimento de Harding, dirige uma mensagem à nação, falando no Parlamento anunciando seu programa administrativo. Um dos mais importantes feitos de sua gestão foi a assinatura do Pacto Kellogg de Paz entre os Estados Unidos e a França, impedindo qualquer guerra entre os dois países. Êsse Pacto foi depois ampliado a outras nações num total de 60. Coolidge morreu em Northampton a 5 de janeiro de 1933.



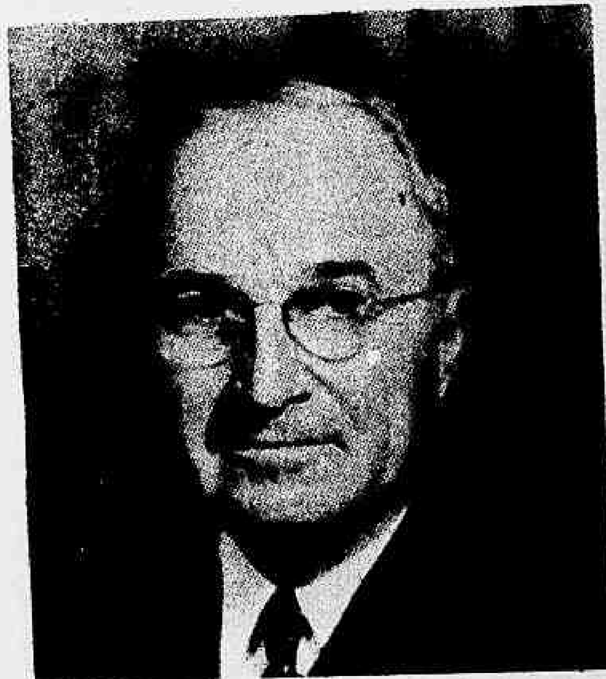
HERBERT CLARK HOOVER

Trigésimo primeiro presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 10 de agôsto de 1874, em West Branch, Iowa. Grande parte de sua infância passou em Salem, Oregon, na escola pública. Quando a Leland Stanford University de Palo Alto, Califórnia, abriu seus cursos, Hoover se matriculou em mineralogia e geologia. Formado em 1895, foi trabalhar numa mina da Califórnia, obtendo depois lugar destacado como engenheiro de minas em São Francisco. Uma firma de Londres o incumbiu de desenvolver minas de ouro na Austrália em 1897. Casou-se em 1899, seguindo para a China a serviço de minas de ouro. Volta à pátria em 1901. Faz parte do govêrno Harding e é escolhido pelos Republicanos, para presidente. Vence as eleições e toma posse a 4 de março de 1929. Pretendendo reeleger-se, foi derrotado por Franklin Roosevelt. Antes de terminar o govêrno visitou o Rio. Retirou-se para Palo Alto, Califórnia, dedicando-se à profissão.



FRANKLIN DELANO ROOSEVELT

Trigésimo segundo presidente dos Estados Unidos. Nasceu a 30 de janeiro de 1882, em Hyde Park, Nova York. Quando menino acompanhou os pais em várias viagens. Estudou em Massachusetts, e na Universidade de Harvard, graduando-se em leis pela Columbia Law School, de Nova York. Casou-se em 1905, com Anna Eleanor, prima distante. Prestou serviços como Assistente do Ministério da Guerra no govêrno Wilson. Estêve na Europa inspecionando a esquadra americana em águas européias. Governador de Nova York em 1928, é apresentado pelo partido Democrata à sucessão de Hoover, elegendo-se e tomando posse a 4 de março de 1933. Em sua gestão o rei Jorge e a rainha Elizabeth visitaram os Estados Unidos, o Japão ataca Pearl Harbor e há o encontro com Churchill. Vai a África, Teheran, Cairo, Yalta, na luta pela vitória. Reeleito três vêzes, faleceu à 12-4-1945, depois de uma das mais agitadas administrações dos Estados Unidos.



HARRY S. TRUMAN

Trigésimo terceiro presidente dos Estados Unidos. Nasceu em Lamar, Missouri, a 8 de maio de 1884. Aos 4 anos de idade sua família se mudou para Grandview, e, daí, para Independence. Empregado de um banco em Kansas voltou a Grandview para a vida rural. Em 1901 terminou o curso secundário. Serviu na primeira grande guerra, chegando a capitão de artilharia. Casou-se em 1919. Iniciou sua carreira política em 1922 e cursou a Kansas City School of Law. Senador em 1934. Em 1944 é apresentado para vice-presidente com Roosevelt. Os democratas vencem as eleições. Com a morte de Franklin Delano Roosevelt, assume êle as rédeas da nação. Vai à Alemanha para conferenciar com Churchill e Stalin. A 14 de agôsto de 1945 anuncia ao povo que a guerra contra o Japão terminara, e declara que um novo poder bélico está de posse dos Estados Unidos: a bomba atômica. Não querendo reeleger-se, será sucedido por Eisenhower êste ano.

A BEM AMADA



Delicado e bem escrito romance de Thomas Hardy, escritor inglês estreado em 1871. Dramaturgo e romancista, deixou várias obras de grande beleza estilística e fluência de imaginação criadora. A BEM-AMADA é uma história de enrêdo romântico dos mais vivos e tocantes. Thomas Hardy foi distinguido em 1921 com o prêmio Nobel de Literatura. E' um escritor festejado em todo o mundo e que desejamos seja aplaudido entre nossos leitores.

Capítulo I

UMA criatura mui distinta dos comuns habitantes daquela localidade, escalava o escarpado caminho que conduz através do povoado costeiro chamado Street of Wells, onde se desenha aquêle Gibraltar de Wessex, a singular península que já fôra ilha e ainda assim denominada, avançando como cabeça de pássaro no Canal Inglês. Cercada de terra mais firme por um largo e tortuoso istmo de seixos e ramos lançados pela fúria do mar, é sem igual em sua classe em tôda a Europa.

A pessoa a quem nos referimos era o que seu aspecto indicava: um jovem de Londres ou de qualquer cidade do continente europeu. Nada podia presumir que sua urbanidade consistia apenas na roupa que vestia. Ia recordando com alguma consternação os três anos e oito meses transcorridos desde a última vez que visitara aquêle lugar solitário onde nascera, tendo ocupado todo aquêle tempo na companhia de gente de costumes contrários ao seu meio. Suas amizades e camaradagens eram as do mundanismo, tão diversas daquele ambiente alcantilado em que viera ao mundo. O que lhe parecia usual e comum na ilha, quando ali morava, já lhe era estranho e inconcebível em face de sua vida atual. Mas êsse lugar já não se parecia, segundo afirmavam, com o antigo tempo da ilha de Vindília e morada dos Honderos. Já não eram para êle familiares os aspectos daquele promontório onde as casas se amontoavam umas sôbre as outras, quando a casa vizinha se erguia ao nível da chaminé na que ficava mais em baixo, os jardins olhando o céu, plantas e hortaliças plantadas verticalmente, no compacto de tôda a ilha como um só bloco de quatro milhas de longitude. Tudo agora o deslumbrava com brancura sem igual, em contraste com o colorido do mar, enquanto o sol deslumbrava sôbre a infinidade de estratificações das ribanceiras de oólito. Fazia lembrar os versos:

«Melancólicas ruínas
de ciclos já passados...»

Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON

em meio à claridade que atraía poderosamente a atenção do caminhante, como nenhum outro espetáculo que se pudesse contemplar de longe.

Depois de exaustiva ascensão chegou lá em cima e, atravessando as escarpas, dirigiu-se à aldeia, na direção ao oriente. Como permitia o verão àquela hora, duas da tarde, o caminho estava empoeirado e luminoso. Ao aproximar-se da casa de seu pai, o caminhante sentou-se ao sol.

Pousou a mão sôbre uma pedra vizinha e sentiu que abrasava. Aquela era a temperatura peculiar da ilha, à hora da sesta, quando todos dormiam, como êle também fazia. Ouviu ruídos distantes. Eram os causados pelos trabalhadores de pedreiras.

Bem defronte ao lugar em que se sentara se levantava espaçosa vivenda tôda de pedra, como a própria ilha. Não sòmente as paredes, como os caixilhos das janelas, o teto, a chaminé, a cêrca, o chiqueiro, o estábulo, tudo era de pedra. Quase que também a porta era de pedra.

Lembrou-se de que ali vivia, e talvez continuasse a viver, a família Caro. Os Caros, os «côr de mel», como lhes chamavam para distingui-los de outros ramos da mesma árvore genealógica, pois só se contava em tôda a ilha meia dúzia de nomes de batismo com seus outros tantos apelidos. Ergueu-se, cruzou o caminho e seus olhos seguiram a vereda que conduzia à porta da casa dos Caros, que, realmente, ainda moravam ali.

A senhora Caro, que o havia visto pela janela, saiu ao seu encontro à entrada da casa, e ambos se saudaram como dos velhos hábitos. Um momento depois se abriu uma porta que dava para aposentos interiores e uma jovem de dezessete a dezoito anos chegou a exclamar:

— Como?... E' você, Joce? — E se dirigiu ao recém-chegado com muita alegria, dando-lhe um beijo.

A expansão de amizade era muito agradável, vinda da dona de tão carinhoso e brilhante par de olhos castanhos e de tranças tão negras; mas tão repentina e inesperada para um homem recém-chegado da cidade, que êle retrocedeu quase involuntàriamente, por um momento, devolvendo depois aquêle beijo afetuoso, dizendo:

— Avicia! Minha linda garôta! Como está bonita depois de tanto tempo!

Durante alguns segundos a impulsiva inocência da jovem só pode perceber os efeitos de surprêsa do rapaz; mas a senhora Caro, sua mãe, percebendo imediatamente a inconveniência de tais expansões, volta-se para a filha e lhe diz um tanto ruborizada:

— Avicia! Minha filha! Que fazes? Não vês que já és uma mulher e não aquela garotinha de quando Jocelyn, o Sr. Pierston, estêve aqui pela última vez? E' claro que já não podes fazer com êle o que costumavas fazer há três ou quatro anos passados!

Bastante encabulado, conseguiu Pierston desfazer os embaraços suscitados pelo incidente, declarando que desejava, sinceramente, continuar a ser tratado por Avicia, da mesma maneira por que se entendiam na sua meninice. Depois disso se seguiram vários minutos de palestras sôbre os mais variados assuntos. Lamentava o rapaz que o seu involuntário movimento o houvesse assim atraiçoado. Ao despedir-se repetiu que, se Avicia o tratasse de maneira diferente da de sempre, êle jamais lhe perdoaria. Mas, apesar de se haverem separado em boa harmonia, o rosto da moça estampava o pesar que o incidente lhe havia causado. Jocelyn retornou ao caminho e se dirigiu para a casa de seu pai, que ficava na vizinhança. A mãe e a filha ficaram a sós.

— Minha filha! Fiquei atônita ao ver-te proceder daquela maneira! — Exclamou a senhora. — Um jovem que vem de Londres e de cidades estrangeiras, acostumado a rigorosas normas de sociedade e ao trato de mulheres que quase têm por vulgar o sorrir abertamente, e vens tu a cometer tamanha imprudência! Como pudeste fazê-lo, Avicia!

— Não me lembrei de que já não sou uma criança! — Explicou a jovem bastante arrependida. — Eu o beijava antes, e êle me beijava sempre, antes de deixar-me.

— Mas, minha filha, isto era há muitos anos passados!

— Oh! Sim, bem sei, mamãe; mas, naquele instante eu esqueci isso. Pareceu-me o mesmo Joce de outros tempos.

— Bom, a coisa já não tem mais remédio; hás de ir com mais cuidado de agora em diante. Êle tem muitas jovens, entre as quais terá que escolher uma, e, podes crer, os seus pensamentos são poucos para ti. Êle é, segundo dizem, um escultor, e aspira a ser, algum dia, um gênio em sua arte.

A jovem murmurou como num gemido:

— Bem, já não tem mais jeito o que fiz.

Nesse ínterim, Jocelyn Pierston, o escultor de embrionária fama, havia seguido para a casa de seu pai, homem prosaico entregue apenas a negócios e ao comércio, mas que mantinha em favor de Jocelyn uma mesada anual, enquanto não chegava o dia de glória. O velho, porém, como não fôra avisado da visita de seu filho, não estava em casa. Jocelyn lançou uma olhadela para a casa paterna e estendeu a vista pela amplidão, demorando-se a olhar os pátios de pedreiras onde as serras iam e vinham na faina cotidiana de dividir blocos de pedras. Pareciam as mesmas serras e os mesmos blocos que vira quando de sua estada anterior. Continuando, atravessou a vivenda até ao jardim posterior.

Como todos os jardins da ilha, estava rodeado de uma cêrca de pau a pique, comunicando pela extremidade ulterior, por um ângulo, ao jardim da família Caro. Mal chegara ao limite do cercado, ouviu do outro lado murmúrios de quem falava e chorava ooss soluços. Prestando mais atenção, reconheceu que se tratava de Avicia, a qual parecia estar confiando seus segredos a uma amiga.

— Meu Deus! O que fiz eu?! O que fiz! — Dizia amargamente. — Quanto atrevimento! Como me sinto envergonhada! Como pude pensar em semelhante coisa! Êle nunca me perdoará. Nunca, nunca mais voltará a estimar-me. Crerá que não passo de uma doidivanas, de uma presumida. Eu me esqueci de que já não era a garotinha de ontem. E que êle continue a pensar que ainda o sou.

A maneira de falar da jovem denotava que ela, pela primeira vez, tinha a consciência de sua completa feminilidade. Sentia-se mulher e estremecia.

— E você acha que êle se aborreceu com isso? — Indagou a amiga e confidente.

— Aborrecido? Ah! não. Pior ainda. Pareceu-me frio, altaneiro. Agora é gente fina, e, de maneira alguma, um homem da ilha. Mas, é inútil falar dêle. Desejaria morrer.

Ouvindo tudo isso Pierston procurou retirar-se sem ser pressentido, o mais depressa que pôde. Lamentava o incidente que acabava de causar tanta aflição naquele ingênuo coração; mas, não obstante, o caso começava a proporcionar-lhe uma fonte de indefinível prazer. Voltou a casa e quando já seu pai de regresso o recebeu carinhosamente, almoçaram juntos, saindo outra vez o rapaz com o intuito de amenizar a tristeza de sua jovem vizinha, não com intenções mais sérias, pois que o seu afeto por ela era mais um sentimento de amizade fraternal, não sendo de esperar que a velha amizade de infância viesse a tornar-se, com o episódio, num amor que, se resolvesse em compromissos com Avicia Caro.

Capítulo II

O difícil agora era encontrá-la, se bem que, naquele pedaço de pedra a dificuldade estava em evitar-se uma pessoa, do que em encontrá-la. Mas Avicia, depois daquele caso, se transformara numa outra jovem, de costumes discretos, pelo efeito que em seu espírito produzira aquela saudação impulsiva. Por mais esforços que fizesse, e mesmo vivendo vizinhos, Jocelyn não mais pôde dar com ela e conversar, conforme era o seu desejo. Sempre que a via, procurava ir até ela; mas a pobre moça, como que percebendo as intenções do rapaz, entrava em casa e se escondia em seus aposentos.

Ansioso Jocelyn por acabar com aquela tragédia que se armara no íntimo de Avicia, chegou à conclusão de que aquelas esquivanças da moça não podiam mais continuar. Os costumes da ilha eram primitivos e francos. Não havia entre os seus habitantes, mesmo entre pessoas mais bem postas na vida, subterfúgios e simulações. Por isso, ao notar o retraimento da jovem, Jocelyn decidiu tirar a coisa a limpo e a seguiu quase até dentro de casa, chegando ao primeiro degrau da entrada.

— Avicia!

— Sr. Pierston.

— Por que corre assim escadas acima?

— E' porque preciso ir buscar uma coisa.

— Bem. Quando a encontrar, pode descer?

— Não posso voltar.

— Vem, querida Avicia! Você sabe que muito a aprecio!

A moça não respondeu.

Êle continuou:

— Bem. Se não quer descer, não desejo amolá-la mais.

E se foi.

Estacara a olhar as flores de antigas espécies a crescer ao pé da cêrca do jardim, quando, inesperadamente, ouviu uma voz que lhe diz por detrás dêle:

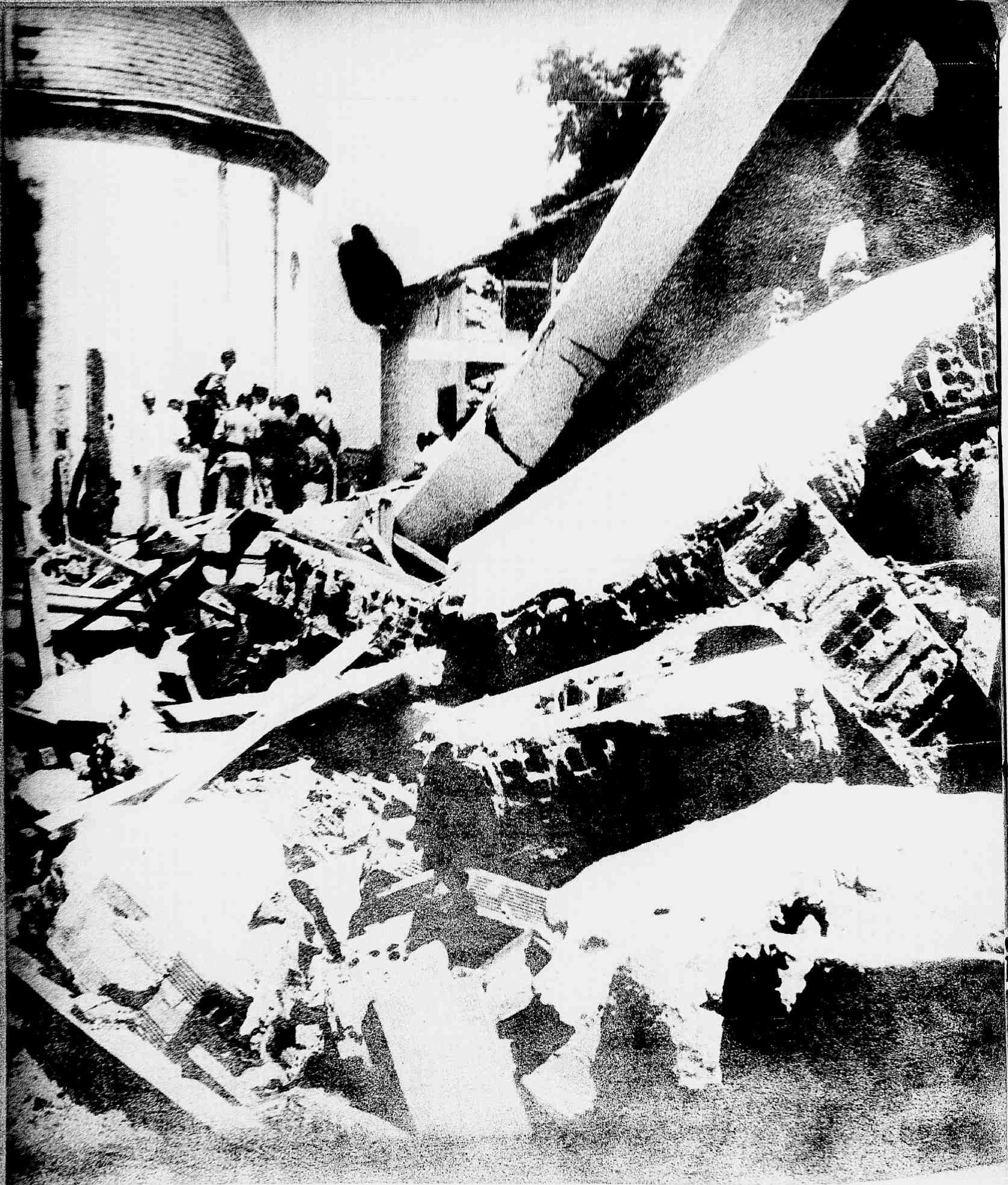
— Senhor Pierston, não me incomodei com o senhor. Ao vê-lo partir, pensei que estivesse interpretando mal minha negativa; e resolvi vir dizer-lhe que continuo a ser sua amiga.

Ao voltar-se viu junto de si a ruborizada Avicia e exclamou:

— És uma boa e amável menina.

Tomando-lhe a mão imprimiu em sua face o beijo com que devia ter correspondido ao dela no dia de sua chegada.

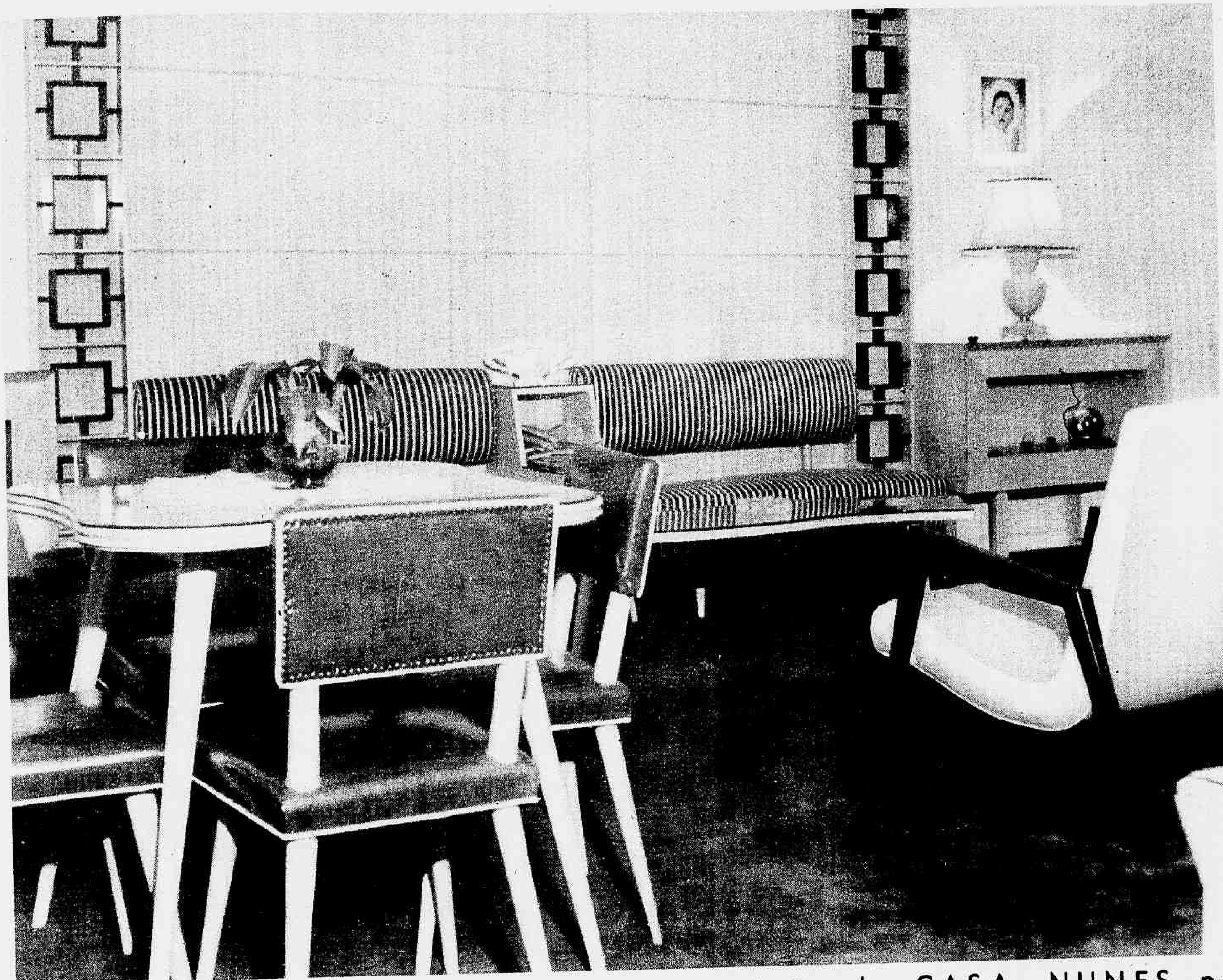
(Continua no próximo número)



ÚLTIMO FLASH

OITO e vinte da manhã de quinta-feira, 15 de janeiro de 1953. Em espaçoso edifício de dois andares, destinado a uma creche para filhos de paroquianos de S. Francisco Xavier, nesta capital, trabalhavam operários e mestres-de-obras, quando ensurdecedor ruído antecedeu ao desabamento total. Cerca de dez feridos e um morto. O edifício estava prestes a inaugurar-se, já havendo sessenta crianças inscritas para ocupar o berçário no andar térreo, destinando-se o segundo para secretaria, cinema, biblioteca. Foi um desastre milagroso, por mais estranha que seja a classificação. A instituição era religiosa, e os prejuízos se elevam a um milhão de cruzeiros.

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS



projeto da CASA NUNES para
CURITIBA — Estado do Paraná



Tapêtes e passadeiras

de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados

especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade



GRATIS

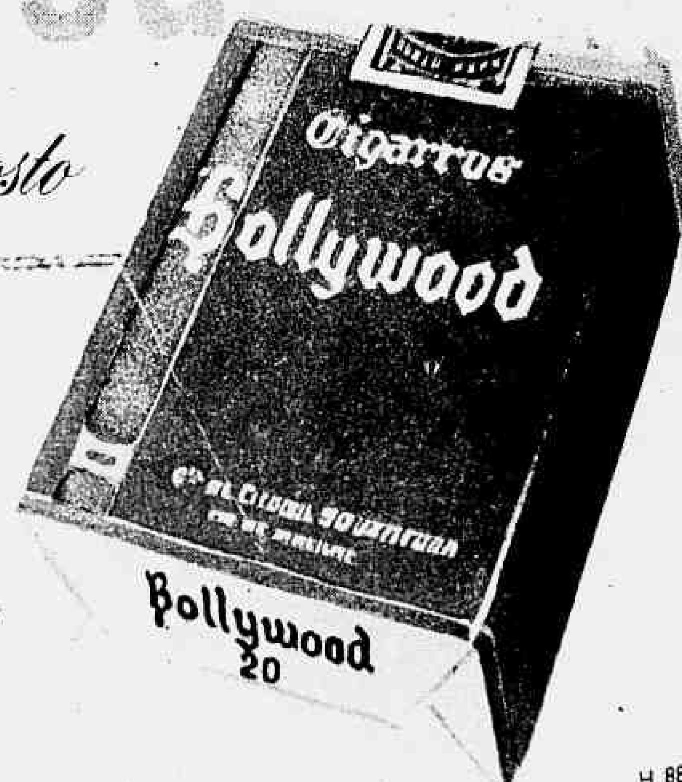


As boas coisas atraem...

A limpidez e a pureza da água marinha exercem irresistível atração sôbre as pessoas de agudo senso estético... Invariàvelmente, essas pessoas preferem os cigarros Hollywood pela sua classe e pela sua qualidade insuperável.

cigarros **hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H 88 150